

EXSITANIA

28



Abilio Guimarães
1931

Para Eleição da « Rainha » da Colónia Portuguesa

O ENCERRAMENTO DO CONCURSO

A publicação de coupons, far-se-á até às edições de 31 de Outubro e a apuração final será em 30 de dezembro, não havendo prorrogações em hipótese alguma.

A COROACÃO DA "RAINHA"

Realizar-se-á no mês de Janeiro, com toda a solenidade, a cerimonia da coroação da senhorita que fór eleita "Rainha" da Colónia Portuguesa. Nessa mesma ocasião, serão entregues ás demais eleitas, os prémios que lhe foram destinados.

OS PRÉMIOS PARA AS CANDIDATAS VENCEDORAS

Caberá o primeiro prémio á candidata que fór eleita "Rainha" da Colónia Portuguesa, e constará de uma viagem a Portugal com a pessoa que a acompanhar, em primeira classe e despesas de hospedagem por nossa conta.

A viagem far-se-á em Abril do próximo ano, num dos melhores navios da Companhia Nacional de Navegação, em camarote de luxo, por especial deferência e gentileza da administração daquelle conceituada empresa. Durante a sua estadia em Portugal, a "Rainha" será hospede dos principais e melhores hotéis do país, tais como:

Em Lisboa — Hotel l'Europe, Hotel Metropole e Francfort-Hotel;

No Bussaco — Palace-Hotel, o mais rico e luxuoso da península;

Na Curia — Palace-Hotel, o maior de Portugal;

Em Coimbra — Hotel Astoria, o melhor da Rainha do Mondego;

No Mont'Estoril — Grande Hotel d'Itália, o mais elegante e confortavel da Costa do Sol, preferido pelos touristes da Inglaterra, França, Bélgica, Itália, etc.;

No Porto — Grande Hotel do Porto, o melhor e o mais luxuoso do Norte de Portugal;

Em Santo Tirso — Hotel Sidney, o mais moderno e o mais confortavel da provincia.

No Gerez — Grande Hotel do Parque, o melhor e o mais bem frequentado da Estancia.

O VALIOSO PRÉMIO DA SUL AMÉRICA

A Sul America "Capitalização", concorre com o valioso prémio de 5:000\$000, representado num titulo inteiramente saldado do seu plano Capitalização, para a candidata que obtiver o 2.º lugar na apuração final e que será a "Princesa" da Colónia. Esse titulo concorrerá ainda aos sorteios mensais daquela poderosa e conceituada organização, com as iniciais R C P (Rainha da Colónia Portuguesa).

Quadro das Candidatas Habilitadas e sua actual colocação

Candidata	Votos
LEOPOLDINA BELO (Viseu)	64.677
AMELIA BORGES RODRIGUES (Açores)	52.997
ISALINDA SERAMOTA (Mirandela)	33.164
ADELIA CUNHA LEITE (Famalicão)	30.760
MARIA BENILDE MIRANDA (Baião)	8.450
MARIA NATÁLIA DE BRITO (Lisboa)	7.713
BERTA FERREIRA DE SOUSA (Porto)	6.504
MARIA LUISA COSTA (Lisboa)	6.394
ROSINHA PEIXOTO (Braga)	4.977
CLOTILDE DO GEO E SOUSA (Bouro)	4.518
CLOTILDE LEITE DA SILVA (Porto)	4.103
ALDA RODRIGUES BORGES POMBO (Lisboa)	4.047
LEONILDE CARVALHO (Abrantes)	2.556
FLORA DA ROCHA (Viana do Castelo)	2.200
GRACINDA SOARES (Porto)	1.834
ADELAIDE LUCIO REIS (Valpassos)	1.729
MARIA GONÇALVES DE CASTRO (Póvoa de Varzim)	1.716
MARIA DE LOURDES JACOME (Braga)	1.120

As Bases do Concurso

1º) — O Concurso é de natureza social-esportiva e a elle podem concorrer todas as portuguesas natas que vivam no Brasil, de mais de 15 e de menos de 30 anos, solteiras e que reunam ás qualidades de beleza física as virtudes e os sentimentos tradicionais nas mulheres portuguesas, além de relativo preparo intelectual, que lhes permita a representação social da maior colónia portuguesa do mundo.

2º) — A eleição da Rainha da Colónia Portuguesa é feita por meio de coupons publicados na PÁTRIA PORTUGUESA e na LUSITANIA, que o leitor enviará á nossa redacção, pelo correio ou em mão, com o nome da sua candidata e a indicação do logar onde a mesma nasceu. Cada coupon da PÁTRIA PORTUGUESA valerá UM VOTO e cada coupon da LUSITANIA valerá SETE VOTOS, a fim de que haja uma relação equitativa entre o preço de uma e outra publicação.

3º) — As apurações serão feitas todas as semanas, ás quartas-feiras, ás 20 h 12 horas, em nossa redacção, á praça Tiradentes n.º 73-2º andar, com a presença de todos os interessados, e do publico, que ficam para esse fim convidados. Os coupons serão publicados em todos os números da PÁTRIA PORTUGUESA e da LUSITANIA, até ao dia 31 de Outubro do corrente ano.

4º) — O Concurso abrange todo o Brasil. Dos Estados, os votos devem vir, como os do Rio de Janeiro, pelo correio ou em mão. Para receber uns e outros, indistintamente, encontra-se uma urna especial em nossa redacção, sendo que os votos dados á candidata que se verifique não estar nas condições exigidas pelo artigo 1.º, poderão ser anulados pela Comissão do Concurso.

5º) — A duração do Concurso será de seis meses, no mínimo. A publicação de coupons, tanto na PÁTRIA PORTUGUESA como na LUSITANIA, termina nas edições de 31 de Outubro, e a apuração final será feita no dia 30 de Dezembro.

6º) — A candidata eleita Rainha da Colónia Portuguesa, a empresa editora da PÁTRIA PORTUGUESA e da LUSITANIA dará, como prémio, uma viagem de 1.ª classe a Portugal, com todas as despesas de estadia e retorno pagas, em companhia de uma pessoa de sua familia. Além desse prémio pleiteará outros junto ao comércio daqui e dos Estados, não só para a Rainha, como para as candidatas que se lhe seguirem em votação até ao 4.º logar. A candidata colocada em 2.º logar, caberá o titulo de "Princesa da Colónia Portuguesa".

7º) — Toda a correspondência relativa ao Concurso deve ser remetida para a nossa redacção, praça Tiradentes, 73-2.º, dirigida ao Director do Concurso da Rainha da Colónia.

A "PRINCEZA" DA COLÓNIA TAMBÉM TERÁ UMA VIAGEM

A "Rainha" da Colónia que fór eleita no nosso concurso, terá como prémio principal, uma viagem a Portugal. E a "Princesa" também terá um prémio semelhante, não a Portugal, mas ao Estado de Minas, por gentileza da Empresa das Aguas Lambary, que lhe oferece uma estadia de repouso na afamada estancia de Lambary, pelo periodo de 15 dias, bem como á pessoa da familia que a acompanhar, em época que fór combinada. A hospedagem da "Princesa", no Hotel Central, estabelecimento modelar daquela estancia, e as despesas da viagem desde a condução para a estação central do Brasil até Lambary e volta, serão custeadas por aquella conceituada empresa.

viços desse conhecido estabelecimento para a "Rainha" e "Princesa", até ao seu embarque para fóra desta capital.

A RAINHA, MADRINHA DA EXCURSÃO
Acompanhará a "Rainha" uma grande excursão de portugueses e brasileiros ao nosso país, e conjuntamente uma peregrinação de fiéis, que irá a Fátima, a nossa Lourdes. A "Rainha" será também considerada madrinha da excursão e presidirá á todas as festas que se realizem.

RECEPCÃO DA RAINHA EM PORTUGAL
A "Rainha" será recebida em Portugal com excepcionais homenagens. Uma grande comissão constituída por ilustres damas da melhor sociedade portuguesa, receberá condecoradamente a "Rainha" da colónia e formará a sua corte de honra.

OFERTAS PARA AS VENCEDORAS DO CONCURSO

Registamos, com desvanecimento, as seguintes ofertas:

Da Sul-América "Capitalização" — Um titulo saldado de 5:000\$000, para a candidata que fór eleita Princesa da Colónia.

Da Empresa das Aguas da Lambary — Uma viagem e estadia de repouso de 15 dias na estancia de Lambary, para a "Princesa" e a pessoa que a acompanhar, com hospedagem no Hotel Central.

Da Companhia Hanseática — Dois mil escudos para auxilio da viagem da "Rainha".

Da casa "A Cedequite" — Todo o calçado de que precisar a "Rainha", para as festas nesta capital e para a viagem a Portugal; todo o calçado de que precisar a "Princesa" para as festas nesta capital, e para a 3.ª candidata mais votada, um par de sapatos á sua escolha.

Da firma N. Guimarães & Cia.: proprietária da Casa Guimarães, rua Luiz de Camões, 16: uma maquina de costura "Bobina Central", para uma das candidatas mais votadas.

Da Joalheria Esmeralda: um objeto de joalheria a escolher.

Da firma M. Pereira Marques & Cia., proprietária da "Esperança do Brasil", rua da Carioca n. 52: Uma rica colcha branca, para a vencedora do 1.º lugar; 3 pares de meias de seda do melhor fabricante, para a vencedora do 2.º lugar; 1 par de ligas de seda e uma caixa de sabonetes finos para a vencedora do 3.º lugar, e um par de ligas de seda para cada uma das sete mais votadas.

Da firma Patrone & Cia.: proprietária da fabrica de chocolate "Patrone": uma artística caixa de finos bonbons, do custo de 200\$000.

Da Empresa de Aguas de São Lourenço — Uma caixa de águas.

Da Academia Científica de Beleza — Um estôjo com uma série de productos de beleza "Rainha da Hungria" e todos os ser-



S. PEDRO DO SUL — Grupo feito após o almoço de despedida ao Sr. Manuel Ferreira Junior, 2.º comandante dos Bombeiros Voluntários. — (Foto Edgar Santos).

AS CONTROVERSAS CURIOSAS

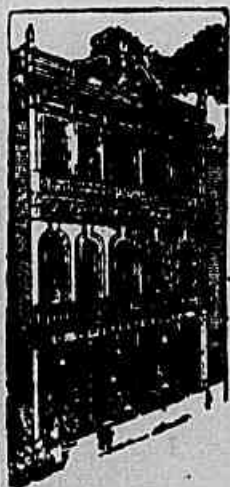
Na França discute-se um caso singular de nudismo entre marido e esposa

Praticar o nudismo perante a sua mulher constitui para ela uma ofensa grave?

O caso vai ser decidido pelos tribunais franceses. Uma esposa pudibunda acaba de apresentar perante o presidente do tribunal civil de Paris uma petição de ação de divórcio litigioso, com o fundamento de ter recebido uma injúria grave de seu marido. Este, engenheiro parisiense, perfeito homem de sociedade e excelente marido, converteu-se, ao aproximar-se o verão, ao nudismo integral. A sua maior aspiração é viver no país da gente nua, passar os fins de semana no traje mais sóbrio, em companhia de homens e mulheres praticando os desportos, vivendo com simplicidade, à maneira edénica. E imaginou convencer sua mulher a partilhar os seus princípios sobre o naturismo. Porém, ela, embora não receasse nenhuma crítica sob o ponto de vista estético, em se mostrar como a mãe Eva, recusou-se terminantemente a satisfazer o desejo do marido. Este começou pois a praticar o nudismo sozinho, o que provocou entre os dois uma série de discussões que terminaram pelo rompimento.

Não deixará de ser interessante a discussão desta causa no tribunal, onde os partidários do nudismo integral e os seus adversários farão sentir a sua influência por intermédio dos advogados das duas partes. O advogado da esposa que se pretende divorciar é o Sr. Martinand-Desplat. O réu só depois da respetiva intimação constituirá o seu, que por mais nudista que seja não poderá dispensar-se de, pelo menos, aparecer de toga no tribunal que vai julgar a causa.

A situação do juiz é verdadeiramente embaraçosa. Segundo a lei, tem de fazer tentativas para a conciliação dos dois esposos. Que vai ele propôr? Que o marido use o "slip"? E será isso o suficiente para sua mulher condescender em continuar a vida conjugal? Ou, pelo contrário, não se considerará moralmente o juiz obrigado, em nome do princípio jurídico, de que no casal, o chefe é o marido, a convencer a esposa a conformar-se com a vontade deste e a desnudar-se igualmente, não no tribunal como o fez a Phriné, mas na intimidade conjugal?



Grande Sortimento de ROUPAS BRANCAS

Para Homens e Meninos — Artigos para Cama e Mesa — Linhos, Cretones, Morins e Algodões
Roupas para Banhos de Mar e para inverno

ESPERANÇA DO BRASIL

RUA DA CARIOCA, 52



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

— LISBOA —

(COMPANHIA PORTUGUEZA)

Viagens rápidas

Preços Economicos

Conforto e hygiene

NOS VAPORES

Nyassa, Quanza e Angola

FAZENDO ESCALAS POR

PERNAMBUCO

MADEIRA — LISBOA

LEIXÕES

Para passagens, Cargas e quaesquer informações, dirigir-se á
COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Agentes: MAGALHÃES & CIA.

Rua 1º de Março, 51 — Fones 4-1852 e 4-2029

A velhaco, velhaco e meio

Um grande pintor francês, extremamente avarento, foi um dia atacado de uma doença de olhos que o obrigou a procurar um especialista. Indicaram-lhe o melhor que só tinha o grande inconveniente de levar quarenta francos pela primeira consulta e vinte pelas seguintes. O nosso homem, extremamente inquieto por ter de desembolsar logo de entrada tanto dinheiro, tanto parafusou que descobriu a maneira de pagar metade da primeira vez anunciando-se como um cliente já conhecido.

E, assim, ao entrar no consultório, foi dizendo:

— Bons dias, doutor! Eis-me aqui mais uma vez...

O médico interrogou-o, examinou-o conscienciosamente e, num dado momento, com um sorriso malicioso despediu-o nestes termos:

— Meu caro senhor: não está melhor nem peor... Queira continuar o mesmo tratamento, até ver.

E o pintor teve de largar os vinte francos e retirar-se desesperado pela sua velhacaria.



PELA PROVÍNCIA — Uma linda paisagem do rio Vouga. (Foto Edgar Santos)

COISAS DA RUSSIA

Onde estará o dinheiro do Tsar Nicolau ?

O governo russo ordenou que se façam amplas investigações para averiguar do paradeiro dos dois mil milhões em ouro, aproximadamente, que se diz terem sido colocados em Bancos estrangeiros, pelo tsar. Uma comissão de peritos sairá, em breve, de Moscovo para entrar, pessoalmente, em contacto com os directores de Bancos que tinham a sua guarda dinheiro russo, antes da revolução.

Segundo cálculos do governo sovietico, só os Bancos franceses tinham em depósito cerca de 648 milhões de francos, ouro. Os russos querem, agora, saber se os membros da família Romanof levantaram tais depósitos ou o que foi feito deles. Já em 1924 se levantou uma discussão, no Senado francês, sobre o ouro russo, pois houve o projecto de indemnizar com ele os portadores dos empréstimos daquela nacionalidade, e os franceses que tinham sido expropriados, na Rússia, dos seus haveres, após a revolução. Não se chegou, então, a qualquer acôrdo.

O que é certo é que o tsar depositou, antes de ser destronado, num Banco de Inglaterra, ouro no valor duns seis milhões de contos. Este ouro foi, na sua maior parte, levado, durante a guerra, por um cruzador japonês, de Arcangel para Inglaterra. Não se pôde averiguar o que foi feito desse dinheiro, mas, na Rússia, julga-se que tenha sido empregado, secretamente, em indemnizar os súbditos britânicos que a revolução russa expropriou dos seus haveres. Além dos tais enormes depósitos de ouro, o tsar tinha no Extremo Oriente várias contas bancárias de alguns milhões de yens, e também existia outro depósito num Banco de Nova York. A comissão de inquérito russa terá que fazer, realmente, uma viagem á volta do mundo á procura do ouro do tsar.

Uma revolta feminina

As alunas do liceu de Belgrado, a quem o reitor tinha proibido formalmente o uso do "rouge", do "baton" e de tudo o que representasse um sinal de "coquetterie", protestaram junto do ministro da Instrução contra essa "absurda" proibição e dirigiram aos jornais a seguinte carta aberta, que constitui uma verdadeira declaração de guerra:

"Não admitimos — dizem elas — que se empreguem para connosco processos de educação anti-diluvianos, que só servem para nos vexar.

"O "baton" nos lábios, o "rouge" e o pó de arroz nas faces, as unhas pintadas e os cabelos ondulados, têm para nós, infinitamente, mais importancia do que o latim e o grégo. O que, sobretudo, nos interessa é encontrar um marido, e nós não o encontraremos facilmente senão tratando convenientemente do nosso físico."



Revista Ilustrada de atualidades portuguesas e de aproximação luso-brasileira
: Edição quinzenal da :
PÁTRIA PORTUGUESA

Proprietários e editores:
C. CRUZ & CIA. LTDA.

Diretores: { Crisóstomo Cruz
Correia Varela
Redator-chefe: Joaquim Campos

Redação e Administração:
PRAÇA TIRADENTES, 73 - 2.º
TEL. { grafo — Patriota
fone — 2-0141

Officinas gráficas próprias:
AV. GOMES FREIRE, 138 - 140
Telef. 2 - 2437
RIO DE JANEIRO

Sucursal em S. Paulo:
RUA GENERAL OSORIO, 61
(Hotel Alliança)

Delegado Geral em Portugal:
RODRIGUES LARANJEIRA
Rua Penha de França, 68 - 1.º
LISBOA

Agente Comercial em Portugal:
ALVARO DE BARROS JUNIOR
111, Rua Sá da Bandeira, 111
PORTO

ASSINATURAS:
Brasil — Ano (24 números)..... 40\$000
Argentina, Uruguay e Estados Unidos (24 números)..... 50\$000
Portugal e outros países — Ano (24 números)..... 60\$000
Sob registo, mais 10\$000 para o Brasil e 20\$000 para o estrangeiro.
As assinaturas começam em qualquer época e são contadas por séries de 24 números. Pagamento adiantado.

TARIFA DE ANÚNCIOS:
Página de capa a cores..... 1:000\$000
Página de texto..... 700\$000
Meia página de texto..... 350\$000
Quarto de página de texto.... 180\$000
Oitavo de página de texto.... 100\$000

PUBLICAÇÕES INEDITORIAIS
Por página 1:000\$000
Por linha 10\$000
As páginas ou frações de página, quando impressas a cores, serão tarifadas com um aumento de 30%. Para pequenos anúncios, o preço é calculado na base de 10\$000 por centímetro de altura, em cada coluna.
A empresa incumbê-se de fazer desenhos e clichês, correndo as despesas por conta dos anunciantes, quando não se trate de contratos, para os quais ha condições especiais.

SUCURSAIS E AGÊNCIAS
A empresa da LUSITANIA tem sucursais nas principais cidades do Brasil e agências em todas as localidades, quer para assinaturas, quer para venda avulsa.

fidelísimas companheiras inseparáveis. A Polícia, obrigada a investigar, declara não lhe ser possível descobrir um sequer. Será por uma questão de solidariedade? Saberão todos quanto custa aturar uma mulher?!"

Em Changai, 25.000 mulheres empregadas na indústria da seda declararam-se em greve, não sem que primeiro tivessem estragado todo o maquinismo de 16 fábricas. Os prejuizos foram de milhares de libras.

TINTAS

PARA IMPRESSÃO

CAPPUCCINI & CIA.

Rua da Alfandega, 172 - Rio de Janeiro

Revista LUSITANIA é sempre impressa com as TINTAS HUBER

combatendo a *Bronchite*

com

PONCHE DE SIAN

VER-SE-Á LIVRE DE
TOSSES, ROUQUIDÕES,
CATARROS, ETC.

Propriedade e Edição
de
C. CRUZ & CIA. LTDA.
Direcção de
Crisóstomo Cruz e Correia Varela
—
Red. e Administração
PRAÇA TIRADENTES, 73-2.
Fone 2-0141
Tel. } gramas — Patriota
CAIXA POSTAL, 980
—
Officinas próprias
Av. Gomes Freire, 138-140
Telefone 2-2437

LUSITANIA

REVISTA ILUSTRADA
DE APROXIMAÇÃO LUSO-BRASILEIRA E
DE PROPAGANDA DE PORTUGAL
Pela Grandeza da Pátria — Pela Eternidade da Raça

ASSINATURAS
Para o Brasil:
Série de 24 números.. 40\$000
Argentina, Uruguay e América
do Norte:
Série de 24 números.. 50\$000
Portugal, (Continente e Colô-
nias) e outros países:
Série de 24 números.. 50\$000
Sob registro: Mais 10\$000
para o Brasil e 20\$000 para o
estrangeiro.
AVULSO
No Brasil.. 2\$000
Atrazado.. 3\$000

AS DIRETRIZES DA COLÓNIA

A eleição do Sr. Francisco de Souza Costa, para substituir o saudoso Visconde de Moraes na presidência da Beneficência Portuguesa, sugere-nos alguns comentários, que julgamos oportunos, sobre o programa dessa Sociedade, cuja atuação na vida da colônia deve ser cada vez mais vasta e mais sensível. A organização dos portugueses, no Brasil, passa, neste momento, por uma profunda transformação e, para que a obra em desenvolvimento tenha a eficiência precisa e a importância reclamada pelos nossos interesses morais e materiais, é necessário que todos os indivíduos e instituições lhe dêem o seu apóio e a sua colaboração de trabalho, de patriotismo e de boa vontade.

O Primeiro Congresso dos Portugueses do Brasil, abriu caminhos novos ao ideal supremo da comunidade: a união. E conseguida esta primeira parte, que já está magnificamente simbolizada na constituição da Federação das Associações Portuguesas, o resto virá naturalmente, como corolário das nossas aspirações. A união da colônia não deve ficar, porém circunscrita unicamente ao sentido moral: precisa e deve estender-se a todas as necessidades do meio, provendo-as dentro dos recursos e das forças existentes. Acreditamos mesmo que do Segundo Congresso ha de sair uma providência que resolva plenamente o problema no terreno amplo do auxilio, da cooperação e da solidariedade nacional.

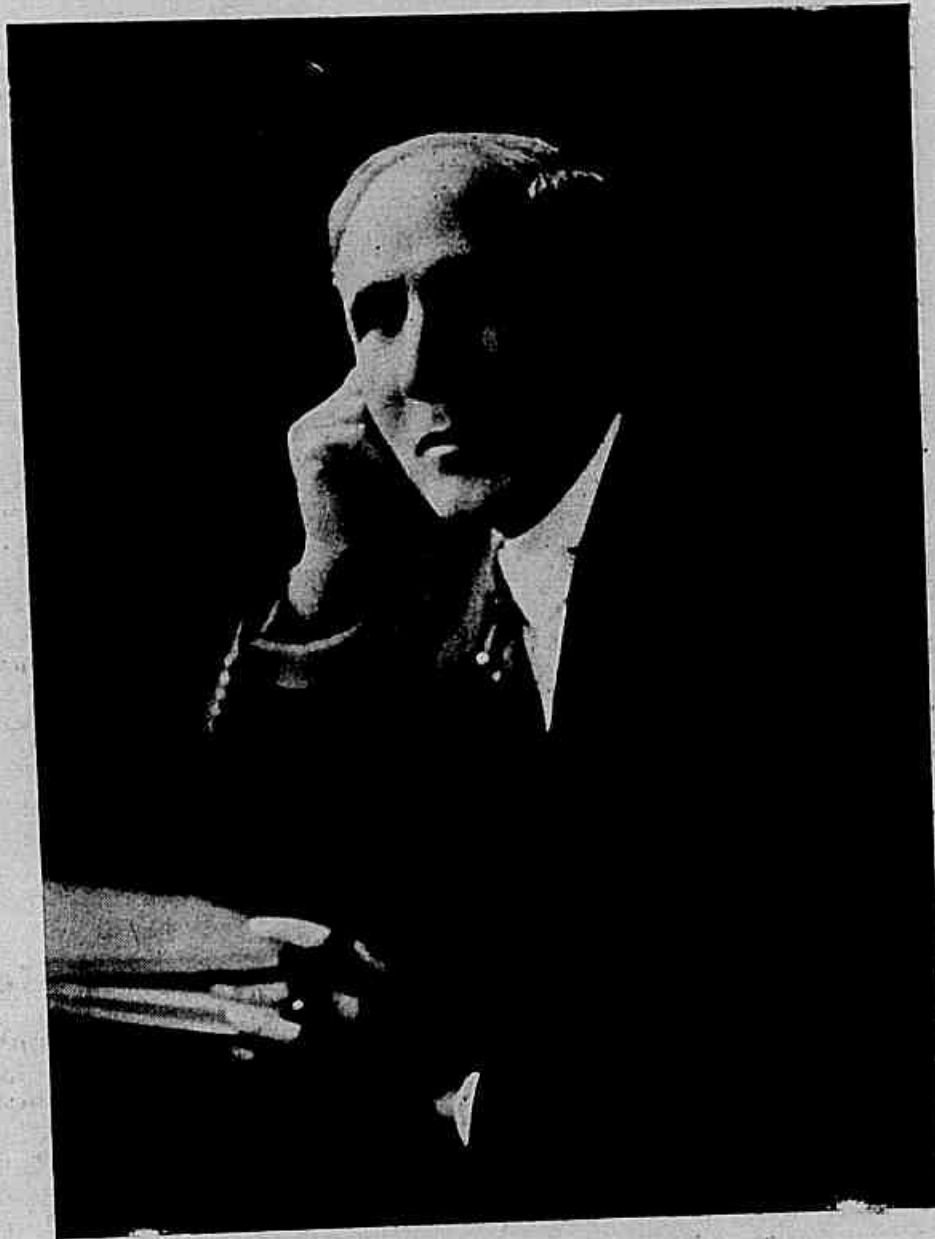
Devemos iniciar, entretanto, desde já a campanha pela conquista desse ideal. Não se deve transformar a organização das instituições existentes, mudando-lhes o caracter ou comprometendo os seus patrimonios. Mas dentro do próprio espirito que ditou a criação de cada uma delas ha forma de se conseguir a sua cooperação em uma obra de entendimento mutuo e, mais extensa que a dos estatutos atuais, visando o auxilio a todos os portugueses. Ha organizações que prestam relevantes serviços aos seus associados, mas que poucos ou quasi nenhuns prestam aqueles que além

de necessitados não foram previdentes. E' claro que nestes casos não está a Beneficência Portuguesa, que tem socorrido e internado muitas pessoas que não fazem parte do seu quadro social. Todavia o que se procura conseguir é que aquilo que se faz agora particularmente e precariamente seja oficializado, numa proporção que não prejudique os direitos dos sócios nem possa crear dificuldades ás instituições.

Achamos mesmo que com o tempo, e desde que as outras organizações concorram materialmente para isso, a Beneficência poderá tornar-se uma obra ainda maior, transformando-se no verdadeiro e único hospital da colônia. São três, pelo menos, as instituições que tendem a exercer na união da coletividade um papel preponderante: a Beneficência, que será, como dissemos, o Hospital da Colônia e o Gabinete Português de Leitura e o Liceu Literário Português que serão, respectivamente a Biblioteca e a Escola. E a renovação mental que se observa entre as individualidades e os institutos portugueses, autorisam-nos a acreditar que em breve atingiremos essa perfeição organica, na nossa vida coléctiva e patriótica.

A escolha do Sr. Francisco de Souza Costa para presidente da Beneficencia foi acertada e causou boa impressão. O substituto do Visconde de Moraes é um dos elementos mais prestantes da colônia e um nome por todos os títulos respeitavel e digno do nosso apreço. Mas por isso mesmo, porque o sa-

bemos um homem de valor e porque o vemos cercado pela simpatia de todos os portugueses é que nos abalançamos a fazer estes comentários. A Beneficência é uma instituição benemerita e importantissima. Mas precisa integrar-se no movimento renovador que se opera na organização da coletividade portuguesa, e traçar diretrizes mais amplas aos seus destinos e finalidades, de accordo com as diretrizes da colônia, que visam a união e o bem-estar de todos os portugueses. Não basta ser util aos socios. E' preciso ter utilidade geral.



O Sr. Francisco de Sousa Costa, novo presidente da Beneficência Portuguesa.

MEMÓRIAS DE AFRICA

PÁGINAS VIVAS
arrancadas á epopeia
dos portugueses
EM ÁFRICA

Os maiores poetas não são sempre os que a crítica consagra e eleva. Ha uma outra consagração, notavelmente maior e mais grata ao sentimento de quem escreve: a consagração espontanea, popular, que muitas vezes nem conhece o nome do poeta e para sempre lhe divulga a obra. Andam na tradição do povo as melhores quadras de João de Deus e Augusto Gil. Muitas delas são cantadas, á viola, pelos cegos, na poeira das estradas e no tumulto das feiras... Assim, da mesma fórma, os acontecimentos que mais impressionam a alma popular, teem, á margem das narrações literárias, essa outra consagração do verso, nem sempre rigorosamente rimado, mas nunca isento de entusiasmo. Lembro-me de quando Mousinho aprisionou o Gungunhana, e da série de feitos com que nessa época a nossa Africa sacudiu um marasmo velho de muitos anos. Os jornais encheram as suas colunas de narrativas mais ou menos exatas e de artigos sinceramente patrióticos. Publicaram-se livros, pronunciaram-se discursos, resaram-se hinos por entre o incenso das catedrais e das igrejas. Não faltou o verso de sete sílabas, a quadra ingénua, a comentar o acontecimento e a louvar os heróis. Entre outras, lembro esta:

*Portugal já está livre
Dessa tal guerra africana:
Já está preso o rei dos pretos
Que era o preto Gungunhana.*

E logo a seguir, esta outra:

*Já está preso o Gungunhana,
Ele já vem a caminho:
Viva o tenente Miranda
Mais o capitão Mousinho!*

Os versos, incontestavelmente, são medíocres; mas nêles se adivinha o sentimento popular, feito de admiração, de orgulho e de gratidão para com o punhado de homens intrépidos que naquêles anos simbolizaram o nosso reerguimento nacional.

Quando mais tarde Mousinho chegou a Lisboa, o entusiasmo culminou pelo delírio. D. Carlos, radiante, tinha no olhar azul reflexos de uma alegria imensa, ao abraçar esse homem de ferro onde palpitava uma alma de guerreiro antigo.

Conheci ainda Mousinho. Tratei com êle muitas vezes. Mousinho era meu parente muito próximo. Entre as suas amizades mais íntimas estava a que o ligava ao conde de Tarouca, por esse tempo morando em um palacete na rua Rosa Araujo. Os condes recebiam, todos os domingos, á noite, em familiaridade. Vivia ainda a marquês de Penalva, avó do conde, também minha prima. No seu vestido de seda preta, o cabelo muito branco, era, nos seus oitenta anos, uma figura de singular imponência, que dava ao salão do primeiro pavimento um aspéto de extraordinária gravidade. Em geral, Mousinho chegava pelas nove, nove e meia. Assomava á sala, saudava com um sorriso e sempre com algumas palavras gentis, e subia ao primeiro andar, onde o conde tinha o seu gabinete. No salão de baixo, dansava-se e conversava-se em frivolidades. Eu era então muito novo, mas a personalidade de Mousinho, a sua figura esguia, a sua face térrea, a auréola dos seus feitos, tudo isso me atraía e por mais de uma vez cometi a indiscrição de subir áquêl gabinete inacessível á mocidade despreocupada. Mousinho sempre me acolhia com benevolência, compreendendo a admiração



MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

que nutria por êle. Rapazelho que eu era, não se preocupavam muito comigo. O conde de Tarouca, admirado, mandava-me embora:

— Vai lá para baixo dansar, rapaz!

Mousinho falava em voz pausada. Nunca deixava o monóculo. A conversa dêles continuava. Falavam em coisas de Africa, em coisas da política metropolitana e muitas vezes em coisas de arte.

Quando Mousinho, vencido pelo tédio, se matou, o primeiro telegrama da provincia que chegou a sua casa, foi o de meu pai.

A atração que comeci a sentir pela Africa ainda nos tempos de criança, sugestionado pela leitura dos livros de Capelo e Ivens, Serpa Pinto e até Julio Verne, intensificou-se com o conhecimento de Mousinho. E um dia chegou em que me fui até a esse continente que ainda julgava misterioso e onde vivi os anos talvez mais belos da minha agitada vida.

Aquêl hábito, tornado inevitável; de cada governador, ao partir de Lisboa, levar consigo umas dúzias de amigos e recomendados para colocar, foi interrompido por Paiva Couceiro quando, a seguir á morte imprevista de Eduardo Costa, o govêrno franquista o mandou tomar conta de Angola. A Lusitania largou ferro a 1 de Maio de 1906 — um dia de sol radiante em que andavam pelo ar os pregões primaveris dos cabazes de morangos. Seguiu no mesmo paquete uma Companhia de Infantaria 12, destinada á Expedição que se organizava para bater os Cuamatos. O cais estava literalmente cheio. Quando o vapor desamarrou, os soldados subiram ao último tombadilho, acenando com os lenços. Em baixo, uma força prestava as honras militares e a banda executava o Hino da Carta. Que era essa, que a minha alma nunca mais esqueceu e a minha sensibilidade, mordida pela saudade, nunca evoca sem a indiscrição de uma lágrima!... A única pessoa que acompanhou Paiva Couceiro, fui eu, e mesmo assim sem compromisso de imediata colocação. Chegamos a Loanda no dia 15. Três dias depois chegaria ali o "Africa" levando Sua Alteza o Príncipe Real, o ministro Aires de Ornêlas e outros coloniais distintos. Então, já eu tomára uma reso-

Por SIMÃO
DE LABOREIRO
(Especial
para LUSITANIA)

lução: iria para o sul, como voluntário, combater á sombra da bandeira nacional. Não entrava em Africa pela porta aberta de uma secretaria. Ia abrir a porta da minha carreira sôb o batismo do fogo. Este um facto em que assenta o meu orgulho — nunca recebi favores, sempre conquistei posições. Quando, no dia seguinte á nossa chegada a Loanda, disse ao governador geral Paiva Couceiro o meu intento, êle não lhe pôs objeção alguma:

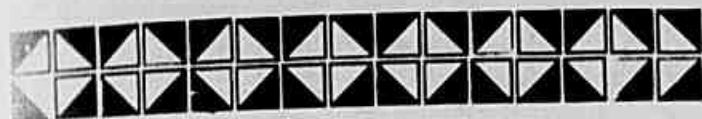
— Está bem; o João de Almeida, Chefe do Estado Maior, lhe passará a guia e dará uma carta; quando voltar, trataremos da sua colocação.

E foi, efêtivamente, só quando voltei, com uma perna atravessada por uma bala, que tive a minha primeira colocação, um lugar bem modesto, no Congo, servindo ás ordens do velho general Padrel — uma reliquia colonial. Os outros lugares a que ascendi, conquistei-os pelo meu esforço, pelo meu trabalho e também, porque não dizê-lo? pelos meus serviços.

Em Mossamedes organizei a minha indumentária guerreira: uma roupa de caqui grosseiro, um grande chapéu á boer, umas botas ferradas e uma polainas altas. Deram-me uma carabina e uma cartucheira. Sentime feliz nessa encadernação improvisada, que me dava semelhanças com as gravuras dos velhos livros que tinham feito vibrar o meu entusiasmo juvenil. Foi nessa figura que bati á porta do gabinete do governador da Hula e chefe da Expedição, Alves Roçadas. O governador olhou-me com surpresa, e só quando leu as cartas que lhe levava, entre elas uma do infeliz Príncipe D. Luiz Filipe, sorriu e me mandou sentar. Roçadas era baixo, magro, macilento, um pouco térreo como Mousinho de Albuquerque. Franzino de corpo, mas rijo de alma e serenidade. Nunca conheci homem mais sereno e imperturbável nos momentos do em grande parte o sucesso da expedição maior perigo e a essa serenidade se deve que comandou gloriosamente.

O Cuamato não era uma aventura. Com o Cuamato estava todo o Ovampo português, com reforço ainda dos herreros, terríveis negros do território alemão. Sabia-se que dispunham os nossos inimigos de um armamento extremamente aperfeiçoado. O desastre de dois anos anteriores, em que o destacamento do bravo Rubi foi surpreendido e massacrado a curtos quilómetros das margens do Cunene, aniquilando toda a possibilidade da expedição comandada pelo tenente-coronel Aguiar, dera aos cuanhemas e seus aliados uma audácia extraordinária.

No primeiro dia de marcha da Coluna — três mil homens — em terra inimiga, nada houve de sensacional. No dia seguinte, manhã cedo, a Coluna pôs-se em marcha, formada em escalões. A' frente, o Quartel General, a que eu estava adido. Junto de nós um negro gigantesco, Karipalula, antigo macota cuanhama, que junto a nós estava como guia e amigo. Tinha uns dentes alvíssimos e sorria como uma criança. Gostava imenso de pastilhas de chocolate e de vinho do Porto. Quando espalmava a mão direita, indicando uma direção, parecia que se abria uma montanha. O terreno era quasi totalmente despido de arborização. Um capim seco, rasteiro, amaciava a marcha dos peões. Ninguém falava. Uma ligeira ondulação de terreno, um plateau suave e em frente um descampado vasto,



uma clareira definida. O comandante perguntou:

— Como se chama?

— Mufilo, respondeu Karipalula.

José Lopes, um velho sertanejo conhecedor profundo da língua, disse-me ao ouvido:

— Mufilo quer dizer campo-do-silêncio.

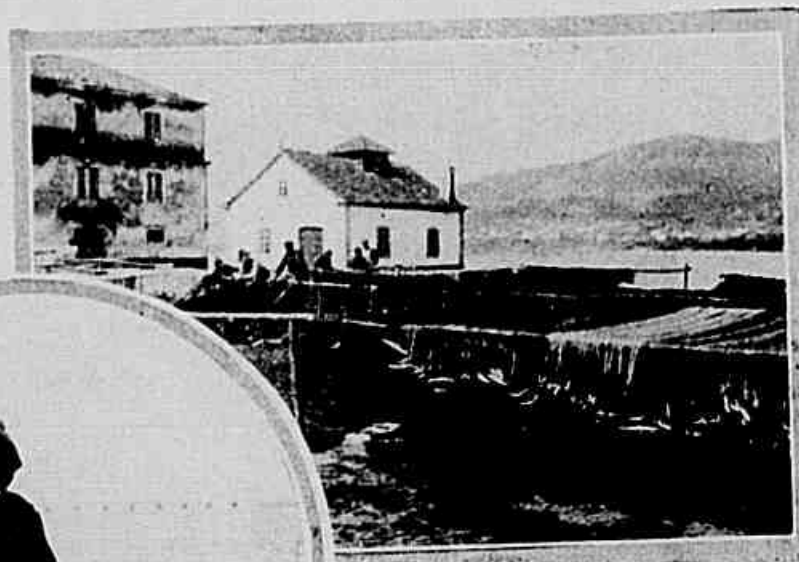
De facto, a não ser o restolhar do capim, o resfolegar de um ou outro cavalo e o canto dos pássaros, nada mais quebrava o silêncio.

Eram dez horas. O sol estava muito quente. De súbito, a Coluna ainda parada, ouviu-se um estalido seco, seguido logo por outros estalidos semelhantes. Das orlas da clareira partiam centenas, milhares de tiros de arma fina.

Uma voz de comando superior, o grito dos clarins, outras vozes de comandos de companhias e pelotões e os escalões, desdobrando-se, formam o quadrado em poucos minutos — cavalaria e comboio ao centro, infantaria europeia, contingentes de marinha e indígenas nas quatro faces, ajoelhados. Voam milhares de projéteis. Muitos deles estalam por de cima de nossas cabeças com um estalido que parecia o dos chicotes dos carreiros boers: eram balas explosivas, de efeito terrível, retalhando as carnes, dilacerando as feridas. Pelo meio dia, sol a prumo, o calor abrasava. Faltava água aos soldados e os bois atrelados aos grandes carros gemiam de sede também. O fogo tornara-se intensíssimo. As peças Canet despachavam metralha mortífera. Quando se divisavam grupos de negros, mais próximos dos quadrados, mandavam-se-lhe lanternetas, que os ceifavam como se fossem ondas de trigo. O combate tomava aspéto extremamente graves. Estávamos rodeados por mais de sessenta mil negros bem armados — e nós não éramos mais de três mil homens, em um país desconhecido, tendo ainda a lutar com o horror da falta de água. Só pelas quatro horas o fogo inimigo declinou um pouco. Após um preparo de artilharia, o comandante Roçadas mandou sair o 2.º esquadrão de cavalaria, comandado por Martins de Lima — um gentleman que não largava o monóculo mesmo no ardor da carga, que se tinha tornado célebre pela galanteria nos salões de Mossamedes e que era a mais completa encarnação da valentia, da bravura e do cavalheirismo. Aquela carga, se não teve as características da de Marracuene, foi extraordinária de disciplina e arrôjo. Quando, galharda-



VIDA DE PESCADORES



Costumes e Trabalhos da Pesca no Rio Minho

A vida dos pescadores é das mais árduas e penosas. Reproduzimos nestas gravuras alguns dos seus aspéto, no rio Minho, em Caminha: em cima, a seca das rédes, vendo-se também o quartel salva-vidas; regressando do trabalho; ao centro, sempre trabalhando e, em baixo, os barcos aguardando a maré para partir. (Fotos Celestino Pires).

mente cumprida a sua missão, voltou ao quadrado — o 2.º esquadrão, com seu garboso comandante á frente, vinha em passo de parada, os clarins mandando ao ar quente as notas estridulas da marcha de guerra. Um entusiasmo de delírio passou por todos nós e até os feridos se ergueram para aclamar aquêle punhado de portugueses tistados pelo sol, enfraquecidos pelas febres mas onde pulsava, Deus louvado, a grande, a generosa, a sublime alma lusitana que desde ha séculos anda a escrever por Africa páginas dispersas de uma epopeia gigantesca.

ridos sôbre esse drama glorioso, haverá no Campo-dos-Mortos uma singela pedra a re- viver os nomes dos que silenciaram para todo o sempre.

SIMÃO DE LABOREIRO.

Meia noite. Silêncio absoluto. O inimigo só voltará ao ataque ao clarear da manhã ainda distante. As sentinelas, vigilantes, interrogam, em silêncio, as trévas densas: a Coluna não tem holofotes. Da ambulancia veem gemidos de feridos. Amarrados, tiranizados, escravizados aos grandes carros boers, os bois de olhar húmido, soltam o mugido doloroso da sede. Sinto que cavam perto da cova onde descanso. E' uma grande cova que se abre. Para quê? Curiosamente, levanto-me, vou vêr. Junto á minha cova de vivo abre-se a cova para os mortos daquele dia. E no momento em que a lua desponta, derramando uma claridade muito tenue, resvalam para a cova enorme os corpos inanimados de umas dúzias de soldados portugueses, brancos e pretos, todos irmanados no heroismo com que defenderam a honra da bandeira e no sacrificio santo em que déram as vidas, radiantes de mocidade e de esperanças, pela colétividade santificada que se chama Pátria Portuguesa.

Campo do Silêncio... Mufilo... Campo dos mortos, dos primeiros mortos daquela jornada cruenta mas gloriosa, que lá ficaram, que lá permanecem, como reliquias a fecundar uma terra que tão ingrata tem sido. A ironia dos nomes aqui se justifica. Não sei se agora, vinte e quatro anos decor-



EM S. PEDRO DO SUL — Uma fonte que tem mais de 600 anos.

JUVENTUDE!

VENUS DE MILO
PADRAO DE BELLEZA

JUVENTUDE
ALEXANDRE
PADRAO DOS TONICOS
PARA A BELLEZA DOS CABELLOS
SEM SUBSTITUTO CONTRA
CABELLOS BRANCOS

POETISAS PORTUGUESAS

MEIO DIO

O sol vai alto. Agora é quasi a prumo:
 Hora da sesta, abençoada e santa!
 Sai dos casais, prometedor, o tumo;
 Os gados dormem, a cigarra canta.

A' luz do sol, a rosa brava deita
 Um cheiro forte que entonetece a gente;
 Nos milharais, a cotovia espreita,
 A arvêloa salta na agua transparente.

E no silencio que se fez, profundo,
 Ouvem-se as folhas a cair no chão,
 E o palpar do insecto moribundo.

Dormita á sombra o lavrador aldeão,
 Enquanto o sol, progenitor do mundo,
 Aloira os trigos e amadura o pão.

Maria da Cunha.

SOMBRA S

Distintamente, como á propria luz
 Se distingue o que vive e nos rodeia,
 Em cada sombra se distingue a ideia,
 Seja qual fôr o vulto que a produz.

Se a nossa magua em pranto se traduz
 E o mal n'um bem, áquele que o anseia,
 Tudo quanto se creia ou se descreia,
 Pelo temor da sombra se deduz...

Porém o vulto morre, e a saudade
 Nas almas que ficaram, também ha de
 ser a sombra presente do finado.

E é ela quem nos fala e nos afaga,
 Porque não morre nunca, não se apaga
 A indefinida sombra do passado.

Maria Leonor Reis.

ARTISTAS BRASILEIROS



Regina Maura é uma artista que pela sua inteligência vem marcando um lugar de destaque na cena brasileira.

No elenco da Companhia Procópio Ferreira, no Trianon, Regina Maura eleva-se entre as figuras que o compõem, impoñdo-se pela sua arte á consideração e estima do público. Amanhã, dia 17, a elegante e graciosa artista vai sentir bem essa estima e essa consideração. E' o dia da sua festa artistica, com a primeira representação da peça em 3 actos de Joraci Camargo, "O Sol e a Lua", e um acto de surpresas em que tomam parte alguns dos melhores artistas dos teatros do Rio. Enviamos-lhe antecipadamente as nossas felicitações.



LABORES FEMININOS — A professora de bordados, D. Estelita Cavalcante, e suas distintas alunas que ha dias lhe promoveram uma manifestação de simpatia.

FOOT-BALL

A Final do Campeonato



Venceram os Cariocas no jogo com os Paulistas por 3 x 0

Com o jogo realizado no último domingo entre os paulistas e cariocas, conquistaram estes o título de campeões de football, num renhido combate que venceram por 3-0. As nossas gravuras mostram duas belas fases dessa luta.

OS CASOS CURIOSOS

Póde uma pessoa morrer por sugestão? Um acontecimento impressionante dessa natureza

A morte pelo terror...

Já havia o caso célebre de um condenado á guilhotina que, tendo sido indultado, foi instrumento de uma experiência, por parte de sábios psiquiatras e fisiólogos. Não lhe comunicaram o indulto e levaram-no á guilhotina. Dobraram-lhe o pescôco, simularam correr o triangulo fatal de aço, e deitaram-lhe sobre as espáduas, nuas, um fio de água tépida. O homem — caiu morto de pavor.

O caso agora é mais curioso.

Em Nova York, está agora em moda um jogo chamado da "guilhotina". Consiste ele em apagar, de súbito, a luz numa sala onde se encontram as várias pessoas que jogam. Um dos jogadores, previamente designado pelo chefe da brincadeira, e sem que os outros saibam quem ele é, faz de assassino. Quando a sala fica ás escuras, o "assassino" lança-se sobre uma vítima, ao acaso, e simula estrangulá-la. Depois volta a misturar-se com os outros, e a luz acênde-se.

Então a vítima procura entre os assistentes o seu carrasco. Se o encontra, se o adivinha, o "criminoso" é condenado á guilhotina.

E este é o divertimento, porque a "guilhotina" presta-se a surpresas, brincadeiras e a um espetáculo curioso, em que uns são juizes e outros público.

Ora, ha dias, em Brooklin, alguns rapazes e raparigas estudantes reuniram-se, jantaram, riram e depois jogaram a guilhotina. Uma graciosa rapariga, que fizera de "assassino", foi descoberta pela vítima. Julgada, foi condenada á guilhotina, que devia acabar por uma saraivada de beijos e abraços.

A rapariga pôs o seu lindo rôsto na simulada guilhotina, e quando o jogo ia no auge, caiu sem sentidos a criminosa. Correram os companheiros, supondo ainda tratar-se de uma fantasia ao requinte.

A rapariga — estava morta. Fôra vítima do terrôr.

AOS MARIDOS...

Se as senhoras que nos lêem não ficarem satisfeitas com os conselhos que vamos dar aos maridos, é porque são muito difíceis de contentar. São dum jornal francês, e ei-los:

"Não penseis que por têrdes conquistado uma mulher, conquistastes uma escrava.

"Não penseis que vossa mulher tem menos sentimentos agora do que quando era vossa namorada. Apenas mudaram as relações dela convôscos; a sua natureza não mudou.

"Não penseis que vos é licito dispensar-vos para com elas de todas as pequenas civilidades da vida, pelo facto do casamento. Ela aprecia essas atenções, tal qual como as outras mulheres.

"Não sejais áspero e rude em casa. Se antes do casamento vos tivésseis revelado assim, provavelmente ainda estariéis condenado a ter de dar roupa ao rol da lavadeira e a pregar os botões.

"Não façais com que vossa mulher se convença de que vos é pesada, dando-lhe de má vontade o que ela precisa. Dai-lho com bom rôsto, como se vos fôsse um prazer dar-lho. Será melhor para ambos.

"Não vos intrometais nas coisas domésticas dispensa e na cozinha, como ela o não tem de pertencentes aos cuidados dela.

"Não tendes o direito de ir meter o nariz na entrar no vosso escritório e dar opiniões aos vossos empregados.

"Não classifiqueis de extravagancias o que ela gasta em lãs, fitas, rendas, etc., enquanto não tiverdes suprimido os vossos cafés, licôres e cervejas nos botequins.

"Não vos levanteis apressadamente da mēsa para sair e passar as noites longe da mulher. Antes do casamento só as podíeis passar ao lado dela."



PROPAGANDA DE PORTUGAL

O escritório onde funciona o Departamento de Turismo e Propaganda de Portugal, na Avenida Rio Branco, 27, e de que são diretores os Srs. Júlio de Araujo, superintendente da Companhia Nacional de Navegação; Indefonso Leitão, secretário da Camara Portuguesa de Comércio e Indústria, e o nosso confrade Gastão de Bettencourt.

TUMULO de GUTENBERG em MOGÚNCIA



GUTENBERG, o imortal inventor da imprensa, aquê- le que os homens jámais esquecerão, não teve o cuidado de, em vida, cuidar de um túmulo condigno... Os seus contemporâneos também pouco se preocupam com os seus despojos mortais. Resultado: ninguém se pode gabar de ter visto o túmulo de Gutenberg. Aquê- le que tem tantas ruas com o seu nome e tantas estátuas, não tem sequer um coval reservado para o seu corpo num cemitério pobre... Atendendo a este revoltante estado de cousas, a Sociedade Gutenberg resolveu iniciar, na Praça do Parque, em Mogúncia, cidade natal do grande homem, uma série de desatêrros, na esperança de descobrir enfim o túmulo que ainda ninguém viu e onde, ha quatrocentos e sessenta e três anos, foi enterrado o inventor da imprensa ou, pelo menos, aquê- le que mais contribuiu para espalhar essa admirável descoberta.



Tudo se substitue ou se esquece; mas não se substitue o ente querido, porque o que nos fez amá-lo é precisamente o que o distingue dos outros.
— C. Diane.



A glória humana bem ponderada nunca vale quanto custa.



estrada corria, cortando uns montados e bouças floridas de mato excomungado. Na volta, lá baixo, de encontro a uma lomba de pinhal manso, copado de sombras, uma casa faiscou como uma pincelada branca ao sol.

— Vês aquela casa? — perguntou-me o meu amigo, cujas largas mãos de hércules, enluvadas de lã cinzenta, manejavam como um brinquedo o volante do automóvel.

— Aquela casa branca?

— E' o casal dos Cabeços. Repara, quando passarmos por lá. Tem a sua história.

— Um cumhal de armas?

— Não. Um crime.

Daí a cinco minutos, o nosso admirável Brazier passava diante duma terrêa velha de quatro paredes caiadas, com o seu telhado duma só água, três cachorros de pedra

a aguentarem uma parreira sôbre a porta, e a sua chaminé estremenha com chapéu de duas telhas mouriscas juntas pelos topos no gesto cristão duma prece. Tinha á mão direita uma lindada viçosa de hortaliças; fumegava-lhe á porta uma testeirada de estêrco, onde fossavam os cães e onde os moscões cintilavam ao sol, como diamantes; e nas costas, empinada até entestar ao alto no pinhal, uma lombada de monte galgava, hirsuta, sangrenta, doirada de vinhêdos.

— E' esta a casa, — indicou o meu amigo, num gesto de cabeça.

E enquanto, duma moita rasa de mato queiró, duas perdizes assustadas levantavam vôo, disse-me, parando o automóvel um instante para acender o cigarro:

— Mataram aqui um homem.

— Quem?

— Já te conto.

O mato rescendia. O sol queimava, como uma labareda. A flor rôxa das torgas montesinhas dava a impressão de môsto a escorrer na terra escaldada. O meu amigo, rapidamente, sacudidamente, como se se comunicasse ás suas palavras a vertigem da marcha, contou-me o que fôra, na sua bárbara simplicidade, o crime do casal dos Cabeços.

— Ha seis meses morava aqui um homem que tinha sido caseiro de meu pai. Era o João Maria. Cincoenta anos, boi de trabalho, homem são, caçador como um perdigueiro, valente como as armas. Coalhou umas moedas na arca, arrendou êste bocado de terra, e casou com uma rapariga do lugar de Negros, a Rosária, que podia ser filha dêle. Um dia, vieram aí trabalhar no casal de cima uns maltêses. Era uma jolda dêles, mal encarados, com um manageiro pior que êles todos, — o Filipe. Dalí por diante, o João Maria começou a estranhar a mulher. Achava-se triste. O que era, o que não era, — até que duma

vez o manageiro, encontrando-o numa volta da estrada, deu um salto ao largo e meteu a mão á cinta. Quem mal não usa, mal não cuida. O João Maria seguiu seu caminho, e á noite, quando falou á mulher no Filipe, viu-a mudar de côr, o suor escorreu-lhe em baga pela testa, amparar-se a um môcho de cerdeira para não cair no chão, — e ficou a olhar para ela, de olhos esboghados, sem entender nada. Nessa noite, o pobre homem não dormiu. Na manhã seguinte, carregou a clavina, aperrou-a, meteu-a no vão da porta com o chumbeiro e o polvorinho de chifre, beijou a mulher, disse-lhe que depois do trabalho ia á vila, que não o esperasse até á noite, atirou a enxada ao ombro, — e abalou. Ainda não era noite fechada, estava de volta. Logo que deitou mão ao ferrólho da porta, ouviu um grito, o rumor duma tigela que se estilhaça no ladrilho, — e a luz apagou-se. — “Quem está ali?” — gritou êle.

Sentiu o resfolegar dum homem; depois, o estoiro dum tiro, que lhe chamuscou de raspão a camisa, sem lhe tocar. Tinha-lhe metido aos peitos a sua própria clavina, os canalhas. João Maria avançou; adivinhou um vulto a saltar-lhe na frente; viu faiscar-lhe ainda diante dos olhos o ferro duma navalha, — e, sereno, formidável, levantou nas duas mãos a enxada e abateu-a, dum golpe, na escuridão. Houve um ruído cavo; uma pastada quente, sangue ou lama, espirrou-lhe na cara; sentiu ainda a enxada arpoar em carne ou em farrapos; depois, o baque surdo dum corpo, um rônco de estertor, um grito, — e o silêncio. Recuou, até á porta; veio, a cambalear, para a estrada. Atrás dêle, gritando, saiu a mulher. Inútil. Ninguém a ouviu na charneca deserta. João Maria travou-lhe do braço, atirou-a para casa, ordenou-lhe: — “Acende a candeia!” Quando a luz crepitou, o cadáver do maltês Filipe apareceu debruços, com o crânio aberto, numa pôça de sangue. — “Mata-me! Mata-me a mim também!” — uivava a mulher, atirada sôbre uma arca. — “Não. O teu castigo é outro”. E logo, arremessando o capote, agarrando a enxada: — “Traze a candeia. Vamos enterrá-lo.” Enquanto ela alumia a tremor, varejada de soluços, João Maria abriu uma cova á porta da casa; obrigou a mulher a segurar o cadáver pelos pés, enquanto êle o aferrava pelos ombros; deitou o corpo á terra, que se esboroava em torrões; cobriu-o, bem coberto, pá sôbre pá; forçou a Rosária, transida, a lavar de rastos o sangue do manageiro, que empogava nos tijolos do chão; trouxe a candeia, entrou, fechou a porta, — e sentado na cama, tranquilamente, a carregar outra vez a clavina, preveniu: — “Se contas isto a

Por

J
U
L
I
O
S
D
A
I
N
T
A
S

MAXIMAS de UM SABIO da GRÉCIA



O filósofo Pitaco era um dos sete sábios da Grécia; entre as suas máximas, distinguíam-se as seguintes:

1.ª — Não darás a saber as tuas infelicidades senão a poucos amigos.

2.ª — Para saber falar é necessário saber calar-se.

3.ª — Obedece á lei, seja ela qual tôr.

4.ª — Olha para os teus amigos como para uma boa fortuna.

5.ª — Não ha coisa mais preciosa do que o tempo, nem mais escura que o futuro.

6.ª — A prudência deve prevêr as desgraças para as evitar, mas suportá-las com valor logo que elas chegam.

7.ª — E' muito difícil chegar a ser virtuoso; mas ainda é mais difícil sê-lo sempre.



Dizia D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, que calando se deshonra quem com mêdo se cala.



Preguntado Solon qual era a amarra mais segura para a conservação de uma República, respondeu: — Premiarem-se os bons e castigarem-se os máus.

alguém, m ê t o - t e na cova com êle”. Depois, sereno, limpando as mãos, despindo o colête de saragoça: — “E agora, mulher, vamos dormir”. Três dias depois, sem que se soubesse porquê, João Maria entregava-se á justiça.

A COLONI- ZAÇÃO

DO

BRA-

SIL

O 4.º Centenario

DA

Chegada

de Martim

Afonso

de

Sousa

a

SÃO PAULO

Das festas com que S. Paulo comemorou o 4.º centenario da chegada da frota de Martim Afonso de Sousa a Cananéa, publicamos o discurso do Sr. Dr. Afonso de Taunay, que é um hino ás glórias da raça e á ação colonizadora do Brasil, feita pelos portugueses:

"Faz exatamente hoje quatro séculos que, dissipando-se a cerrada névoa daquêlê dia de Santa Clara, doze de Agosto de 1531, achou-se uma frota de cinco pequenos bateis em face á entrada da baía de Cananéa.

Realizava-se mais uma daquelas prodigiosas jornadas que cobriu de glória o nome lusitano e cuja rememoração meditada do maior assombro nos enche hoje.

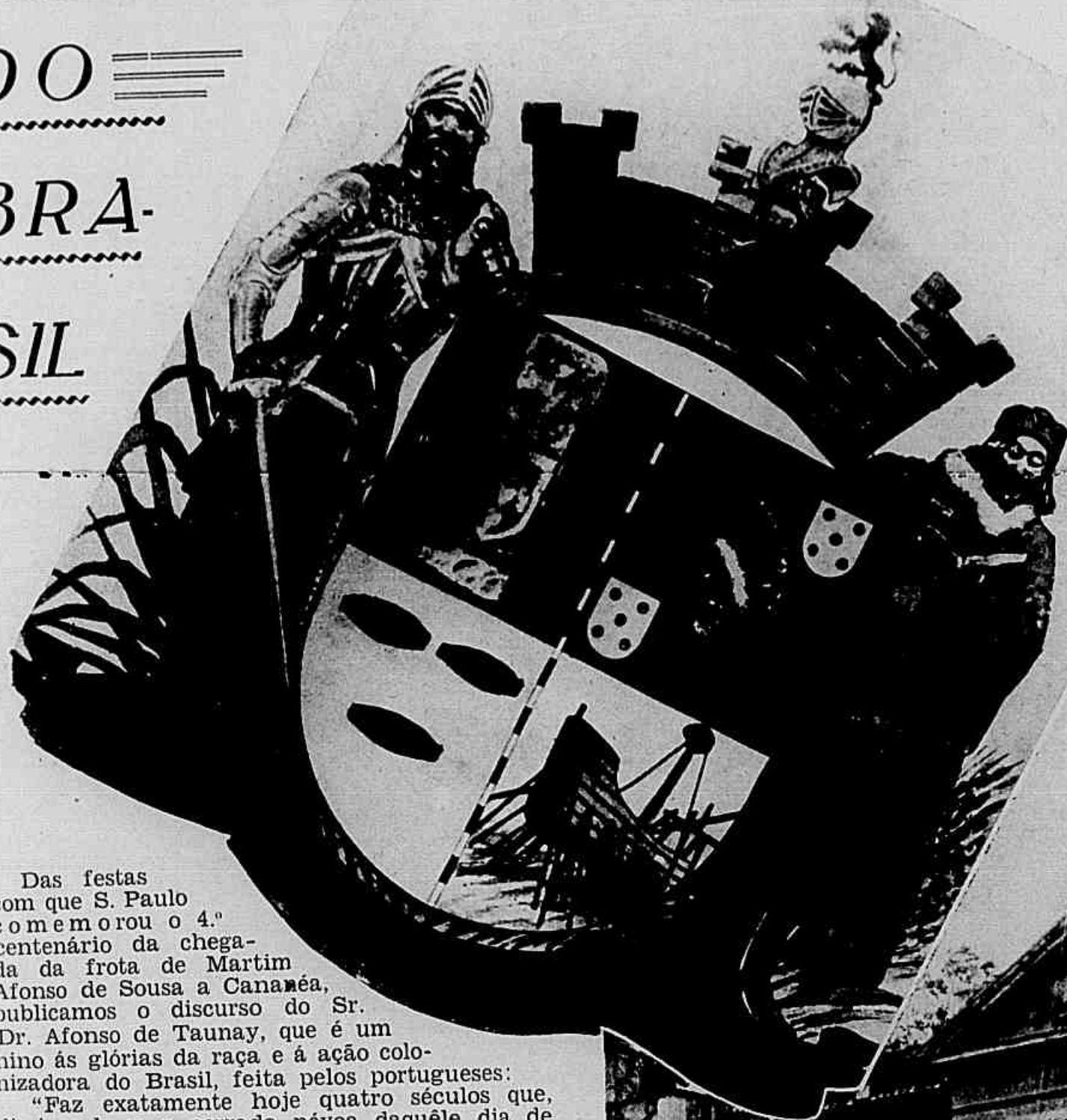
Comandavam-na dois irmãos, daquela estirpe de portugueses formidáveis, dilatadores da Fé e do Império, a quem Neptuno e Marte obedeciam, émulos daquêles a cuja audácia nada intimidava; os navegadores e conquistadores que aos europeus, até então apegados ás suas aguas litoraneas haviam ensinado a devassar a imensidão dos Oceanos e dos Continentes ignotos, pioneiros do apossamento do Universo pelos homens de raça branca.

E realmente, eram os dois filhos de Lopes de Sousa os rivais daquêles prohombres de sua raça que se chamavam Bartolomeu Dias e Vasco da Gama, Fernando de Magalhães e Afonso de Albuquerque, Pedro Alvares Cabral e Dom João de Castro.

Deslumbrado pela miragem indiana não pudera seu pai, o Rei Venturoso, cuidar do apossamento definitivo daquela imensa região de Santa Cruz, da terra "pouco sabida" do verso camoneano. Quando muito se contentara em lhe mandar reconhecer o infindo litoral.

Ao filho caberia iniciar a definitiva implantação luso sul-americana.

E esta pela expedição a que chefiavam os dois fortes capitães de mar e terra: Martim Afonso, cujos escassos trinta anos já contavam notáveis e longos serviços de guerra, contra a França, nas hostes da sacra e cesárea magestade do Imperador-Rei Carlos V; Pero Lopes, de cujos vinte e poucos anos muitos havia decorridos nos convezes das caravelas e nos cestos das gáveas dos galeões, pelos mares nunca dantes navegados. Sob as ordens dèstes dois



Ao alto, o Brazão de Armas de Cananéa (Martim Afonso) e, em baixo, um aspecto tirado por ocasião do hasteamento do pavilhão das descobertas, no palácio do Governo de S. Paulo, a que assistiu o Cônsul de Portugal, Dr. José Augusto de Magalhães, no dia 12 de Agosto, e a quem foi dada a honra de hastear o pavilhão,

chefes formidáveis, quatrocentos homens haviam aceito trocar a vida civilizada pela rudeza e o desconforto da existência amanhadora de uma terra ainda inhospita, selvagem, hostil.

E a jornada se efetuava assinalada por uma série de triunfos.

Em Pernambuco o desbarato, após rude combate da esquadilha de aventureiros franceses, destruidores da feitoria de Cristóvão Jacques, e o aprezamento de suas náus peçadas de pau Brasil.

Precavido, sempre, como capitão que não era daqueles que não cuidavam, levava Martim Afonso de Sousa as suas tripulações a descansar nas praias guanabarinhas, orgulho da beleza do Universo.

Queria que aquela brava maruja, de quem tanto ia exigir ainda, se fizesse longamente, naqueles meses outonais de brando sol e transparentes ares, "tão salutíferos que como os corpos ali estão a beber saúde", diria meio século mais tarde um evangelizador, illustre entre os illustres, do Brasil quinhentista.

E a este lapso trimestral de descanso, providente como raros, aproveitara para fazer examinar o interior das terras. Quatro dos seus aventureiros de uma jornada de dois meses voltaram noticiando haverem percorrido sessenta léguas de terra montanhosa e cinquenta e cinco de campos.

A 1 de Agosto de 1531 zarpava a esquadra para o Sul, agora acrescida de dois bergantins, construídos na baía fluminense.

E súbitamente mergulhava na espessa névoa que durante vários dias lhe encobriria as terras de São Paulo.

Mas na manhã de 12 de Agosto, esta súbitamente se dissipava e o "claro sol amigo dos heróis" veio dourar-lhe ante os olhos extasiados dos nautas as altas cumiadas verdes da grande serra de onde se avista o mar.

Desembarcando Martim Afonso de Sousa, no porto cananeense, e ali fazia imediatamente cantar tres daqueles padrões de lioz de Lisboa assinaladores da tomada de posse das quinas e dos castelos.

Em Cananéa, onde quarenta e quatro dias permaneceria, encontrou Martim Afonso de Sousa naufragos de sua gente, entre eles o misterioso bacharel, cujo nome provavelmente jámais se desvendará, cuja existência sempre se rodeará de absoluto segredo.

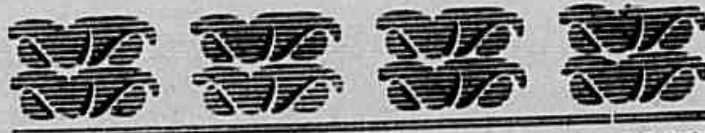
Induziu o licenciado exul a que enviasse ao sertão a primeira das bandeiras irradiadas da terra de S. Paulo para as profundezas da selva continental.

A 1.º de Setembro partem pois Pero Lobo e seus oitenta homens, de quem jámais ninguém teria a mínima notícia.

Prosseguindo em sua rota para os mares do Sul, veria Martim Afonso a sua capitanea tragada pelo mar.

Assim se fez graças á tenacidade daqueles homens de ferro. No dia glorioso de 20 de Janeiro de 1532, bordejavam dois irmãos em face da obra vicentina, em cuja ourela dois dias mais tarde, surgiria a célula máter do Brasil português.

Ia encetar-se a obra da conquista lenta, pertinaz, incansável, jámais esmorecida, a conquista da terra imensa que, á fé das bulas e dos tratados internacionais, devia ser um tórço do que hoje é.



A recebê-lo na praia vicentina encontraria o capitão do Ocidente e do Oriente, outro português de sua craveira, esse semi-misterioso João Ramalho, de vida tão pouco sabida e ignota procedência, que foi o pai dos primeiros paulistas, autor de uma progenie que hoje se cifra por dezenas, senão centenas de milhares de brasileiros.

E, para viverem entre dois e contínuos



O Sr. Dr. Afonso de Taunay, lendo o discurso oficial que foi um hino de exaltação ás glórias da raça, e as crianças das escolas de S. Paulo rodeando o monumento do fundador da cidade.

Dr. ALFREDO MOTA

Rua 7 de Setembro, 75 - 3.º. Sala, 3
—:— Telef. 4-5455 e 8-0382 —:—
Vias urinárias, sífilis, pele. Doenças das senhoras. Tratamento proflático da tuberculose. Injeções do proprio sangue potencializado. Eletricidade medica.

ESTATÍSTICA

Segundo as estatísticas da Repartição de Higiene de New-York, nesta cidade registaram-se, em média, durante o ano da graça de 1930, um casamento todos os 8 minutos, um nascimento todos os 4 minutos, e uma morte todos os 7 minutos. Celebram-se 180 casamentos por dia em New-York; constam-se 360 nascimentos por dia e 205 mortes. O número dos casamentos é, em geral, mais elevado nos meses de Junho e de Agosto. O mês de Março é o mais fértil em mortes.

sobressaltos o que lhes vinha do mar, coalhado de navios de inexoráveis entrelovas e corsários, e o que lhes vinha da selva, apinhada de gentio inumerável e feroz.

Mas já nas cumiadas de Paranapiacaba, vigiava por seu rei e por sua grei o primeiro fronteiro que Portugal teve em América, o mesmo patriarca europeu da gente de S. Paulo, o homem que "diariamente, antes do jantar, fazia nove léguas de estrada", como nos conta um documento recentemente descoberto; o futuro Alcaide Mór do Campo de Piratininga, o fundador daquele Santo André da Borda do Campo, primeiro-marco da penetração do Brasil e terra mater dos paulistas...

Senhores!

Têm as efemérides da jornada martim afonsina o mais alto valor evocativo. Se a de 22 de Janeiro de 1532 não é só brasileira e sim americana, as de 12 de Agosto e de 1.º de Setembro de 1531 são paulistas e são brasileiras.

Mas sobretudo caras á tradição dos paulistas...

Exmo. Sr. Cônsul Geral de Portugal:

A presença de V. Ex. a esta solenidade, sobremaneira conforta a todos nós brasileiros.

Relembra-nos uma procedência de que imenso nos desvanecemos e nos orgulhamos, lembramos uma continuidade racial cheia das mais vivas afinidades e recordações comuns tri-seculares.

Exmo. Sr. interventor federal:

Em nome do Instituto do Ipiranga que é a casa da tradição paulista e da tradição brasileira, tenho a honra de oferecer a V. Ex. o pendão alvi-rubro que se estampava nas velas e tremulava nos pendões dos galeões e das caravelas.

Os patronímicos de V. Ex. tão queridos de todos nós, pessoalmente prestigiosíssimos perante a opinião pública de todo país, os patronímicos de V. Ex. procedem dos mais velhos nomes dos clans vicentinos.

O longínquo ancestrado quinhentista de V. Ex., passado a terra de S. Paulo, o castelhano Jusepe de Camargo desposou a matriarca Leonor Domingues, neta de João Ramalho e bisneta de Tibiriçá, o glorioso cacique guayanaz, primeiro cidadão da vila de S. Paulo do Campo de Piratininga.

Hastear V. Ex. nesta efeméride quadri-secular, a bandeira das navegações e conquistas, no palácio do governo de que é o digníssimo chefe, representa um dos mais belos e simbólicos gestos jámais realizados em nosso país de vida ainda tão curta.

E' como se, delegado da grei bandeirante ancestral, trouxesse V. Ex. aquele pavilhão que os navegadores haviam entregue á sua gente e esta triunfalmente implantara no coração do Continente.

Ao desfaldar este pavilhão tão singelo e tão nobre, onde, como disse um poeta nosso, o sangue de Cristo se derrama nos braços da Cruz, ao desfaldar V. Ex. a maior, quicã, das bandeiras oceanicas, reafirma V. Ex. o facto de que os paulistas de hoje, solidários com os seus grandes ancestrais, povoadores primeiros do Brasil e seus indomáveis dilatadores, conservam a mesma viva fé nos destinos grandiosos da nossa Pátria."



TUNA PORTUGUESA DE RECIFE. — O corpo executante da Tuna Portuguesa de Recife, que ha dias comemorou o seu aniversário de fundação.

Ideias - e - Figuras

dosa ironia: "1900 acredita na Alemanha, na Ciência, na Máquina, no Progresso, no Socialismo, na fotografia a côres, nas ri-

Por JOÃO AMEAL

“1900”

Lêram todos o "1900", de Paulo Morand? Eu li. E comecei, é claro, por me divertir imenso. Ri-me das caricaturas de Morand e do pitoresco dessa época, já tão distante, que eu não conheci pessoalmente, mas que me é restituída numa galeria de imagens de Epinal, hirtas e grotescas. A questão Dreyfus e a guerra dos boers; a Exposição Universal, com as suas maravilhas anacrônicas, e a aparição dos primeiros automóveis, semeando o pânico entre as populações espavoridas (embora não ultrapassassem nunca uma prudente marcha de dez a vinte quilómetros á hora...); os últimos romances de Zola e os primeiros romances de Bourget; Sara Bernhardt e Sada Yakko; a revelação literária de Dostoiévsky e Tolstoi, de Kipling e de Wells, de Sudermann e de Bjornson; enfim, o pomposo desfile dos *tilburys*, dos *phaetons*, dos *mail-coaches* a caminho do Bosque de Bolonha, para a grande e famosa parada mundana, entre a qual surge, a espreitar e a documentar-se, o seu futuro biógrafo: Marcel Proust... Todo este filme de 1900, que Paulo Morand nos desenrola, parece-nos, de facto, um cúmulo de inconsciência política, de preciosismo intelectual, de mau gosto decorativo. Nós, homens de 1931, sentimo-nos bem superiores a esses manequins ainda embaraçados do século XIX, nas convenções sociais, nos transportes vagarosos, nos solénes chapéus altos... E olhamos para 1900 como se olha para um parente pobre, apagado e tímido, burlusco no seu vestuário, incapaz de sair dos lugares comuns, cheio de acanhamento e de pretensões...

quezas inesgotáveis do planeta"... E 1931? Não acredita ainda mais na Alemanha, que se arma até aos dentes, enquanto os vários idealistas do tipo Briand trabalham pela sua libertação? Não acredita na Máquina este 1931 que se move sôb o signo do ame-

ricanismo puro? Não acredita no Socialismo, ou em fórmulas ainda mais radicais de utópica felicidade social? Quanto á fotografia a côres, pouco menos inofensiva é do que certas películas cinematográficas *tecnicolor*... O que foi, em última análise, que 1931 ganhou sobre 1900? Essencialmente, ganhou: — a velocidade. Tudo se agita noutra ritmo, tudo se conquista, se absorve, se decifra mais depressa. E depois? E' mesmo Paulo Morand, no seu ensaio célebre *De la Vitesse*, publicado na *Nouvelle Revue Française* e incluído depois nos *Papiers d'Identité* — é mesmo Paulo Morand quem faz o processo mais severo, mais inteligente, dessa velocidade sem equilíbrios e sem freios... Ainda ha pouco, ao ler o seu livro, nos parecia cómico o *chauffeur*-campeão de 1900, que declarava "O perigo todo começa nos 30 quilómetros á hora"... E, contudo, Morand lembra-nos agora: "103 metros por segundo... Ainda nos rirmos, amanhã, desta lentidão".

E é assim tudo. 1900, com todos os seus defeitos, representava uma estabilidade, uma perfeição relativa. 1931 representa um galope doido para a frente, ao qual não é fácil ver o fim: abismo ou gloria...

Notem bem: eu sou absolutamente um homem do meu tempo. Gosto de ser 1931. Mesmo que quisesse, não aceitaria outro ambiente, outro *clima*, segundo a expressão consagrada. Apenas creio que o livro de Paulo Morand é uma garotice — que resulta, mais do que tudo, amarga. Rirmos de 1900, é rirmo-nos da velhice — nós, os novos de 1931. E não será desagradável que assistamos, daqui a trinta anos, em 1960, por exemplo, á mesma caricatura de 1931, tão velho para os dêsse tempo como 1900 para nós?...

JOÃO AMEAL.



EM PAULISTA (Pernambuco) — As duas interessantes filhinas do nosso compatriota Sr. Veríssimo J. Inácio, comerciante em Itamaracá.



EXIJA-O DO SEU FORNECEDOR

...Mas, afinal, pensando melhor, temos nós assim o direito de nos rir? Evidentemente, hoje, neste momento, creio que sim. Pelo menos, eu, vivendo em 1931, considero 1900 muito para trás e tenho a sensação real dum avanço, dum aumento, dum progresso. No futuro, porém, ou mesmo fóra do tempo — ao serem comparados 1900 e 1931 — qual merecerá a classificação mais alta?

Diz-nos Morand, com a sua mais cari-

SOBRE D. SEBASTIÃO



A EDUCAÇÃO E A SAÚDE DO VENCIDO DE ALCÁCER- KIBIR

O Sr. Dr. Queiroz Veloso apresentou ha tempos, á Academia das Ciências, uma importante comunicação sobre "A educação e a saúde de el-rei D. Sebastião". Nesta obra, fartamente documentada, chega o infatigável investigador a conclusões inéditas, e conclusões de grande interesse para a história politica e diplomática do breve reinado do vencido de Alcácer-Kibir.

No seu notável estudo, do qual damos um breve resumo, começa o illustre académico por mostrar o que foi a educação que o moço rei recebera, desde os quatro anos até o dia em que atingiu a sua maioridade politica, assumindo aos 14 anos a plenitude do poder, como haviam resolvido as Cortes de 1562.

Todo o país condenava o abandono das praças de Africa, mandado efetuar por D. João III. A evacuação de Safim, Azamor, Alcácer Seguer e Arzila fôra um acto prudente e sensato, que o estado da Fazenda impunha, pois a sua conservação cada vez se tornaria mais dispendiosa e difficil, não só pela união politica de Marrocos, sôb o império dos Xerifes, como pelo armamento moderno de que dispunham, cujo manejo lhes fôra ensinado por turcos e renegados. A opinião pública condenara, porém, esses actos. As Cortes claramente manifestaram o seu voto: não se devia abandonar nenhuma praça africana; e mais conveniente seria a conquista da Africa, que a da India, pois esta estava longe e não rendia coisa que com ela se não gastasse.

Se era esta a opinião geral, assim deviam pensar o aio e o mestre do rei. Além disso, D. Aleixo de Menezes iniciára e findara em Africa a sua carreira militar; em Africa estivera tambem bastantes meses o padre Luiz Gonçalves da Camara; e dos quatro sumilheres, que semanalmente se revezavam no serviço do rei, um havia, várias vezes ferido em terras da mourama. D. Sebastião foi, portanto, educado num ambiente propicio ás suas inclinações guerreiras, em que as empresas de D. João I e D. Afonso V eram exaltadas como bons exemplos, o que implicitamente correspondia á condenação da politica de renúncia de D. João III.

Descreveu como se fazia a educação literária do rei. Quanto á sua educação religiosa, acentuou a influencia que nelle exerceu o padre Luiz Gonçalves, como mestre e principalmente como confessor. D. Sebastião não se tornou apenas devoto, mas abeatado, com acentuadas tendências misticas. O ser "capitão de Deus" era nelle uma ideia fixa, que depois se transformou na orgulhosa convicção de estar predestinado para grandes coisas.

DOIS SORRISOS FEMININOS



A Srta. Yolanda Pereira, "Miss Universo" 1930, e a Srta. Amélia Borges Rodrigues, candidata ao titulo de "Rainha" da Colônia Portuguesa.

Analizando os discursos, que os cronistas põem frequentemente na boca de D. Aleixo de Menezes, mostrou que eram apócrifos, como inventadas foram tambem, depois da catástrofe de Alcácer-Kibir, as profecias relativas ao infeliz monarca. Referiu-se aos seus passatempos, como foi adestrado, desde criança, nas artes e manhas de bom caçador e cavaleiro, começando muito cedo a correr canas e a montear porcos bravos. Mostrou, enfim, quanto influíu a educação no futuro procedimento do rei; mas que a causa principal das suas desvaíadas ações, os motivos que as determinaram, devem antes procurar-se nelle mesmo, do que na educação recebida.

Na segunda parte da sua comunicação, tratou o Dr. Queiroz Veloso dum interessante problema, geralmente desconhecido. Catorze anos são — disseram os cronistas palacianos — tinha D. Sebastião, ao entrar na maioridade politica; e assim o repetiram depois quasi todos os historiadores. Pois a verdade é que o jôvem rei padecia, ha mais de dois anos, dum doença que o

acompanhou até á morte e que, além de outros factos, nos explica a relutancia de Felipe II em conceder-lhe a mão de sua filha primogénita, a infanta Isabel Clara Eugénia.

Um cronista coevo referiu-se a essa doença, considerando-a um achaque passageiro. Referência mais precisa aparece nas cartas do ministro da França em Madrid, de Fourquevaux, a Catarina de Medicis e Carlos IX, relativas ao casamento de D. Sebastião com Margarida de Valois e publicadas nas "Chroniques Belges inédites", editadas por Gachard. Mas foi o Sr. Danvila y Burguero, na sua obra "Don Cristobal de Moura", quem chamou a atenção para este novo aspéto da vida do célebre monarca, até então não estudado por historiador algum.

Com os elementos fornecidos pelo Sr. Danvila y Burguero e muitos outros encontrados pelo Sr. Queiroz Veloso na correspondência dos embaixadores espanhóis, D. Alonso de Tovar, D. Fernando Carrillo de Mendoza, D. João de Borja e D. João da Silva, existente no Arquivo Geral de Simancas, pode-se determinar a evolução dessa doença, com as suas alternativas de agravamento ou remissão, durante um período de treze anos, conforme o rei se sujeitava, ou não, a um rigoroso regime, principalmente pondo de parte todos os exercicios violentos.

A essa doença se deve a prolongada resistencia do rei católico em dar-lhe sua filha mais velha em casamento; e quando, em face dum pedido official, feito pelo proprio sobrinho, Felipe II não pôde recusar-lha, fá-lo com todas as reservas, apesar do casamento só se poder realizar quatro anos depois.

O RADIO é a Alegria no Lar!

COMPRAI APARELHOS **Philips**

A Longo Prazo -- Sem Flador!

CASA K. SASS — FONE 4-1571

242 - Rua São Pedro - 242

AS
CANDIDATAS
DA
RAINHA
DA
COLÔNIA
PORTUGUESA

Festa ELEGANTES



Antes de encerrada a Feira de Amostras do Distrito Federal, a Comissão Organizadora e Diretora do importante certamen, juntamente com o jornal "A Noite", dedicou um dia a Portugal em homenagem às candidatas ao título de "Rainha da Colônia Portuguesa". Essa festa decorreu com grande brilhantismo, como se vê pelos vários aspétoes que reproduzimos nesta página, com os nossos agradecimentos, em nome das candidatas, pela homenagem que tão gentilmente lhes foi prestada.

Figuras Portuguesas

MALHEIRO DIAS



De estatura assim pequena,
Se agiganta entre os maiores
Mestres dos mestres na pena
E dos bons entre os melhores.
Um dia a si próprio ordena
Na vida trocar de amores,
Trocando as letras da pena
Por letras de mercadores.
Porém, "Maria do Céu"
Que do Alto a tudo assistia,
Bem depressa o convenceu
Que, lugar lhe pertencia
Não na "Bolsa" ou "Atneu",
Mas na douta Académia.

JUCA ALEGRE

A maior parte dos reis da costa de Melinde estavam sublevados contra os portugueses no ano de 1589. Uma armada nossa, capitaneada por Tomé de Sousa Coutinho, corria aquéles mares castigando os rebeldes. Chegaram os portugueses ao porto da cidade de Lamo, cujo rei era um dos que mais traições tinha urdido. Esperou Tomé de Sousa que ele o viesse visitar, como era costume dos reis tributários nossos: mas o de Lamo, que se achava culpado, demorava a visita com afêtos pretextos. Havia na armada um cavaleiro, chamado D. Bernardo Coutinho, da casa de Marialva: este se ofereceu para trazer o rei mouro prêsso á presença do capitão-mór.

Por impossivel tiveram todos

O beijo nasce da infinita
aspiração humana de dizer
tudo sem dizer nada!

—*—
A arte da vida é fazer da
vida uma obra perfeita.

—*—
Nunca esquecemos aqueles
que verdadeiramente amamos;
o coração não tem distrações.

AUDACIA PORTUGUESA

o oferecimento; porque o rei estava em terra com grande força, e parecia disposto a resistir a todo o poder dos portugueses. Deixaram, porém, ir o atrevido soldado, o qual, chegando á cidade, fingiu que tinha negócio de importancia summa que tratar com o rei. Levado á sua presença, chegou-se a ele e deitando-lhe a mão tirou com a outra um punhal, e lhe disse que se acomodasse a ir ao capitão-mór, e mandasse aos seus que nenhum se mexesse; porque ao menor acêno que fizesse, ou ao menor movimento dos circunstantes, o cozia a punhaladas. O rei atemorizado, se deixou levar daquêle modo até á nau almirante, onde todos ficaram atônitos com semelhante feito, que, apesar de o verem, lhes parecia ainda impossivel.



Srta. Otilia Ferreira
Dias, madrinha da
inauguração do Arma-
zem "Ao Rei dos Ma-
res", dos Srs. Alves
Pereira & Pinho.

Por mais que a verdade cor-
ra nunca passará adiante da
mentira.

—*—
Nunca sabemos tanto como
numa hora de infortúnio.

—*—
E'-se em geral mais maldi-
zente por vaidade do que por
malícia. — La Rochefoucault.

ESTE SIMBOLO



VISITE AS GRANDES EXPOSIÇÕES NOS ANDARES
SUPERIORES DOS NOSSOS ARMAZENS
PREÇOS VANTAJOSOS

conhecido e apreciado desde o Amazonas aos Pampas,
significa arte, distinção e modicidade de preços em

MOBILIARIOS - TAPEÇARIAS - DECORAÇÕES

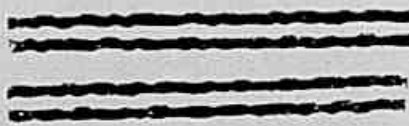
o maior e mais completo sortimento

65 - Rua da Carioca - 67 - RIO



O DIA DA INDEPENDENCIA DO BRASIL

COMEMORAÇÕES
EM 7
DE
SETEMBRO



Revestiram-se de grande significação patriótica, como acontece todos os anos, as comemorações do dia 7 de Setembro, aniversário da Independência do Brasil. Nestas fotografias damos um aspecto do desfile das tropas e o Sr. Dr. Getúlio Vargas chegando ao Campo de S. Cristóvão.



GASTÃO DE BETTENCOURT — O nosso prezado amigo e camarada que no dia 29 do corrente parte para Portugal, a bordo do "Angola", da Companhia Nacional de Navegação. Gastão vai desta vez a Portugal em serviço do Departamento de Turismo, devendo estar de regresso dentro de pouco tempo. Boa Viagem e feliz regresso.

DUAS LENDAS DA CIDADE DE LEIRIA

Duas formosas lendas andam presas á história da cidade — uma bafejada de heroísmo e outra rescendendo perfumes de amor e de perdão.

Não conheço duas lendas mais formosas do que estas em que a história da cidade se poetisa e envolve de graça singular: — "a lenda do Cabeço de El-Rei e a lenda do Cortejo dos Pobresinhos". Apareceram em recuadas épocas, e o povo, que as imaginou, nunca mais as perdeu no rodar dos séculos. Uma explica o braço da cidade. A outra é um lindo tema de canção de amor. Ao resplendor da primeira levanta-se o vulto do senhor rei D. Afonso I. Ao luaceiro doce da segunda é a rainha Santa Isabel que desce os degraus do Paço Real, desventurada e generosa, mulher e santa... Duas lendas que reacendem na alma da cidade a chama de belas e bizarras imagens!

Quem não as terá ouvido referir uma vez ao menos? Não seria interessante que os organismos oficiais se empenhassem em localizar estas duas lendas? E' de manifesto interesse turístico esta obra na qual até hoje ninguém pensou. Assinalar numa forma artistica os lugares onde a tradição popular faz passar cada uma dessas lendas, parece-me uma iniciativa dum excelente sentido regional.

E lembrêmo-nos todos que aqui pela costa estremenha além, crespa de arrogantes falésias, coroadas de santuários históricos, cheia de prestígio e de panoramas incomparáveis, ha um poder alto de evocação nas capelinhas onde se recordam milagres, onde se celebram aparições, e nas furnas onde se desenrolaram dramas de amor e desventura.

E' aqui a furna dos Paços de D. Leonor. E' além o santuário da Senhora dos Remédios. E' mais além a capela do milagre da Nazaré.

A nossa costa atlantica encontra-se povoada de miragens e de esplendores.

E lembrando-nos disto porque não vamos já nós outros leirienses, amantes da nossa terra, assinalar o Cabeço de El-Rei com uma representação singela mas artistica, da lenda que ali a tradição localiza?

E porque não hemos ainda de localizar a lenda do "Cortejo dos Pobresinhos" ali no pendor norte do castelo ou na entrada do Paço Real?

Nada mais facil.

E no entanto... nada mais encantador.

ALFREDO DE CARVALHO.

Uma chuva de beijos

As leitoras de hoje não conhecem aquela canção francesa, "Il plent des baisers" que fez as delicias de outras éras; se os beijos de que se fala nessa canção não existiam senão em sentido figurado, uma verdadeira chuva deles caiu ha poucos dias na cidade de Glasgow, em Inglaterra.

Eis como: os estudantes da Universidade tinham-se comprometido a obter os fundos necessários para uma obra de beneficência. Mas os peditórios que fizeram por todos os lados não produziram receita apreciável.

Foi então que uma delas teve a ideia de oferecer um beijo em troca de cada óbulo recebido. E, como as estudantes de Glasgow são todas encantadoras (?) esta engenhosa descoberta foi coroada de successo.

A dez shillins cada beijo podiam dar-se quantos se quizessem nas mimosas faces das referidas jóvens. E os cavalleiros da cidade aproveitaram bem a ocasião; um deles houve que pagou com uma nota de 100 libras.

Façam-lhe a conta...

Num dia a receita foi enorme e cobriu largamente a soma necessária para a obra de beneficência.



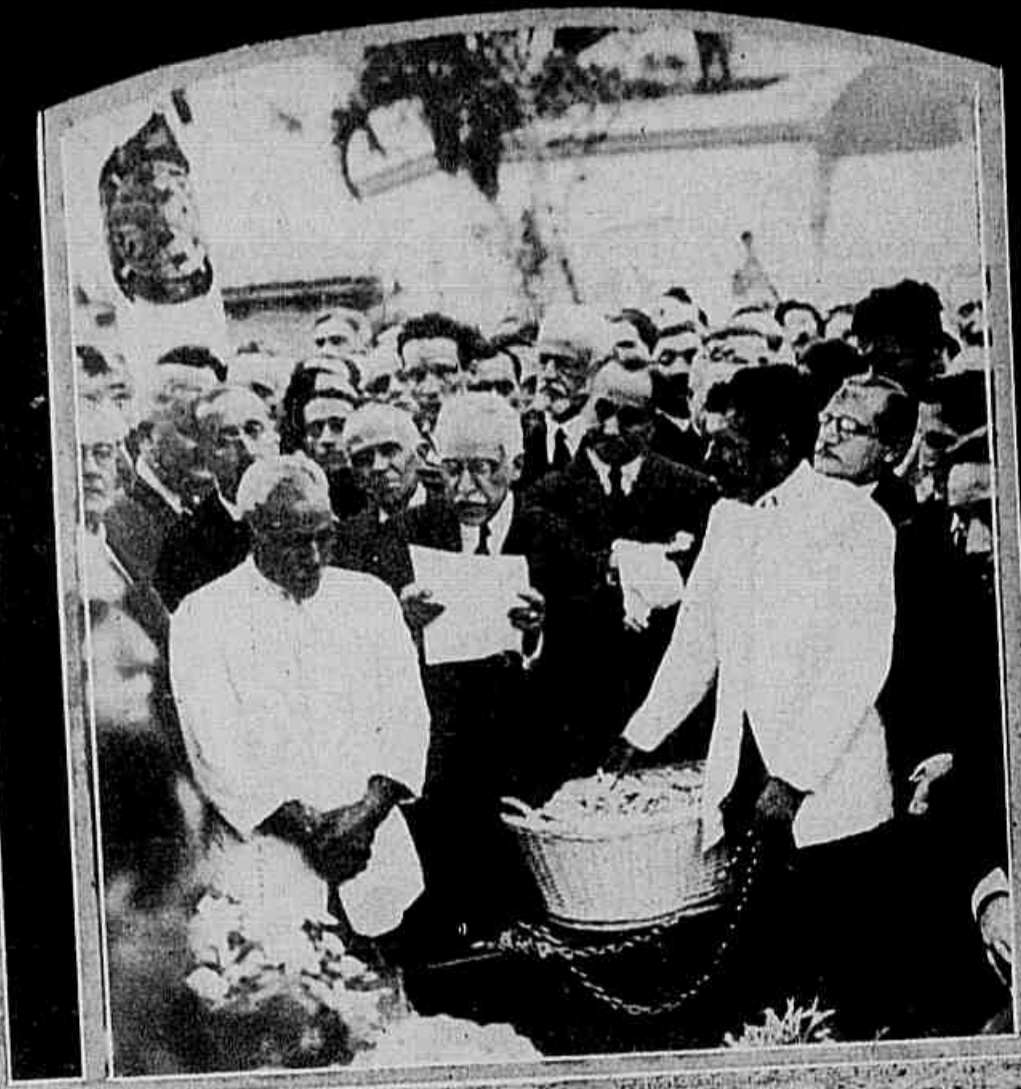
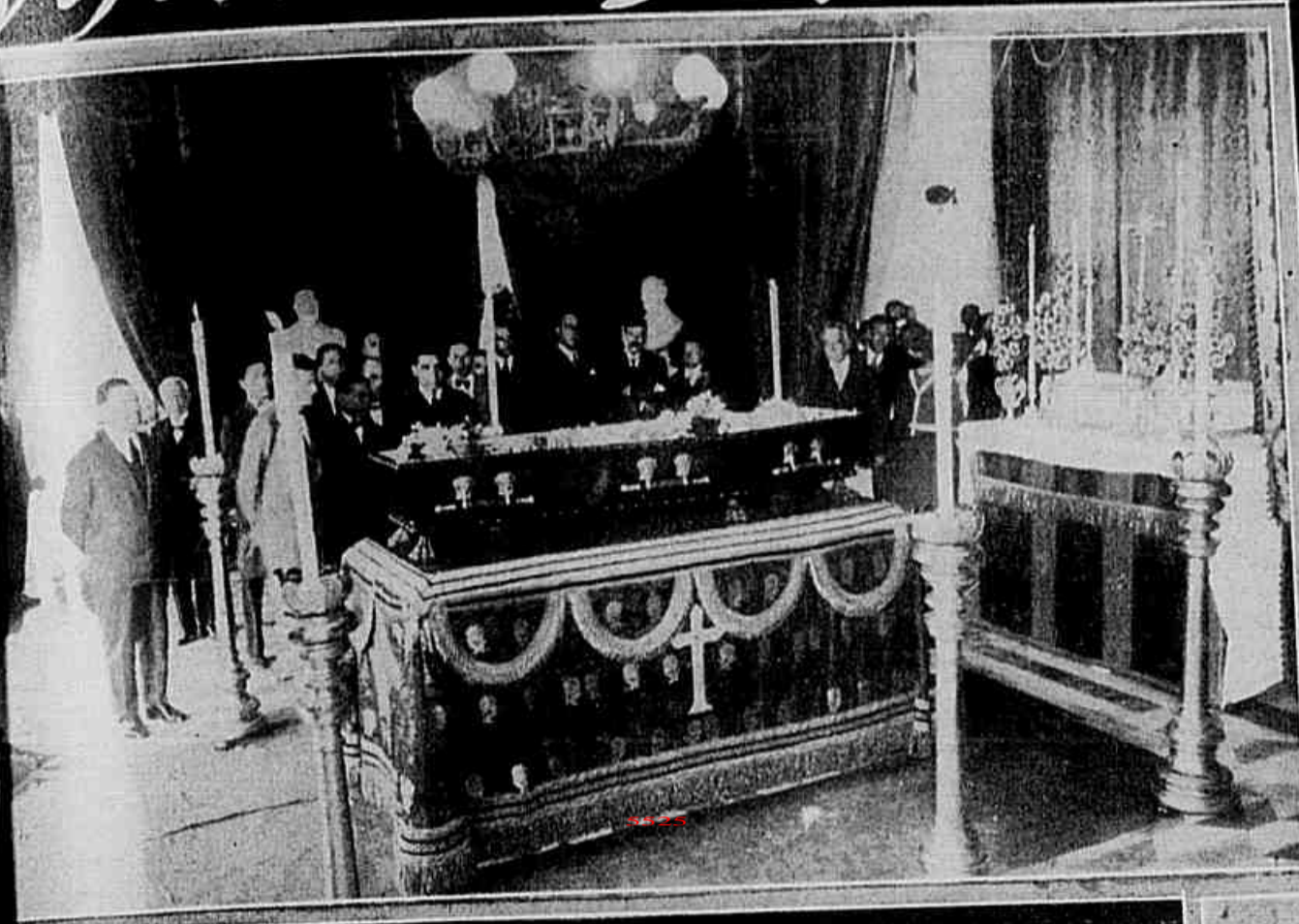
FMI
LISBOA



Ao alto, vê-se uma pose especial para LUSITANIA dos balilas portugueses que ha dias embarcaram em Lisboa com destino á Itália, em visita de agradecimento aos balilas italianos, que o ano passado visitaram Portugal. Nas outras duas fotografias reproduzimos dois instantaneos da assinatura dos contratos para a construção das novas unidades da nossa Marinha de Guerra.

(Fotografias especialmente cedidas pelo repórter fotográfico do "Diário da Manhã", de Lisboa).

Visconde de Moraes



Repercutiu dolorosamente em todo o Brasil e em Portugal o falecimento do Visconde de Moraes, do qual já nos ocupamos no último número.

Figura de grande relevo e de grande prestígio em todos os meios, quer portugueses quer brasileiros, o seu desaparecimento deixou uma vaga que tarde ou talvez nunca mais seja preenchida. Portugueses e brasileiros prestaram-lhe a mais comovida e sincera homenagem acompanhando à sua última morada, cheios de dor e de sentimento, os seus restos mortais, num verdadeiro cortejo de lágrimas e de saudades.

Nesta página reproduzimos vários aspectos dos seus funerais, que tiveram lugar no Cemitério de S. João Batista e que, se não serviram para provar o quanto era querido e estimado de todos o ilustre morto, pois tal prova não era precisa, serviram para que todos prestassem à sua memória o preito e a homenagem da sua veneração e da sua saudade que será eterna.

Qual a que Merece



Amélia Borges Rodrigues

O Freitas Lopes já diz,
Que, com toda a simpatia,
Se a Belo fôr a rainha
Ele adere á monarquia.

E diz a gente da Liga
Que não dorme nem tem sono,
Se fôr a Amélia a eleita
Nós já dispomos do trono.

Seramota é trasmontana
Terras d'além do Marão,
E vão vêr que no final
Mandam mesmo os que lá-estão.

Os minhotos com a Adélia
Já não ficam sem papinha,
Pois se ela não fôr eleita
Pelo menos sai madrinha.



Leopoldina Belo

*
**

Não tem sofrido alteração, nas últimas apuracões, a colocação das candidatas ao título de "Rainha da Colónia", que esta revista vem mantendo de acôrdo com a PATRI PORTUGUESA. Só a candidata dos minhotos, a Sra. Adélia da Cunha Leite, é que tem subido, alcançando em duas semanas cerca de 15 mil votos.

Isto indica que ha votos reservados em poder das pessoas que se interessam pelas candidatas e é de prever que, conforme a aproxima-

**
*



Adelaide Lúcio Reis



Maria Natália Brito



Isalinda Seramota



a Vossa Simpatia?



Maria Benilde Miranda

E os cabos eleitorais
Da Benilde de Miranda,
Se não arranjam mais votos
Vão ficar de cara á banda.

A M. de Lourdes Jacome
Que está na frente, ao contrário,
Diz que já agora, por pouco,
Conduz a cruz ao calvário.

Mas no entanto a votação
Entra aos milhares na caixa,
Para umas o cambio sobe,
Enquanto para outras baixa.

Não desanime ninguém,
Sigam suas simpatias,
Só no fim se vê quem tem
As tais garrafas vasias.



Adélia da Cunha Leite

*
**

ção do encerra-
mento do Concur-
so, haja grandes
surpresas. Que ha
grande quantidade
de votos na rua,
não resta a menor
dúvida e se eles
não têm entrado
até agora, é sinal
evidente que estão
reservados. Com
quem? Com todas,
ou pelo menos com
a maioria das can-
didatas que propo-
sitalmente se estão
reservando para o
fim da festa. Que
sejam muito feli-
zes. Qual ganha-
rá? Dolorosa in-
terrogação!...

**
*



Gracinda Soares



Berta Ferreira de Sousa



Leonilde de Carvalho



Clotilde Leite da Silva



Flora da Rocha

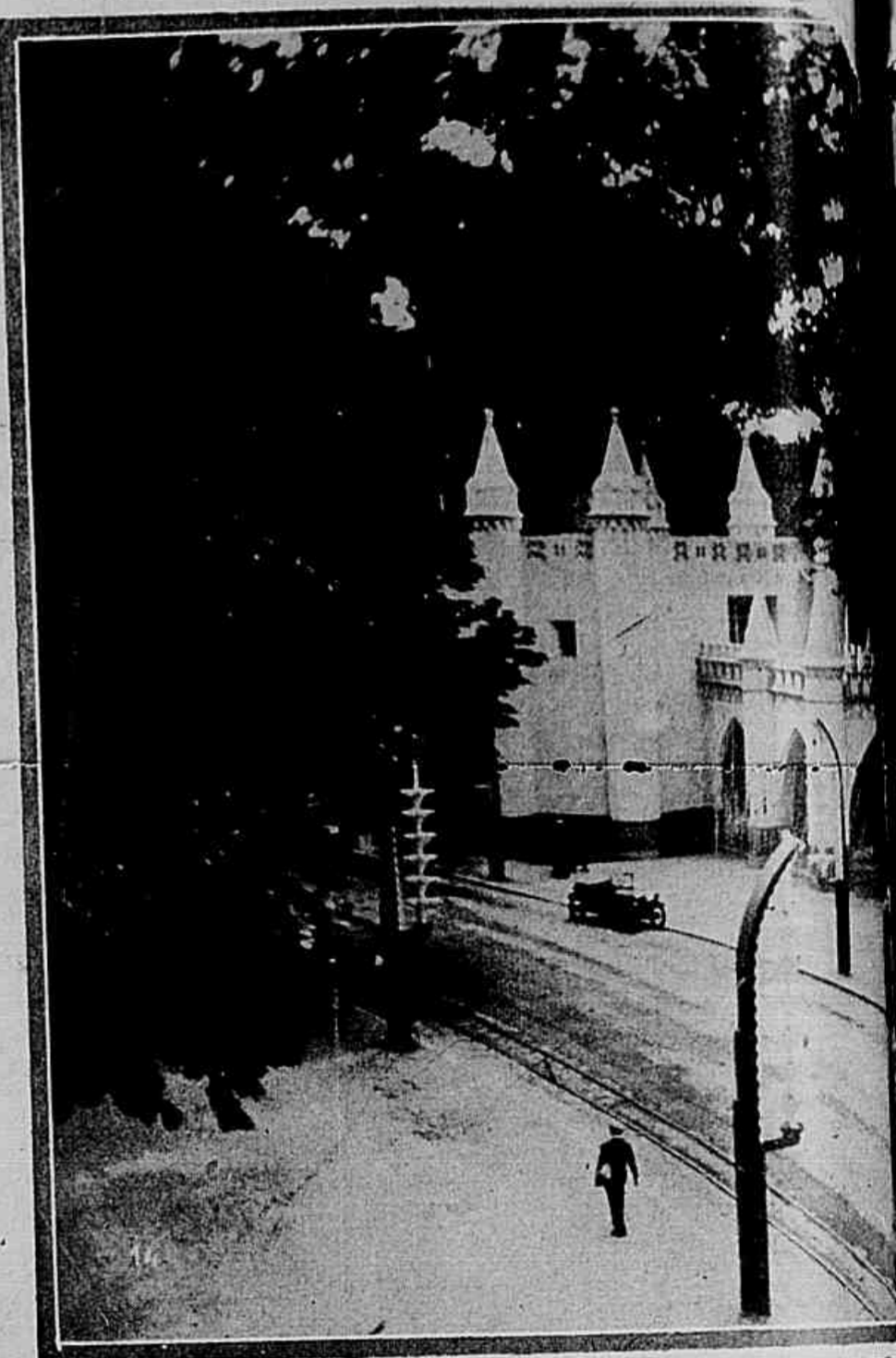
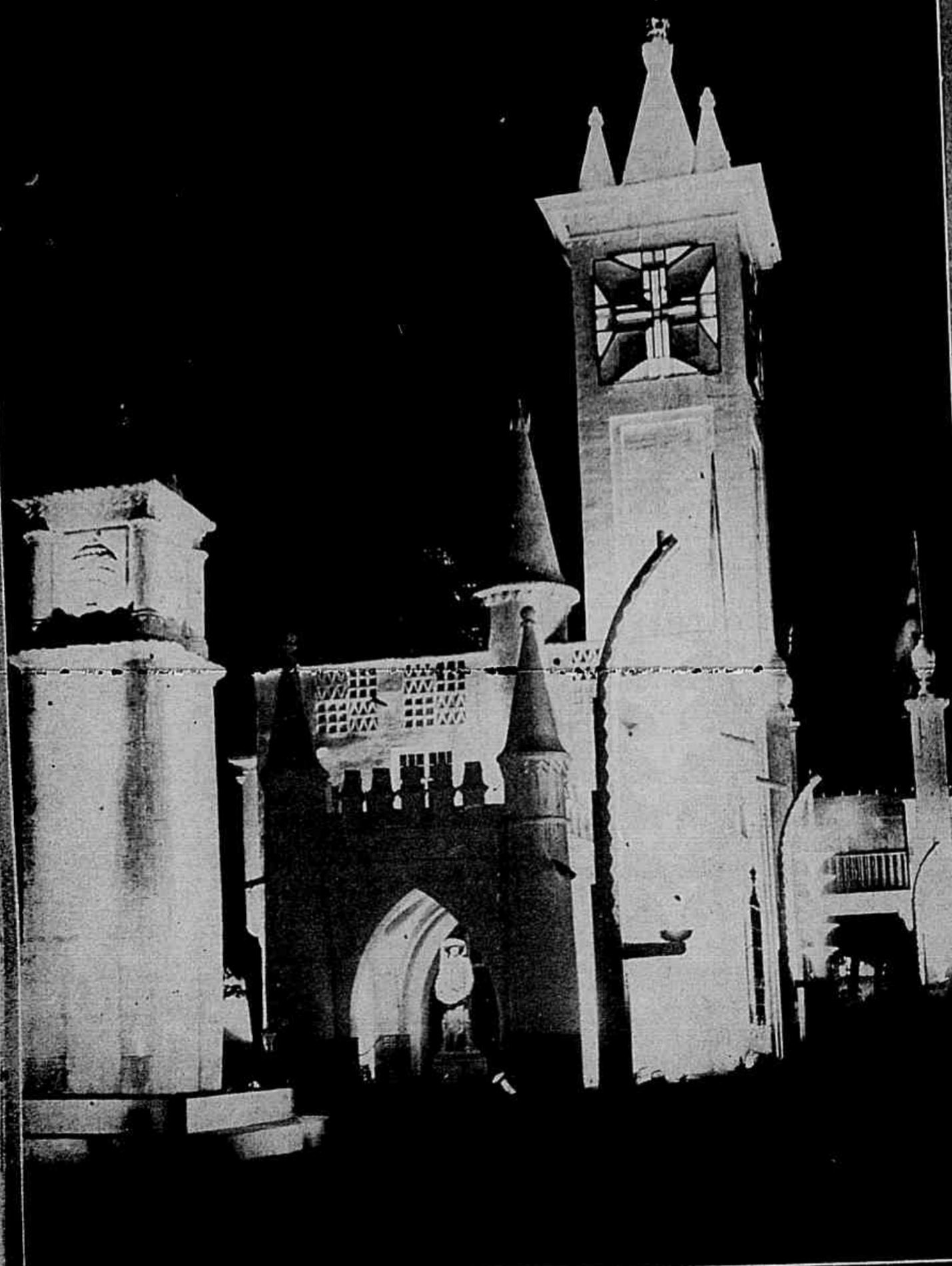


Clotilde do Céu e Sousa



Maria Gonçalves de Castro

A VITÓRIA D

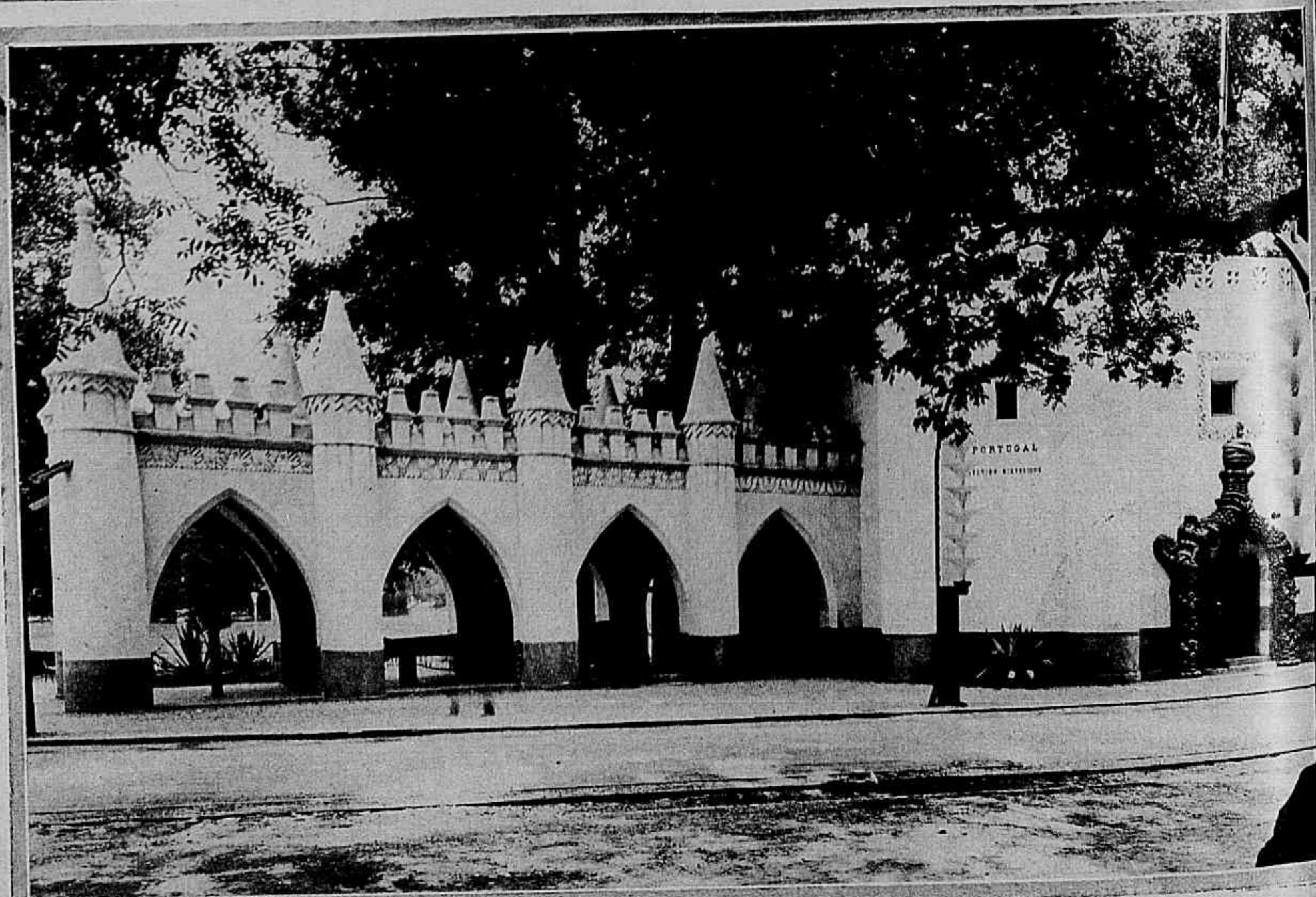


NA EXPOSIÇÃO

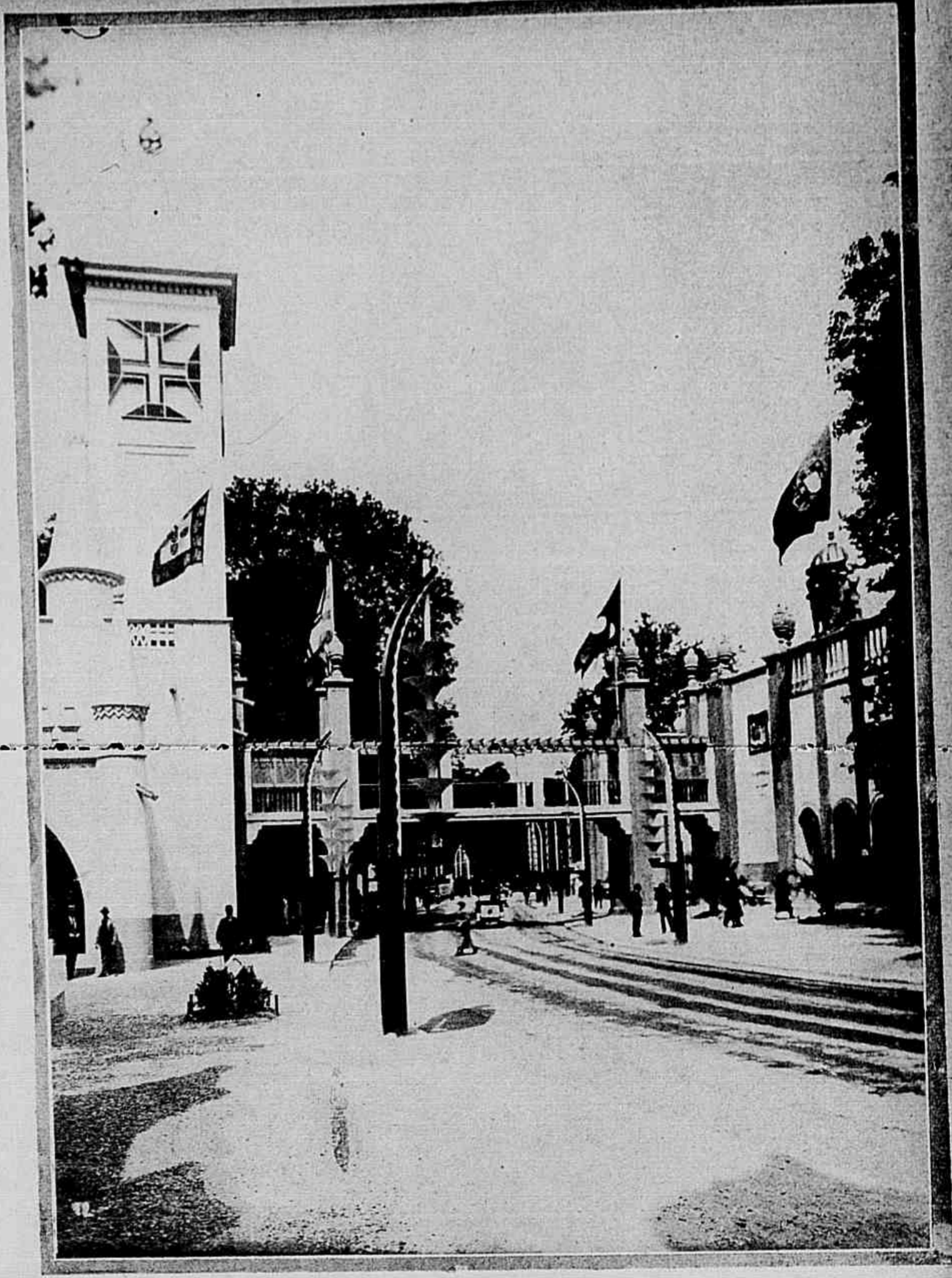
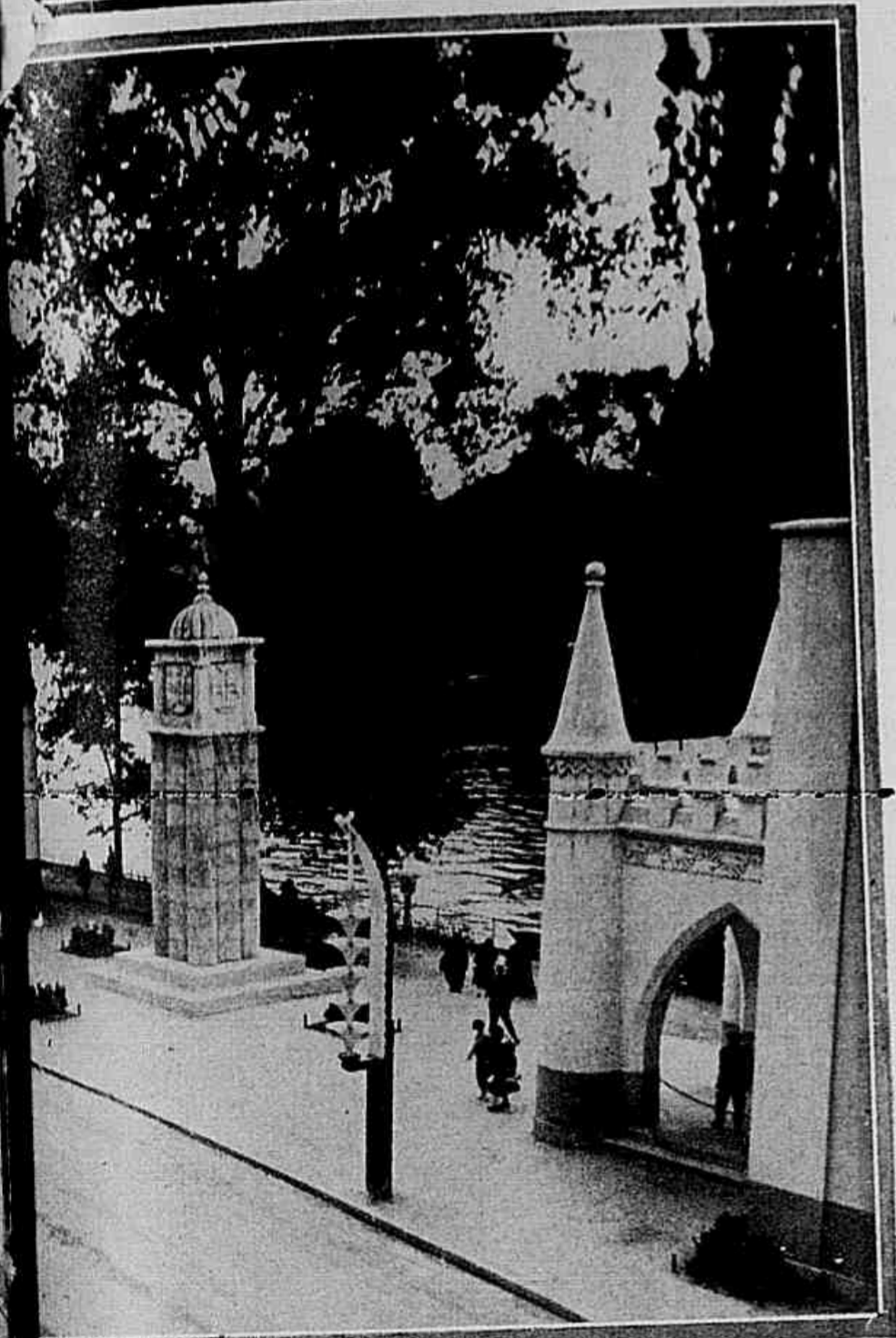
Portugal está realmente em uma quadra brilhantíssima da sua vida. E a fama do seu renascimento artístico, económico, cultural, projeta-se pelo mundo todo, chamando para a nossa terra a atenção dos outros povos.

A Exposição de Paris foi o ponto culminante dessa glória que modernamente vem aureolando os esforços progressistas do país. Milhares e milhares de pessoas contemplaram os nossos pavilhões de arte colonial. E tiveram, no exemplo do presente e do passado, a certeza de que maior ainda havemos de fazer o futuro.

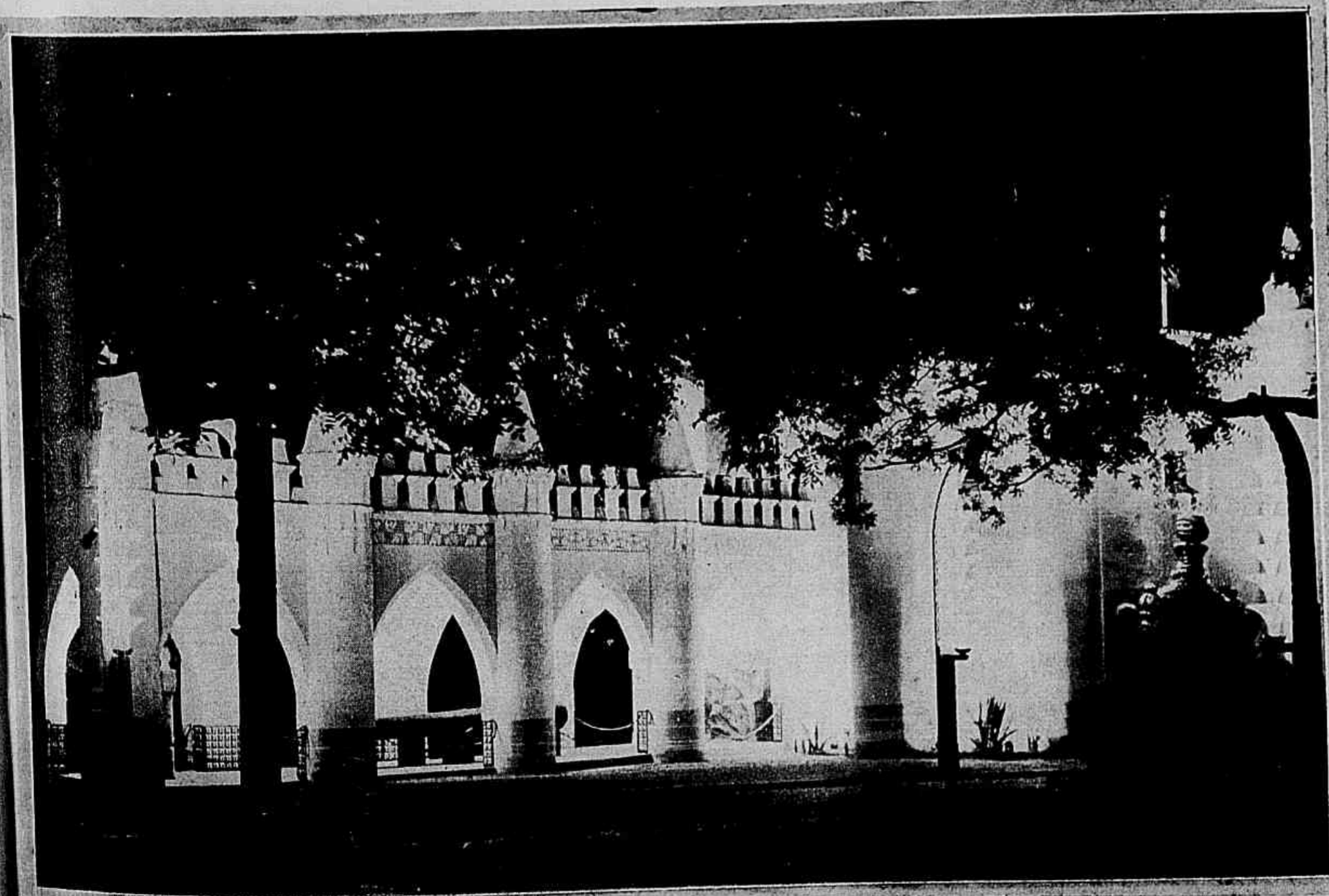
Toda a imprensa de Paris, toda a gente que visitou a Exposição no Parque de Vincennes, fez os maiores elogios a Portugal, á sua arte, á obra



PORTUGAL



EXPOZICAO DE PARIS



formidavel de colonisa-
ção e de inteligência por
êle realizada em oito sé-
culos de trabalho e de
conquistas, de civilisa-
ção e heroísmo, de lutas
e glórias! Toda a gente
viu no esplendor dos
nossos pavilhões a pu-
jança do nosso povo, o
valor dos nossos artistas,
e a energia eterna da
raça.

Nesta página apresen-
tamos alguns aspêtos da
nossa Exposição em Pa-
ris. Eles não dão, porém,
uma ideia do que foi o
grande acontecimento.
Basta dizer que diversos
críticos estrangeiros, in-
clusive francêses, decla-
raram que nenhuma na-
ção da Europa poderia,
no momento atual, apre-
sentar uma Exposição
como a de Portugal, que
teve assim, este ano, na
cidade luz, uma das suas
grandes vitórias.

VIDA ESPORTIVA

Festas e Jogos



Da quinzena sportiva no Rio de Janeiro reproduzimos nesta página o seguinte: A esquerda, de cima para baixo — Festa de aniversário do Tijuca Tênis Club; o "team" uruguaio, que jogou com o "scratch" brasileiro; o "team" carioca que jogou com o paulista; Festa realizada no Vitória Football Club; e á direita, na mesma ordem: — Almoço á Imprensa, oferecido pelo Tijuca Tênis Club; o "scratch" brasileiro que jogou com o uruguaio, ganhando por 2 x 0; e o team paulista que jogou com o carioca.

NO PORTO



Apresentamos aos nossos leitores, nesta página, alguns flagrantes da vida na capital do norte. A' esquerda, de cima para baixo: O edificio da filial do Monte Pio, recentemente inaugurado na Avenida dos Aliados; o corpo redatorial do jornal "A Ordem", que ha pouco comemorou a passagem do seu 1.º aniversário de fundação; o Sr. Ricardo Spartley discursando na Associação Comercial, na conferência "Pró-Colônias". A' direita, na mesma ordem: Jornalistas que percorreram o concelho de Gaia, conhecendo das necessidades de suas freguesias; a visita dos Srs. bispos de Leiria e Porto, ao atelier de Teixeira Lopes; recêção a Ivêta Ribeiro e Vergílio Mauricio, na Casa dos Jornalistas.

(Fotos J. Mesquita e J. Ferreira.)



AL podia acudir a meu espirito quando, ao descrever os *Heróis, Santos e Mártires da Pátria*, dediquei um dos voluminhos ao *Condestável* e nas *Legendas de Portugal* outro à *Mãe de Nun'Alvares*, que, oficialmente, se tratasse da comemoração do denominado centenário do herói, o que será antes o da quinta centena de anos, decorrida após a morte do guerreiro insigne, na sua cela de pedra do convento do Carmo, em 1 de Novembro de 1431. Trata-se, pois, do quinto centenário daquele vulto que dorme à sombra da sua igreja abalada pelo terremoto, e jámais reconstruída, exatamente, dia por dia, ao cabo de trezentos e vinte e quatro anos após o seu passamento deste mundo. Ali, aquela riba do Carmo, penhasco adusto de largas vistas de rio e montes, encimando o campo vasto de Valverde, acudiam os povos em romarias, crentes que tão grande guerreiro, feito carmelita, decerto seria santo, como se o milagre da ressurreição de Portugal iösse coisa do céu e éle o obreiro unguído pela divindade, a fim de salvar o país da garra castelhana. Aquêllo culto vinha da alma da turba tão naturalmente como a agua nasce, brota e vive desde a linfa às bocas sequiosas, canta e refresca campinas e dá verdôr às plantas topadas em seu caminho.

Como em dulcíssima crença acudisse muita gente à sepultura do monge que jámais despira o arnés de sôb o hábito, e se curassem os enfermos, ao evocá-lo, as esperanças de alívios sobrenaturais palpitarão nos corações e vã de improvisar os versos, lindos por simples, vã de se tornar genial a musa dos humildes ao cantar os portentosos remédios hauridos à beira daquela sepultura. Subiam as canções tão rijamente como outrora a voz do guia das hostes ao ordenar os ataques contra o inimigo, em brados, porque era preciso ouvir-se, em unção, porque exprimiam a fé. O povo, entre mil versos, dizia estes:

*Do Restelo a Sacavém
Nem faz mingua nem ninguem
Tem semelhe ao condestabre
Que lhe prouve e que lhe prazi
O fazer-nos tanto bem.*

E homens, mulherio, criança,
cada, os marujos das naus, os
soldados das mesnadas repetiam:

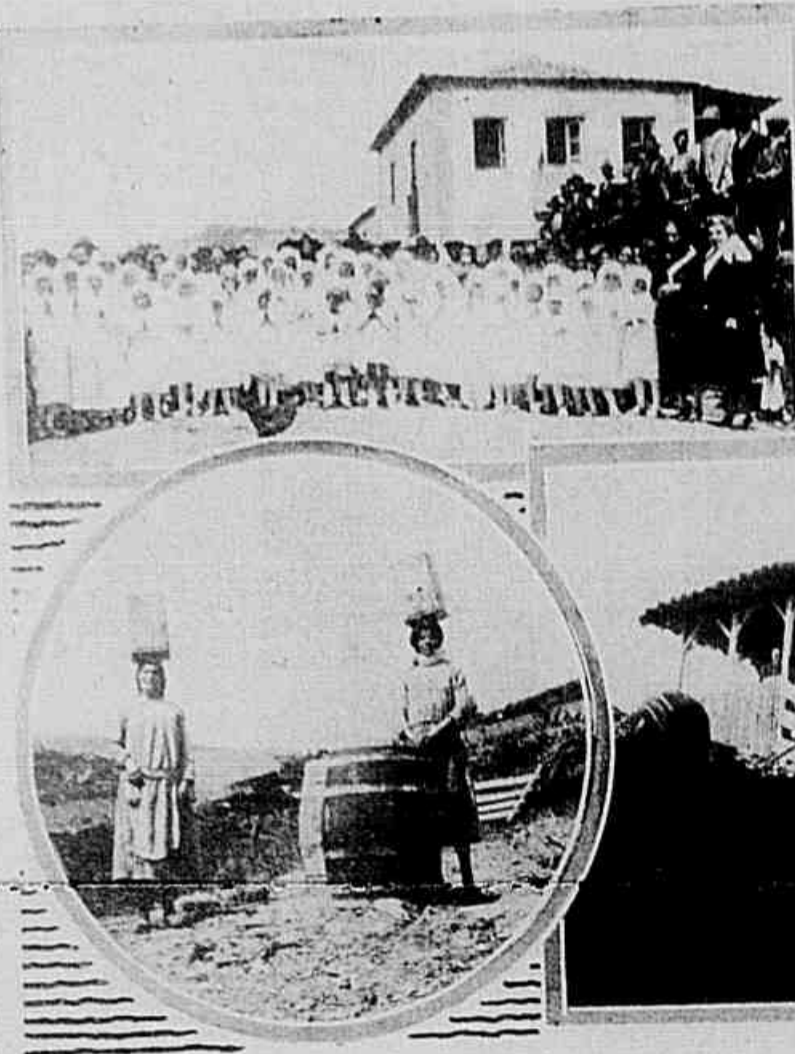
E bem! E bem!

Os prodigios a que se assistia — quasi o de dar vida aos agonizantes — narravam-se em larga propaganda e, dentro em pouco, as romagens começavam, do Restelo a Sacavém, em bandos crentes, conduzindo flores e votos, formando cirios que atravessavam dos arrabaldes para a cidade, cingida nas suas muralhas como o grande capitão vivera na férrea armadura.

Pela festa do Espírito Santo apareciam os paisanos de Belém, carregados de oferendas, sopesando uma vela de arrôba como se conduzissem um mastro de varinel; pelo S. João — festejando o aniversário do nascimento do idôlo de seus anelos — vinham os dos lados opostos, Sacavém, Vila Franca, Póvoa, Lumiar, Camarate; na data de Aljubarrota chegavam os de além-rio, Almada, Trafaria, Setúbal, numa procissão de velões que não se apagavam, mas se derretiam ao contacto das mãos, pelo calor desse dia de Agosto, evocador daquêllo em que Nun'Alvares melhor vencera e também em que se dera a Deus, na festa da Assunção de Nossa Senhora.

Em domingo de Páscoa, porém, pertencia o culto aos lisboétas, e de todos os bairros, bêcos, betesgas e ruelas se desabelhavam os moradores, tendo colhido as primeiras rosas e os frêscos ramos dos arbustos floridos para os levarem com o azeite e com a cêra destinados a alumiar as pedras do túmulo onde se guardava o guerreiro no seu hábito esfiampado.

Lindas lisboétazinhas, de rostos ocultos no manteu, mais belas por misteriosas, entre as alas da parentela, todas preparavam os trajos mais garridos para aquella visita ao santo divinizado pela crença popular; embarcações rudes traziam os seus fortes madeiros salvos de alguma tempestade, e os batalhadores dessa Africa marroquina, que começava a ser a prôa da nau das descobertas, dirigida para o além, ignoto o misterioso reino do Prestes João, mostravam o venabulo, o pelouro, a ponta do pique de cujos choques tinham escapado, mercê de sua crença no condestável.



O bispo de Bragança visitou ha dias a povoação de Vale Frechoso, onde foi recebido festivamente por todos os seus habitantes. Vêem-se nestas gravuras: um grupo de crianças que tomaram parte na recção, o cortejo em frente à residência paroquial e duas lindas camponesas carregando sulfato para o tratamento das vinhas.

(Fotos A. Gouveia)

Figuras e Factos Históricos

Nun'Alvares e a Páscoa Lisboêta

Crónica de ROCHA MARTINS

Confundia-se o relicário que o guerreiro fizera da Pátria com o altar onde os monges iam colocando o grande capitão e, como éle conduziria falanges à vitória, os triunfos de sua vida heroica ungiam-se em divinos arroubos.

Nessas festas pascaes os velhos lisboétas que o tinham visto, quando novos e seus soldados, lembravam sua existência de glo-



Nun'Alvares Pereira

rioso chefe, os arrancos das investidas surprendentes, desde a Outra Banda, para libertar a capital cercada, até à das sortidas além das muralhas de Santa Catarina, quando queria pelear em aventuras; diziam dos combates sem derrotas, das suas frases, dos seus gestos, da fôrma como ajoelhava ante o seu pendão — que era um oratório flutuando ao vento — no qual se abriam trovas sacras para a Virgem, Jesus,

S. Jorge e Sant'Iago, sôb a cruz redentora e de seu braço.

E aquêllo peitilho de lã verde, engalanado de rosas, que usara em Aljubarrota, como se dos espinhos de sua vida brotasse flores?! E a sua espada corregida pelo alfageme cujos ossos tinham sepultura perto da sua ou que pelo menos assim se acreditava?!

Os lisboétas, á beira do túmulo do Condestável, iam depôndo seus votos nas Páscoas destinadas à romagem da cidade, ao seu libertador e da Pátria.

Recordavam, mais, o que lhes chegara, coado por mil bocas, acerca do seu encontro com a mãe, a dóce e justa íria Gonçalves, quando quisera conduzi-lo para os castelhanos, a conselho dos irmãos dele, grandes senhores ávidos de mores benesses para a sua casa e renome. Pela primeira vez, a ideia da Pátria teria passado nas palavras do chefe dos exércitos, com as quais querria dizer muito, explicar tudo, repelindo os condados que os de além-raia lhe ofereciam. Traduziam o que da entrevista tinham aprendido. Ele, evocando os berços, bradaria que os estranhos seriam capazes de acender fogueiras com as suas tábuas poucochinhas e fracas; os portugueses queriam-lhes como se fossem santos. Em natural resposta éle explicara como, ao falar de berços, sentira em Portugal aquêllo onde a nação se embalara e que era preciso salvar.

E, ao acabarem as saudosas evocações do que se vira e escutara, dansavam populares, burgueses e povo, confundindo a santidade que lhe votavam com os feitos por que éle se consagrara:

*Para prol da Pátria
Tudo isto fez:
Mata os castelhanos
Salva a nossa grei
E mais outra vez
E mais outra vez*

Mais outra vez se formavam as rondas em frente do mosteiro de cuja riba se avis-

Engenheiro António Rigaud Nogueira



Por ter completado 70 anos, limite de idade fixado pela Lei em vigor em Portugal, foi jubilado no cargo de professor da cadeira de construções civis e industriais da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, o engenheiro brasileiro António Rigaud Nogueira.

Natural da Ilha de Itaparica, Estado da Bahia, onde nasceu em 5 de Fevereiro de 1861, António Rigaud Nogueira pertence ao rol daqueles que sempre honraram e honram a sua Pátria em Portugal.

Filho de Francisco Rodrigues Nogueira, português, que foi durante muitos anos comerciante em S. Salvador, e de Ana Elisa Rigaud, francesa de origem mas descendente da nobre família S. Boaventura, que acompanhou D. João VI na sua retirada para o Brasil, o ilustre professor fez os seus primeiros estudos no Colégio 7 de Setembro, de Luiz da França Pinto de Carvalho, na capital do seu Estado. Em 1871, com vinte anos incompletos, seguiu com a sua família para o Porto, terra de seu pai, onde se formou e tem vivido cercado de consideração.

tava o Tejo batido pelo sol da primavera, da Páscoa, de oiro como uma legenda, e os campos a reverdecem, no tom da cruz de Avis, por cuja glória ele combatera e triunfara.

Chamavam-no como a um ente sobrenatural:

Santo Condestabre! Santo Condestabre!

Era a crença a nascer, o culto a formar-se para a igreja que ainda o não santificara.

Nun'Alvares! Nun'Alvares! E era uma aurora! Alvares parecia querer significar, naquelas preces de mil vozes cidadinas, a alva, a claridade, a manhã branca, o resplandecer, o alvor bendito que rompe após a treva das noites. Em turva escuridão se vivia quando a sua espada a despedaçou. Lâmina feita luz, eis o ferro que ele empunhava na alvorada santíssima do renascimento da Pátria!

Bailava-se; redobravam os folguêdos, e o guerreiro, se é santo, devia ouvi-los, se é apenas o pó imortal dum grandioso nome, o éto daquelas vozes do mesmo modo ungiam o seu último arnés de pedra, o da jazida.

ROCHA MARTINS.

Não ha poder no mundo, nem na Rússia vermelha, nem no branco Vaticano, que se meça com o poder ditatorial de Sua Majestade a Moda. Lenine, dispondo de vastos exércitos e terríveis canhões, não conseguiu abater, em meses, a vizinha Polónia. Pois o primeiro ministro de Sua Majestade Imperial, o calmo Patou, numa hora, com uma régua e um giz, conquista meio mundo. E os seus decretos, e os seus mandamentos, e os seus "ukases" não se impõem apenas no império dos usos e costumes, quer no moral, quer no temporal. Eles chegam a dominar as próprias leis da Natureza.

E' lembrarmo-nos da Eva de todos os tempos — da que foi Vénus, Cleopatra, Friné, Colone, Otero para ser a lamina duma espada... ás vezes na bainha. E já imperava assim na idade dos gregos heroicos — quando ordenava aos seus fieis a cor negra dos cabelos de Friné, Aspasia e Lais. E já legislava assim no periodo greco-romano — quando impunha aos seus escravos, os cabelos loiros de Ceres, Leda e Messalina.

Sua Majestade não se limita, porém, a legislar para a traça do corpo e da moral, para a cor do cabelo e dos sentimentos, para a forma do vestuário e dos afetos. Ela obriga a moldes e canones taxativos na esfera das letras e das ciências, da pintura e da música, da habitação e da sumptuaria. E no dia em que nos disser — não é chique morrer sôb o gorgolejo do consa-

Sua Majestade

A M O D A

grado estertor animal, o chique é morrer com trindados de riso na garganta, ninguém que se preze deixará de morrer a rir, como a Maria Rita.

Agora mesmo, encontro numa revista esta nova elucidativa: As exposições de automóveis da Primavera, em Londres, Berlin, Paris, revelaram certas modificações na estrutura dos carros, linha de carroserie e dispositivos do motor, que insinuam aos modêlos de 1931 vagas diferenças em relação aos anteriores. Pois tanto bastou para que, por esse mundo fóra, os elegantes e os snobs, sem excluir as snobs e as elegantes, alvoroçadamente relegassem ao desbarato do ferro velho excelentes unidades pouco antes adquiridas a peso de ouro, no afan de se apresentarem em praias e térmias ao embalo dos modêlos no rigor da última decretal.

Mas ainda bem que Sua Majestade a Moda é vária, e poderosa, e tirânica — diz a costureirinha do quarto andar, a que tece a túnica e o prestígio das deusas de Casino; afirma o vulcano dos altos fornos, o que forja as viaturas e a vaidade dos milionários do cheque e dos arqui-milionários do snobismo...

SOUSA COSTA.

O cúmulo da elegancia

Beatriz — Eu se tivesse uma criada tão insolente como a tua, punha-a logo na rua.

Eliza — E' preciso ter paciência, Beatriz, esta harmoniza-se tão bem com a decoração da casa, que, custe o que custar, tenho de a conservar!

BOMBEIROS VOLUNTARIOS de Vila do Conde



Em cima, os padrinhos do novo pronto-socorro, desta corporação, ha pouco adquirido e, em baixo, senhoritas vendendo o emblema em beneficio da mesma corporação. — (Fotos J. Mesquita).

AINDA ha pouco, ao fazermos aquella despretenciosa palestra sobre as nossas poetisas, a culta assistencia que enchia a vasta e gloriosa sala do Real Gabinete Português de Leitura ouviu algumas referencias a Alice Ogando, emocionou-se com alguns dos seus versos, por acaso inéditos então, lidos por um poeta amável. Breve, muito breve vamos ter o prazer de ouvi-los da própria poetisa gentil, da graciosa autora da "Chama eterna".

Alice Ogando que, a par de um nome notável na moderna geração intelectual feminina, é tambem uma figura marcante do teatro português, vem ao Brasil entre as gloriosas artistas Adelina e Aura Abranches, nessa Companhia que nos vai dar algumas noites de pura arte.

E' esta uma alviçareira nova, que não deixará de dar contentamento aos bons cultores das musas, a tantos daquêles que

POETISA-ARTISTA

Alice Ogando

UM NOME CONSAGRADO NAS LETRAS
E NA ARTE PORTUGUESAS

longe da Pátria se tornam os maiores merecedores da dedicatória que a poetisa insigne põe no pórtico rendilhado de um dos seus livros: na "Intimidade", em que todos aquêles que tiveram o ensejo de poder entrar, puderam sentir as vibrações de uma alma de eleição, estonteada de Beleza.

*"A todos os que amaram e sofreram,
A's almas torturadas d'ansiedade,
A quantos nesta vida já beberam
Pelo cálix amargo da saudade;"*

E quem mais terá bebido a largos goles nêsse amargo cálix, do que aquêles que o Destino afastou para longe nas azas doiradas de um grande sonho, que nunca se realizou, nos braços de uma loira esperança, que se desfez em noite melancólica, longa e triste?

Alice Ogando vai conhecê-los: aquêles que sabem por desgraça o que é saudade, constante, pungente. E com a sua sensibilidade terá ensejo de escrever um grande, um sentido poema, que seja a miragem da cruciante tortura de todos aquêles que a cada momento sentem a ansia louca e irrealizável de voltar á terra de onde partiram, de aquecer-se de novo ao sol que abandonaram atrás de uma falaz miragem.

Para o teatro tem Alice Ogando dado muito da sua intelligência, da sua arte sem preocupações de preconceitos, arte de sentimento, de expressão, arte imposição de Espírito ardendo em ansias de Beleza eterna.

Quer como intérprete, quer como autora.

Dona de uma ironia que torna a sua conversa um encanto sem par, um encanto que prende e seduz, por um lado, e por outro lhe tem creado algumas antipatias de pessoas cuja couraça é fraca para arremetidas de génio, Alice Ogando torna-se inconfundível como figura de relêvo nas letras e nas artes portuguesas.

E porque os adjéctivos estão gastos por emprêgo desajeitado, impróprio e abusado, por aqui fica a segunda apresentação que no Brasil muito prazeirosamente faço da autora da "Chama eterna", de "Era uma vez um amor", "Intimidade" e outros próximos livros de delicada e rica inspiração.

E para justificação do que se afirma, aqui se reproduz um dos belos sonetos de Alice Ogando, que bom remate põem ao que mal foi começado:



Palavras... Palavras

*Tanta palavra gasta inutilmente
No decurso da vida! Tanta, tanta!
De proferi-las secca-se a garganta,
E tão poucas se dizem lealmente!*

*Tantas gastei na vida esterilmente!
Quanta palavra inútil, quanta, quanta!
Ao recordá-lo agora até me espanta
Como pude dizê-las, friamente!*

*Quantas palavras vãs! Se as rememoro,
Sinto remorsos... Com vergonha, córo,
Num arrependimento bem sincero...*

*Porque as não guardei eu p'ra t'as dizer?
Porque as não poupei eu para poder
Dizer-te, ó meu amor, como te quero?!*

ALICE OGANDO.

SOCIEDADES RECREATIVAS



Festas e reuniões da última quinzena

Da vida recreativa do Rio, reproduzimos nesta página vários aspectos das festas realizadas na última quinzena, nas diferentes sociedades do género, aspectos apanhados pelo nosso fotógrafo e que mostram aos leitores:

A' esquerda, de cima para baixo: — A última festa realizada no Orjeão Portugal em homenagem à sua candidata ao título de "Rainha" da Colónia, Senhorita Amélia Borges Rodrigues, que se vê ao lado do presidente da so-



cidade; — parte da assistência no último baile realizado na "Fraternidade Lusitania"; — no último baile realizado no "Miséria e Fome"; — assistência na brilhante festa levada a efeito no Club Tenentes do Diabo.

A' direita, na mesma ordem: — A Comissão de Senhoritas que abrilhantaram o último baile da Banda Portugal; — um lindo grupo tirado na encantadora festa do "Lord Club"; — nos "Independentes", flagrante da última soirée que decorreu animadíssima.

DATAS HISTORICAS

DIA 1

1198 — Falece em Coimbra D. Dulce, rainha de Portugal. Era filha de D. Ramon de Berenguer, conde de Barcelona e príncipe do Aragão. Casou em 1175 com o príncipe D. Sancho, filho de D. Afonso Henriques.

1503 — Aporta Vasco da Gama a Lisboa, de regresso da sua segunda viagem á India, sendo recebido com muita solenidade pelo rei D. Manuel I, a quem entregou, entre outras coisas, os dois mil mitcaes de ouro do tributo de Quiloa. Desse ouro, que era o primeiro que se obtinha de peças, foi depois lavrada a custódia preciosa de Belém, que faz ainda hoje a admiração de todos que a vêem, e que na Exposição Universal de Paris de 1867 causou profunda sensação, como atualmente está causando na Exposição Colonial.

DIA 2

1630 — Erupção vulcanica na Ilha de S. Miguel; houve grandes estragos e morreram muitas pessoas; as cinzas que saiam da cratera incendiada chegaram, segundo testemunhas contemporâneas, á Ilha Terceira.

1645 — Restauração da Capitania da Paraíba do poder dos holandeses. — Conforme se tinha ajustado na véspera em Tibery, solta-se em diversos pontos da Paraíba o grito de restauração da capitania do poder dos holandeses e a consequente expulsão destes. Tomavam parte ávida neste movimento todos os paraibanos de importancia, que se faziam acompanhar dos seus fâmulos e escravos, armados como melhor puderam.

DIA 3

1758 — Atentado em Lisboa contra a vida do rei D. José I, nas terras de Arcolena, pelas 11 horas da noite, quando particularmente recolhia ao palácio da Ajuda, sua residência, desfechando dois tiros sobre o espaldar da carruagem que o conduzia. Esse atentado foi severa e crudelissimamente punido.

1861 — O rei D. Pedro V, acompanhado do infante D. João, inaugura na Torre da Marca, no Porto, o Palácio de Cristal.

1920 — Revogação do banimento e transladação dos despojos dos imperantes D. Pedro II e D. Teresa Cristina. — O presidente da Republica Dr. Epitácio Pessoa sanciona a resolução do Congresso que revogava os artigos 1.º e 2.º do decreto n.º 78-A de 21 de Dezembro de 1889 e autoriza a trasladar para o Brasil os despojos mortais dos imperantes mediante prévio assentimento da familia imperial e do governo de Portugal, fazendo-os recolher em mausoléu condigno e para tal especialmente construido. — Decreto n.º 4.129 de 3 de Setembro de 1920.

DIA 4

1887 — António Augusto de Aguiar. — Em Lisboa falece com 49 anos de idade, apenas achando-se em plena exuberancia de talento e de produção, este sábio eminente, químico célebre, orador notável, parlamentar illustre e ministro, que, na sua curta passagem pelos conselhos da coroa, deixou o seu nome vinculado a obras de grande alcance. Nasceu a 5 de Setembro de 1838.

DIA 5

1842 — O príncipe Adalberto da Prússia, chega ao Rio de Janeiro, e aqui permanece até ao dia 30, em que embarca para o Pará.

DIA 6

1895 — Traição e massacre de que foi vítima o valente capitão do exército português Eduardo da Camara e a maior parte da força do seu comando, entre Forchen e Fatumeau, no distrito de Timór.

DIA 7

1522 — Chega a San-Lucar de Barrameda a caravela *Vitória* levando a seu bordo ape-

SETEMBRO

nas dezoito homens, únicos sobreviventes da audaciosa expedição de Fernão de Magalhães, na sua viagem de circumnavegação ao globo.

1822 — Independência politica do Brasil. — Em S. Paulo, á margem do Ypiranga, o príncipe regente D. Pedro, rompendo os la-

mente Sanches de Miranda. O quadrado que foi formado por três filas apenas com 17 homens de frente, era apenas protegido por quatro metralhadoras.

Travado o combate sob um sol ardentissimo, só por prodigio ou maravilha aquelle punhado de bravos não succumbiu á furia e ao feroz das treze mangas negras que sobre elles se lançaram.

DIA 9

1790 — Criação do papel-moeda em Portugal.

1899 — Falece o general de brigada Fernando de Magalhães, que na qualidade de chefe do estado-maior da 3.ª divisão, teve um papel importante na sufocação da revolta militar do Porto em 31 de Janeiro de 1891.

DIA 10

1610 — Carta de lei pela qual manda o rei D. Filipe III considerar os sujeitos indígenas do Brasil.

1819 — Publica-se o alvará dando estatutos á ordem de Nossa Senhora da Conceição da Vila Viçosa, criada por D. João VI em 1818.

DIA 11

1589 — Ilha das Cobras. — Esta ilha, na baía do Rio de Janeiro, que pertencia a um oleiro por nome João Guterres, é arrematada, em praça pública dos ausentes por 15\$300 pelo mosteiro de S. Bento.

Levanta-se então a fortaleza segundo o risco do engenheiro José da Silva Pais, ficando o mosteiro com a posse e dominio de todas as terras que se acham fóra das muralhas e fortificações.

1891 — Antero de Quental. — Em Ponta Delgada, onde nascera a 18 de Abril de 1842, suicida-se, com um tiro de revólver, morrendo sem descendência, este notável publicista, homem político, filósofo e eminente poeta.

DIA 12

1854 — Decreto criando no Rio de Janeiro, o imperial Instituto dos Meninos Cegos, expedido em virtude da lei de 10 do mesmo mês e ano.

DIA 13

1876 — Morre na sua quinta de Val-de-Lobos o eminente historador Alexandre Herculano, um dos introdutores do romantismo em Portugal. Alexandre Herculano revelou-se na sua *Harpa do Crente* um dos mais elevados talentos poéticos do século XIX. Mas o que popularizou o seu nome não foram os seus trabalhos historicos nem a sua obra poética: foram as suas obras de polémica contra os ultramontanos.

Foi, todavia, um ferrenho cartista e um velho católico inconvertível.

DIA 14

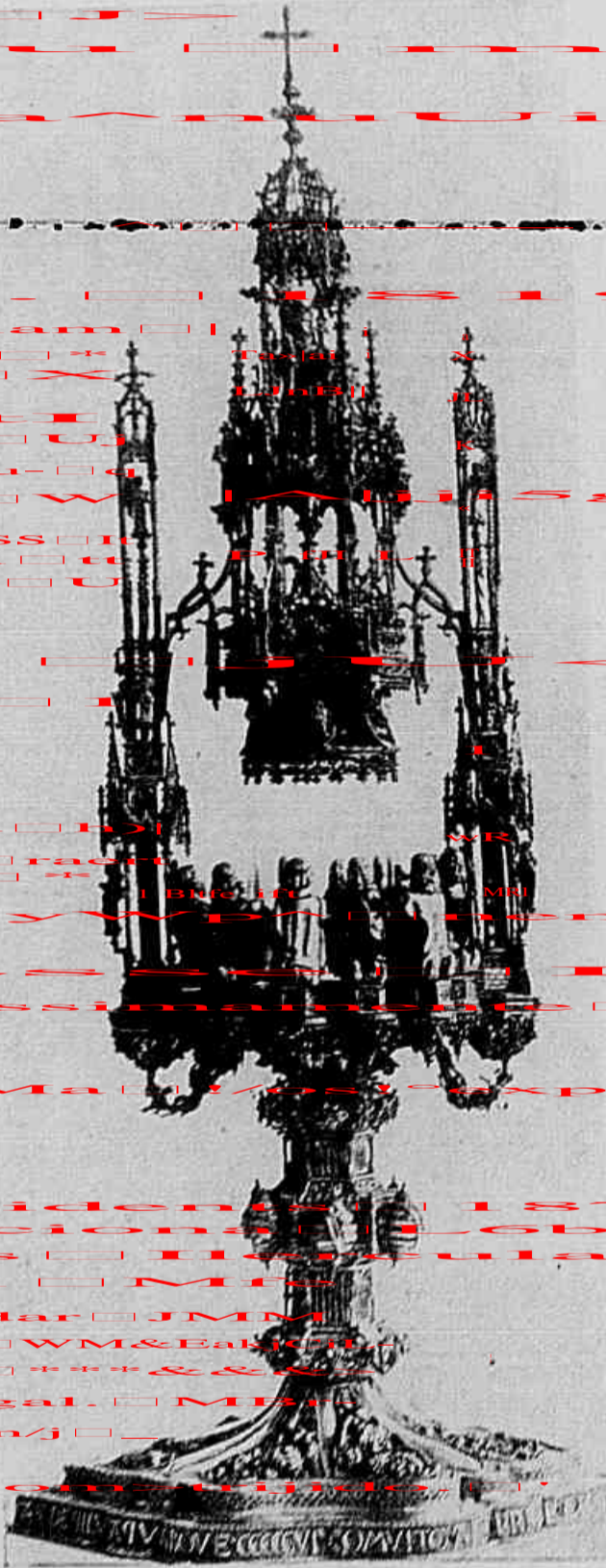
1862 — Saem do Tejo as corvetas *Rerolomey Dias*, *Estefania* e *Sagres*, sob o comando em chefe do visconde de Soares Franco, em direcção a Génova, onde chegaram no dia 20 para conduzirem a rainha D. Maria Pia, que vinha desposar el-rei D. Luiz I. A rainha partiu de Génova a 29 de Setembro e chegou a Lisboa a 5 de Outubro.

DIA 15

1498 — A esquadriha de Vasco da Gama, de regresso de Calicut a Portugal, encontra umas ilhotas, a que Vasco da Gama deu o nome de *Santa Maria*, porque em uma delas mandou erguer um dos padrões que trouxera de Lisboa e que assim se denominava.

1831 — A cidade do Recife amanhece sob a pressão dos desertinos da soldadesca desenfreada e insubordinada, que se revoltara desde o dia anterior.

MENDONÇA CORTEZ.



A Custódia de Belém

cos que o prendiam á metrópole portuguesa, solta o grito de Independência ou Morte, grito que ecoa em todas as provincias e constitui o Brasil nação independente.

DIA 8

1895 — Combate de Magul. — Este combate foi uma das páginas mais brillantes da campanha d'África Oriental de 1895-1896, travada contra os landins ou vâtuas sublevados. Tomaram parte nele 275 soldados portugueses contra mais de 6.000 capres. As forças europeias compunham-se de 221 praças de infantaria 2 de 8 de cavalaria 1 de 3 de cavalaria da policia de Lourenço Marques, de 20 de artilharia de montanha, de 10 de artilharia 4, de 1 de engenharia e de 1 da administração militar, commandadas pelos valorosos capitães de engenharia Freire de Andrada e de artilharia Henrique de Paiva Couceiro, secundados por mais 9 officiais, contando-se entre elles o brioso te-

São Bento
da
Porta
Aberta



Realizou-se em Rio Tinto a tradicional romaria de S. Bento da Porta Aberta, vendo-se nestas gravuras um aspecto da animação da romaria e um grupo de senhoras angariando donativos para as obras da igreja. — (Fotos A. Ribeiro)

Uma mulher...
moderna

Uma viuvinha americana, recebeu por escrito, oito dias depois do falecimento do marido, um pedido de casamento de um dos seus admiradores. A resposta foi a seguinte:

"Meu amigo:
"Lamento sinceramente que a sua declaração me tenha chegado tão tardiamente às mãos, pois fui, hontem mesmo, pedida pelo nosso comum amigo X, com quem tenciono casar, após o tempo necessário para as constatações legais. E tanto mais o lamento quanto é certo que sempre tive por Você uma muito particular estima e consideração.

"Chegou tarde!... Mas a culpa foi unicamente sua, pois — se me queria para sua mulher — deveria ter-me, ha mais tempo, feito conhecer, claramente, os seus apreciáveis sentimentos, visto que, desde longa data, segredo não era para ninguém que o meu defunto marido nenhuma probabilidade tinha — coitado! — de continuar vivendo.

"Não perca, porém, a esperança... Tudo pode vir a ser... O futuro a Deus pertence...
Sua sincera amiga

Marta."



O sábio no meio dum povo sem ilustração, é como a rosa no deserto, onde os inséto a pungem e maltratam, não sabendo prezar os seus perfumes, nem admirar a sua beleza magestosa.

Os inconvenientes do "rimmy"

Um médico americano declara que as mulheres que usam "rimmy" nas pestanas acabam por sofrer perturbações, que podem chegar á loucura. "As pessoas que adotam este "truc" de perfumaria — diz ele — começam por não poder fechar os olhos, visto que a matéria pegajosa de que o "rimmy" é composto pega as pestanas superiores ás inferiores e chega, em alguns casos, a impossibilitá-los de se abair, se por acaso se fecham. Por isso, todas as mulheres que empregam este processo de aformoseamento estão sempre com os olhos obstinadamente abertos, com uma fixidez de cadáver.

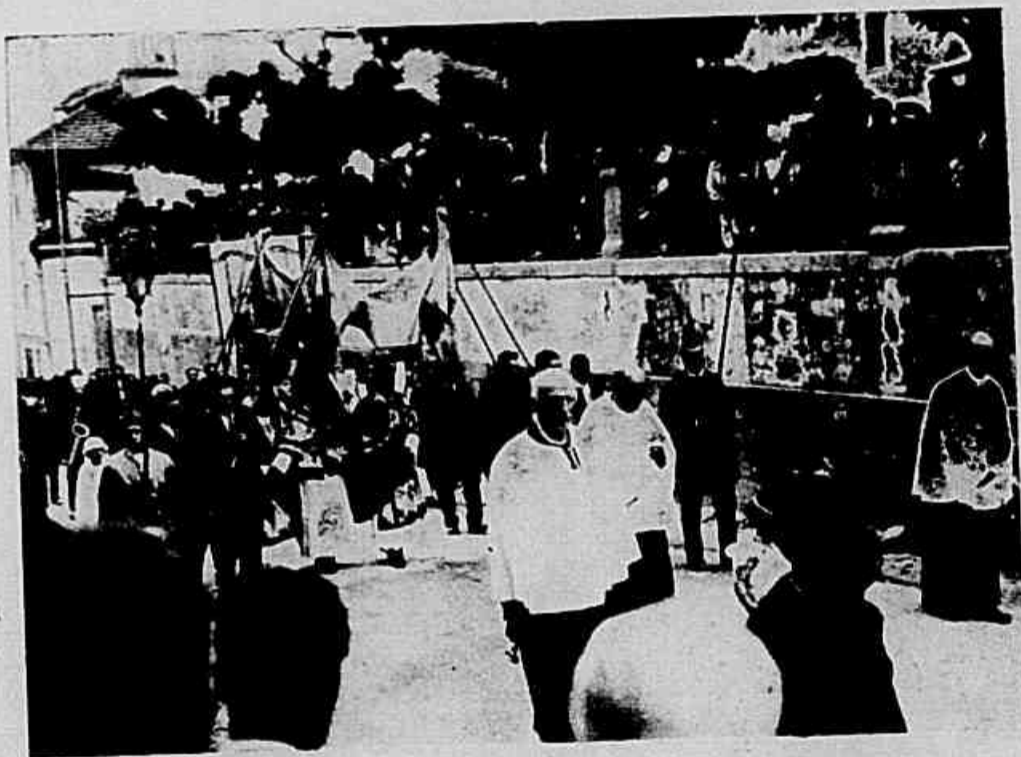
A mulher é naturalmente nervosa. Tem necessidade de mover os olhos constantemente. E como o "rimmy" lhes impede os movimentos, desafogam o seu nervosismo com constantes "vai-vens" de cabeça e de corpo, o que algumas vezes produz a doença S. Vito e numerosos incómodos, podendo mesmo chegar ao idiotismo completo."

Esperamos que não sejam tão terríveis as complicações...

A hipocrisia é ainda uma homenagem que o vício presta á virtude.

*

Uma mulher é franca quando não diz mentiras inúteis.



S. PEDRO DO SUL — Dois lindos aspectos da festa da Comunhão das crianças, ha pouco realizada. — (Fotos Edgar Santos).

INDO A SPALVO
PREFIRA HOSPEDAR-SE NO GRANDE HOTEL FARIA
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 114
PROXIMO A LUZ, COM FILIAES NO LARGO GENERAL OZORIO E RUA MAUÁ
Capacidade para mais de 600 pessoas diarias
Aposentos com e sem banheiro, todos com agua corrente, desde 8\$000
DIARIAS COMPLETAS desde 15\$000
ASSEIO E CONFORTO SEM LUXO

Às Mulheres Portuguesas



Apesar do prazer que tenho de escrever para esta revista, ha muito tempo que não tenho tido occasião de fazê-lo.

Escrevi duas comédias, uma de gosto moderno e outra sôb um assunto passado no qual entra uma avioneta, a primeira que foi a Minas, a Belo Horizonte, em linha rêta aérea. Assim, sendo o assunto uma fantasia, a avioneta fez essa viagem verdadeira e eu aproveitei-a para a minha comédia.

Escrevi assuntos históricos, fiz pesquisas interessantes, sôbre a nossa literatura, estudos que têm despertado interesse nos meios históricos de Portugal e em diversos jornais e revistas, notando-se o Dr. Agostinho de Campos, Dr. Magalhães Lima, Hernani Cidade e outros e igualmente na magnífica revista da Imprensa da Universidade de Coimbra, "O Instituto".

Ouvi ha pouco tempo um conhecido escritor dizer que coisas avôerigas, assuntos de éras passadas e velharias "já não interessavam mais", e está introduzindo este pensar aonde fala. Engana-se, esse poderoso escritor, nunca tanto como agora se estuda o passado. Não só para aproveitar-se o aproveitável como mais para se escrever a verdade; o povo está bastante adiantado para sabê-la, em qualquer assunto. Assim fazem-se pesquisas minuciosas na Europa e na America do Norte e talvez algures mais.

O Concurso para a Rainha da nossa Colônia. Espero uma surpresa á última hora para o lugar de Rainha. Como já escrevi, gostava dessa Rainha, distinta, altamente instruida, para nos representar na Sociedade e com meios; sim, para não ter de receber "presentes", a não ser "um diadema de Rainha", nada mais, tendo como seus págens e soldados todos os "nossos" portugueses (nossos são os do Brasil). "A princesa" seria "a menina dos nossos corações", a beleza das nossas belezas, que iria a Por-

Ideias e Conselhos

POR

D. Maria do Céu Vasconcelos de Melo

tugal cantar os nossos fados e os cantares brasileiros, essa seria a princesa dos sonhos e da mocidade!

Outro escritor, na hora de máo humor, escreveu que dois portugueses incultos causaram a ideia da "reforma da ortografia". Bendigo-os porque vieram distrair todos nós; variaram um pouco a atenção; eu, que detesto a política, tinha os "olvidos" chefes. Li jornais, quais os assuntos? Política! Política!... outro... mais outro... Repentinamente... a nova ortografia! Sem hs... sem... Não, Senhor! Esse escritor fez mi-lagres! Ainda escreveu que os portugueses ignorantes trocam o V pelo B. Não trocam, engana-se, pôde ter a certeza; têm o costume de pronunciar o dôce B espanhol;

sômos irmãos e vizinhos, nas raias estamos sempre juntos. Nem a "grêve" de todas as Academias de Letras e todas as aulas de português nas Escolas e Universidades de Portugal e do Brasil serão capazes de tirar aqui e all, do nosso povo e das suas cantigas, o dôce B espanhol! Este B é tão querido e usado como a guitarra para os nossos fados, e o violão para os cantares espanhóis, tocados pela mocidade irmã nas nossas serras altivas e nas nossas praias.

Nêstes dias de chuva fria, tenho lido um pouco mais; sôbre a minha mesa, tão pequena, vejo livros tão grandes e de interesse variado! A bela revista da Universidade de Coimbra, "O Instituto", não preciso de elogiá-la! "Gente d'Algo", do Conde de Sabugosa. Uma joia verdadeira. Outro gênero leve e interessante para portugueses somente: "A mulher em Portugal", de Vitor de Moigênie. Gosto muito. "Por amor a Portugal". Gostei! Quanta saudade despertou este livro com a apresentação leve de lugares sempre gravados no coração! E bem na frente um novo livro brasileiro! Deveis todos lê-lo, encanta, diverte, e provoca a curiosidade! E' um desenrolar de acontecimentos de ha pouco, tão bem escritos e apresentados que me encantaram pela elegante maneira de escrever do autor. Pergunto: terá algum assunto político all notado? So o tem e somente para reflexão e enlevar o leitor e prender-lhe a atenção. Lêde-o e ficarei satisfeitas, é a "Cidade Antiga" de Augusto de Lima Junior. Ainda esqueci de notar, aqui, sôbre a mesa, o meu inseparável companheiro: "O Eurico", de Herculano.

Maria do Céu Vasconcelos de Melo.

VIDA SPORTIVA EM PORTUGAL



Inauguração, em S. Pedro do Sul, do campo de jogos da Pedreira. Vêem-se nestas gravuras: um aspecto do desafio entre o Acadêmico Football de Vizeu e o Club Desportivo dos Bombeiros Voluntários de S. Pedro do Sul, que inauguraram o campo; a Srta. Maria Piedade Matos, dando o pontapé de início, e a troca de ramos entre os dois teams.

(Fotos Edgar Santos).



GRANDE HOTEL
ALLIANÇA
S. PAULO

RUA GENERAL OSORIO, 61

(Esq. da rua Santa Efigenia)

Systema de quartos sem refeições —
Appart. para 200 pessoas; Elevador,
agua corrente nos quartos; preço
85000, comprehendido o serviço de
café pela manhã

RIGOROSAMENTE FAMILIAR

Telegrammas: "SONNEL" — Telephone 4-3727

DA CIDADE LUZ

AS MULHERES NA DIPLOMACIA

PARIS, Agosto, 931.

Por ocasião da última recepção diplomática que se realizou no Eliseu, uma mulher, vestida discreta e sobriamente, toda de negro, em traje de cidade e sem joias, atraía a atenção geral no meio dos uniformes dourados e das casacas pretas cheias de condecorações. E' porque era a única mulher que ali se encontrava. Mme. Marie de Pirano, adida á legação da Colombia em França, fazia assim, sem ruído, a sua entrada oficial no corpo diplomático, numeroso e imponente, acreditado em Paris. Vai ter dentro em breve uma colega e dum grau muito superior na escala das dignidades diplomaticas? E' o que uma notícia de hoje nos faz prevê.

Afirma-se efétivamente que o Sr. Dovgalewski, embaixador dos Soviets em Paris, vai ser chamado a Moscovia. O motivo disso? A attitude de seu sobrinho, agente comercial, e que, chamado ha alguns meses, preferiu ficar em França a ir explicar-se perante os seus chefes. O sucessor provavel do Sr. Dovgalewski será, diz-se, Mme. Kolontai, atualmente embaixatriz dos Soviets em Estocolmo, se o Governo francês lhe der o seu "agrément".

Um jornal de Paris, "La Liberté", escreve sobre este assunto o seguinte:

"Mme. Kolontai é uma lindissima mulher, ainda nova. Desempenhou um papel importante nas horas heroicas da revolução russa, quando o bolchevismo lutava pela sua vida, todos os dias ameaçada pela contrarrevolução renascendo sem cessar. Uma verdadeira lenda rodeia o seu nome. Teria sido da intimidade da maior parte dos grandes chefes bolchevistas da primeira hora, e é a essa circumstancia que se atribue o favor de que não cessou de gozar junto do Governo soviético quando ao redor dela Staline feria e abatia as cabeças mais altas. Recearia talvez as revelações que Mme. Kolontai poderia fazer no caso de ser ameaçada. Odio de mulher não perdôa nunca.

"A futura embaixatriz em Paris passa por ser uma diplomata de notáveis faculdades de finura e de subtilidade. Sabe tirar todas as vantagens que o seu sexo e a sua formosura lhe dão. A sua designação para o posto de embaixatriz dos Soviets em Paris seria tanto mais hábil da parte de Moscovia, quanto é certo que muitas portas se lhe abririam que se têm conservado implacavelmente cerradas perante o Sr. Dovgalewski. A nossa burguezia está, em Paris, a tal ponto desmoralizada, que nos não admirariamos de ver, no próximo inverno, Mme. Kolontai recebida e festejada nos salões parisienses."

Seja-me permitido fazer algumas reservas sobre o que se acaba de lêr. "La Liberté" deve certamente exagerar sobre a duvidosa conduta de Mme. Kolontai em Moscovia e sobre a desmoralização da burguezia parisiense. Eu creio antes que Mme. Kolontai deve o seu posto a qualidades de talento e de tacto extraordinárias e julgo que, como mulher bonita, tem o seu lugar indicado em Paris.

FRANÇOISE GAMBART.

CAFE' CAMARA

Está muito bom

Experimentem

VELHINHA IGNORANTE.



A ARTE FOTOGRAFICA — "O primeiro cigarro", bela fotografia do nosso correspondente na Régua, Sr. António Teixeira, e que causou grande sucesso na última exposição ali realizada.

UM INQUERITO

Madame :

Qual a qualidade do homem que mais pôde contribuir para a felicidade da mulher? Eis uma resposta que se torna difficil, mas á qual todas as raparigas já têm respondido, umas patenteando o seu pensamento, outras respondendo intimamente, pensando no ideal ha muito sonhado.

Creio, firmemente, que, por melhores qualidades que um homem tenha, de nada servirão se a mulher as não souber aproveitar, fechando os olhos ás más que possam existir.

Não sou "bota de elastico", mas também não sou ultra-moderna e não entendo o casamento sem amor. Partindo deste principio, toda a mulher casada, embora reconheça os defeitos do marido, pelo amor que lhe dedica, sofre com muito mais coragem. E talvez, á força de resignação e persistencia, dedicação e ternura, consiga corrigir esses defeitos.

Portanto, se no homem que amarmos existir uma qualidade boa, seja ela qual fôr, está na nossa mão fazer com que seja salutar.

Em todo o caso achava ideal um homem que gostasse da minha cara, "que dizem ser

bonitinha", sem labios nem olhos pintados, que antes me pedisse para tocar uma valsa de Chopin que um "charleston"; que não risse quando, em frente a uma igreja, eu me benzesse, mas antes tirasse o chapéu; que não me chamasse ignorante por gostar mais de ouvir boa musica ou dar um lindo passeio, embora a pé, do que ir assistir a um desafio de "football"; que não troçasse ao saber que nunca vou a um cinema e que é raro ir a um baile; que bebesse pouco vinho e tivesse bebido muito chá; que me não ralhasse ao saber que um tal dinheiro destinado a um divertimento o tinha dado de esmola; que se fizesse qualquer coisa que me desagradasse, tivesse a coragem de me não mentir; que fosse sincero ao dizer que me amava e, para terminar, que, quando soubesse que eu era pobre, quizesse casar comigo.

Mais ainda poderia desejar, mas, assim mesmo, este homem, no tempo de egoismo, mentira e progresso que vai correndo, por força faria a felicidade de uma mulher. Mas são tão raros e de uma tal especialidade, que nunca chegam a um pobre terceiro andar.

POR solicitação da Camara Municipal d'este concelho, a secção de Heraldica da Associação dos Arqueólogos Portuguezes procedeu ao estudo das armas da Lousã, tendo aprovado, em sessão de 12 de Novembro do ano findo, o parecer que sobre o assunto apresentou o Sr. Afonso de Dornélas e de que transcrevemos os trechos finais:

"Temos, pois, elementos de sobra para ordenar as Armas da Lousã, que propomos sejam:



AS ARMAS DA LOUSÃ

De negro com uma banda ondada de prata e de azul, acompanhada por um rodizio de ouro com oito pás do mesmo metal e por um molho de espigas de trigo de ouro atado de verde. Coroa mural de prata de quatro tórres. Bandeira amarela e azul. Cordões e borlas de ouro e azul. Listel branco com letras pretas. Lança e haste dourada.

O negro na heraldica representa a terra e significa honestidade. Os rios, heraldicamente, são representados por faixas ondadas de prata e azul. O rodizio, que representa a notável indústria do papel, é heraldicamente destinado a representar os engenhos de água corrente. Indica o ouro para esta peça, porque é o metal que representa a riqueza e significa poder. As espigas do mesmo metal representam a agricultura local, uma das grandes riquezas da Lousã. Como o metal e a cor das peças principais das armas são o ouro e o azul, a bandeira deverá ser esquadrelada de amarelo e azul e, portanto, de ouro e azul os cordões e as borlas; e a lança e haste douradas. A coroa mural de quatro torres é a que está estabelecida para a categoria de vila."

A palavra "ovação"

Agora que, a propósito de notáveis e recentes acontecimentos históricos, tanto gasto se deu á palavra "ovação", precedida dos seus mais típicos adjetivos — como "formidável", "delirante", "apoteótica", etc. — não deixa de ter interesse explicar a origem do mesmo termo.

Os romanos tinham duas consagrações muito diferentes para honrar os seus chefes militares vitoriosos. Se o general vencera um combate sangrento, que infligira ao inimigo uma perda não inferior a 5.000 homens, devia subir ao Capitólio, num carro puxado por quatro cavalos e precedido por uma fanfarrá de trombetas. O herói do dia vestia toga de púrpura bordada a ouro e vinha coroado de louros. A cerimónia — que se chamava "o grande triunfo" — terminava pelo sacrificio de um boi. Se, pelo contrario, o general vencera o inimigo só pela eloquência e sem recorrer ás armas, dirigia-se ao templo de Jupiter Capitolino num carro muito menos pomposo. Vestia com simplicidade e vinha coroado de mirto, planta consagrada a Vénus. Rodeavam-no tocadores de flauta e a festa terminava pelo sacrificio aos deuses de uma simples ovelha ("ovis" em latim). Da palavra "ovis" se formou o vocabulário "ovação".

O primeiro romano que recebeu as honras de uma ovação, foi o coronel Postumius Tubertius, que submeteu os sabulos sem combate.

Os direitos da mulher

A Dra. Inillier Landry, apresentou no Congresso Feminino de Viena a seguinte proposta, que foi aprovada por unanimidade:

- 1.º — Toda a mulher que aceita corajosamente a maternidade tem direito ao respeito;
- 2.º — Toda a mãe tem o direito de salvar, por todos os meios, a saúde de seu filho;
- 3.º — Toda a mulher tem o direito de amamentar o seu filho e de se lhe dedicar completamente;
- 4.º — Toda a mãe tem direito á subsistência e educação de seu filho;
- 5.º — A mãe possui, sobre o filho, os mesmos direitos que o pai;
- 6.º — Toda a mãe tem o direito de participar da vida pública do seu país, da qual pode depender a sorte de seu filho.



NA BAIA — O nosso correspondente Sr. Aventino Fernandes Rezende com os seus colegas corretores de fundos públicos que resolveram deixar crescer o bigode para comparecerem ao próximo Congresso Masculino, que eles próprios vão organizar...

Ele: — Parece que ficaste bem compenetrada, minha querida, de todas estas explicações que tenho estado a dar-te sobre negócios bancários e moeda corrente.

Ela: — Sim, e o que acho mais admirável é que alguém possa saber tanto como tu a respeito de dinheiro, sem ter nenhum...

Sabonete DORLY

PREÇO POR PREÇO

E' O MELHOR!

A' VENDA EM
TODO O BRASIL



RELANCE PELOS LIVROS DA NOSSA ESTANTE :: ::

PORTUGAL QUE EU VI,
Lemos Brito.

O livro que o Sr. Lemos Brito acaba de publicar, é daqueles que precisam de ser lidos pelos brasileiros e meditados pelos portugueses.

Raramente um escritor brasileiro terá visto com tão boa observação e escrito com

Em Crónica Literária

De Gastão de Bettencourt

uma inverdade histórica, sem aqueles erros tão comuns nos trabalhos de muitos literatos que nos teem visitado.

*
"CHORANDO", versos de Beatriz Arnut — 2.^a edição.

O facto da Sra. Beatriz Arnut nos apresentar em 2.^a edição os seus sentidos versos "Chorando", significa naturalmente que o público os recebeu com agrado e depressa esgotou a edição primeira.

Isso é claro, não é vulgar. E sucede que não poucas obras de real valor não conseguem acordar a indiferença do público vulvel como as coisas mais voluveis deste mundo.

A autora, que tem já uma bagagem literária considerável, canta neste livro coisas tristes, as sombras do seu coração amargurado, porque — diz:

"Parece que nasci para sofrer,
mas quem pôde, quem pôde assim viver
se a vida para mim é dolorosa? !..."

E por todo o livro, não ha página que não seja humedecida por lágrimas de saudade, por desalentos outonais, próprios de uma alma que não sabe compreender a beleza exultante dos lindos dias de sol creador.

Mesmo a poetisa nos diz que mora

".....nos rochedos da amargura,
muito longe da praia e da cidade;
enleada nos braços da saudade,
duma saudade como a noite escura.

Em tal moradia não é possível vêr-se



A poetisa Beatriz Arnut

uma nesga de sol, acalentando como uma esperança bendita.

*

SCENAS PORTUGUESAS, por
Sára Beirão. — Ed. da Liv.
Simões Lopes — Porto.

Nas *Scenas Portuguesas* a Sra. D. Sára Beirão não faz mais do que confirmar os créditos conquistados com outros trabalhos

que teem tido boa aceitação do público e o melhor julgamento da crítica.

Livro de contos que se lêem com agrado, as *Scenas Portuguesas* equivalem muitas vezes a delicadas aguarelas. Por vezes a escritora entra nos domínios da história e da lenda, pondo-as a serviço da sua imaginação rica.

Ha no seu livro contos que denunciam



A ilustre escritora D. Sára Beirão

um vigor pouco vulgar na pena de uma escritora, como por exemplo o "Mefistofeles do Campo", em que ha traços de um realismo forte.

Nalguns contos dialogados, D. Sára Beirão, revela grande facilidade no movimento da dialogação, tão difícil, para manter-se a nota de naturalidade, sem a qual perde todo o valor este género tão atraente e tão bem aceite no nosso tempo.

Por tudo isto, a que podemos juntar elegancia de forma, as *Scenas Portuguesas* se tornam leitura agradável e que deixa, ao findar o interessante volume, o apetite insatisfeito.

*

DESCOBRIMENTO, revista de
cultura — Director João de
Castro Osório — Lisboa.

Em nosso país, ao contrário do que muita gente supõe, são constantes e de alto valor as manifestações de intelectualismo. Ainda ha pouco alguém se surpreendia com a lista enorme das obras editadas em 1929-30 e que vem publicada no *Almanaque Lelo*, do ano passado.

Essa lista, que atinge o número de 286 obras de literatura, história, geografia, ciências, artes, ciências civis, belas-artes, poligrafia, numismática, bibliografia, etc., está, entretanto, longe de ser completa, podendo-se sobrecarregá-la com mais uns 30% de obras que escaparam ao compilador.

Os queixumes, entretanto, são constantes porque nós em vez de procurarmos valorizar aquilo que temos ou o que fazemos, procuramos sempre apoucar as nossas coisas.

As revistas portuguesas, principalmente as de cultura, são um indice valioso tambem do nosso valor mental.

Ha pouco chegou-nos mais uma nova publicação, que vem enfileirar entre as primeiras revistas de letras e pela qual se estabelecerá um mais perfeito contacto entre intellectuais de vários países.

"Descobrimto", cujo programa é magistralmente traçado pelo seu brilhante di-

O escritor brasileiro Lemos Brito

tão notável imparcialidade as impressões que uma viagem em nosso país lhe proporcionou.

Geralmente recebidos em festa, como parentes muito queridos, os brasileiros que nos visitam ou cantam com entusiasmo excessivo e, por conseguinte, suspeito, as coisas de Portugal, ou, esquecendo o calor das bem sinceras manifestações com que os acolhemos, nos zurzem a tórto e a dirieto... porque lá não encontram... o Pão d'Assucar e arranha-céus.

Por nossa parte, fazemos o mesmo, de sorte que os livros — poucas excções haverá — saídos dos escritores portugueses sobre o Brasil, onde foram acolhidos galhardamente, se ressentem da falta de serena observação e denunciavam um entusiasmo, ou de sincera prova de gratidão ou preocupação de... vender o livro.

Neste sentido teem aparecido livros até firmados por nomes consagrados, que são uma triste prova de improbidade intelectual.

Ora o Sr. Dr. Lemos Brito, jurisconsulto acatado, viu Portugal de uma forma que raros o teem visto e, por isso mesmo, uma vez que logo nas primeiras linhas ressalta a nobre imparcialidade que é seu timbre, o seu livro se torna mais valioso nos pontos em que o seu critério o leva a elogiarnos francamente.

Denunciando o seu espirito de observação, a sua cultura, o conhecimento justo das coisas portuguesas, o seu respeito pela Pátria e pelos homens a quem o Brasil deve a sua grandiosidade, o Dr. Lemos Brito mostra que não passou apenas em Portugal, mas procurou estudá-lo até nalguns dos seus problemas mais sérios.

Será para um comentário mais largo, em lugar mais apropriado e onde as preocupações de espaço se não tornem acanhadas fronteiras, de onde não é licito passar, a noticia que desejamos dar do "Portugal que eu vi" do Dr. Lemos Brito, que lemos da primeira á última linha, sem toparmos como

rétor, o Dr. João de Castro Osório, insere neste seu primeiro número, que está sendo distribuído pelo "Departamento de Turismo e Propaganda de Portugal", a colaboração dos consagrados nomes Ramón Gomez de la Serva, Joaquim Manso, Ribeiro Couto, João Barreira, Manuel de Figueiredo e publica a tradução, por Camilo Pessanha, de oito elégias chinesas.

"Descobrimto" apresenta-se como o arauto de uma nova era de civilização.

Não cabe no acanhado limite destes rápidos registos um mais largo comentário sobre a iniciativa que torna digno de louvores João de Castro Osório e Osório de Oliveira, dois nomes preciosos na moderna geração intelectual portuguesa, nomes que, aliás, o Brasil mental já conhece e admira.

*

PORTUGAL COLONIAL, revista mensal. Diretor Henrique Galvão — Lisboa.

A propaganda das nossas colónias tem tomado, nos últimos anos, um grande incremento, interessando um grande número de pessoas que até então lhe eram indiferentes.

E' uma obra de grande patriotismo, e m dúvida, que deve ser animada com todo o carinho e merecer de todos os portugueses de bom censo a melhor simpatia.

No Brasil está sendo distribuída pelo Departamento de Turismo e Propaganda de Portugal, a publicação mensal que o Sr. Henrique Galvão dirige em Lisboa, dedicada á expansão do Império Colonial Português.

Pela orientação desta revista, como pela valiosa colaboração que encerra, a "Portugal Colonial" torna-se interessante para todos os portugueses, que certamente não deixarão de lhe prestar o seu apoio.

Por ela se pode conhecer o grande desenvolvimento que as nossas províncias ultramarinas atingiram, obra gigantesca que tão desconhecida é ainda.

As mulheres são como as ondas do oceano; todas a mesma, nenhuma semelhante. — Daniel Darc.

—

A pobreza suporta-se sempre bem, quando se é feliz por outro lado.

FESTAS ANTONINAS Na America do Norte



Em Washington, realizaram-se também as Festas Antoninas, vendo-se nesta gravura uma procissão comemorativa e o encarregado de Negócios de Portugal, Dr. Mendes Leal, com o superior dos franciscanos.



Saúde Física e Mental

Bismark disséra: "a força suplanta o direito". Na ordem material das coisas, especialmente assim é.

O homem seguro da sua força, com mais facilidade conseguirá melhor êxito nos negócios, na vida, o que não sucede em regra geral ao mais fraco.

A maioria das pessoas entristece quando ao se mirarem num espelho notam o seu atrofiamento, vendo o peito deformado, os braços e as pernas esqueléticas e tez pálida, características estas de debilidade organica.

Outras ha que em virtude de excessos de diversas espécies, se sentem alquebradas, desalentadas, enfim, sem energia para arrostar com as contrariedades da vida, che-

gando muitas vezes a comprometerem o seu futuro, devido á sua indolência, resultante da sua debilidade física.

Existe felizmente e está ao alcance de todos o remédio salutar para o mal que vimos de apontar. Para obtermos esse remédio basta que nos compenetrems das leis biológicas e das forças da natureza.

A máxima de Juvenal nunca será alterada. O aumento de energia, alarga naturalmente a capacidade intelectual, criando o valor moral, que se verifica pelo esforço da vontade. O equilíbrio intelectual, é a reflexão de uma mente sã, produzida por um corpo são.

Quando se aumenta o vigor físico, por exercícios bem orientados, metódicos, produz-se, igualmente, um aumento das faculdades intelectuais e da força de vontade.

A atividade intelectual não depende só dum cérebro lúcido como a lucidez depende da boa circulação do sangue; para essa atividade ser manifesta, ser perfeita e manter-se intensamente, necessario se tornam os exercícios corporais para conservar o organismo são.

Se a atividade mental representa gasto de energia para um corpo debilitado, mais se debilitará, quanto mais fôr o exercicio mental ou intelectual produzido.

E' indispensavel, porém, que a atividade física juntemos também o repouso, pois, de contrário, produzir-se-ia não só no cérebro, mas em todo o sistema muscular, o esgotamento das células.

O cansaço mental, debela-se em geral com os exercicios corporais, que representam exercicios derivativos para o cérebro.

Terminando, diremos que, as doenças que mais afligem a humanidade, tais como a dispépsia e a prisão de ventre, causadoras da maioria das enfermidades, desaparecem com a prática de exercicios bem compreendidos e orientados.

Mens sana in corpore sano.

SERGIO AUGUSTO VIEIRA.

GRANDE COLEGIO DA BOAVISTA

FUNDADO HA 69 ANOS

PÔRTO

PARA O SEXO MASCULINO

VILA REAL

(PRÓXIMO A PRAÇA DA REPUBLICA)

Internato — Semi-internato — Externato. CURSOS Primario, Liceal (completo) e Comercial — Musica, Dança, etc.

Grande Colégio da Boavista

Rua da Boavista, 112 Telefone, 4068

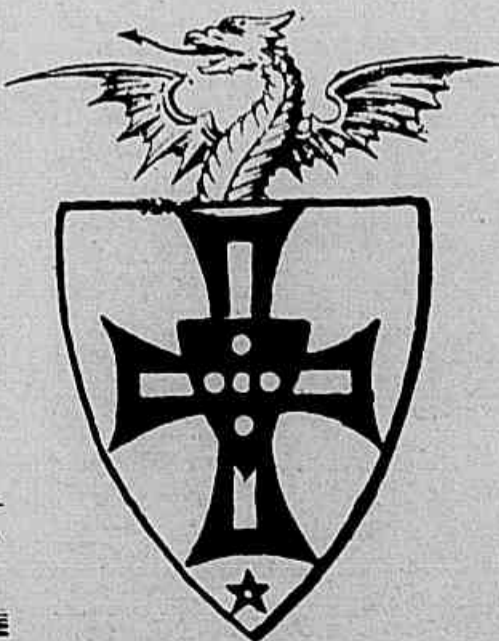
DIRECTORES:

Manuel Pinto Soares
(Antigo professor de ill)

Dr. António Marques Fernandes
(Formado em Letras pela Universidade de Coimbra)

Dr. José Alnos Bonifácio
(Cente da Faculdade de Coimbra)

Como nos anos anteriores, o reverendo P. Joaquim Loureiro Pinto, professor interno do Colégio acompanha de perto a formação moral dos alunos.



Colégio Nossa Senhora da Boavista

FILIAL VILA REAL

Manuel Pinto Soares
(Antigo professor de ill)

António da Silva Miranda Guimarães
(Antigo professor de ill)

Os alunos deste Colégio frequentam o Liceu

Desde as 19 horas até as 21 funcionam cursos de explicações para todas as classes

A educação moral e religiosa está a cargo do Reverendo Padre Angelo Minhava, secretario da Câmara Eclesiastica

REABREM, no dia 7 de Outubro em VILA REAL e no dia 10 no PÔRTO

Carreio da "LUSITANIA"

Teatro Português no Brasil

FLOR SILVESTRE — Bahia. — O autor dos seus versos é muito conhecido, minha flôr. Muito conhecido e, o que é mais irritante, com muita vida ainda para viver! Concorde que V. foi infeliz, que diabo! mas eu não podia de forma alguma ser conivente consigo num plágiozinho que faria cair Troia pela segunda vez.

—*—
WALDOMIRO ANDRÉ. — O sr., com o seu elogio ao trabalho, teve certamente a nobre intenção de regenerar a Humanidade — esta deshumana humanidade, egoísta e preguiçosa, que anda sempre a estudar a maneira de viver do trabalho... dos outros.

O manjolo, sóca, sóca,
O bom milho pra farinha,
E o caipira, toca, toca,
A enxada na rocinha.

Soa o malho do ferreiro,
Na lida, no bom fanal.
No curral berra o carneiro,
Com vontade de pastar.

Apoiado! Como pintura do natural, nem o nosso Malhoa seria mais expressivo. Quem é que não ouviu ainda o malho do ferreiro soando no bom fanal? Quem não terá escutado ainda, ao menos uma vez na vida, um carneiro berrando com fome?

Conversemos agora muito a sério, sr. Waldomiro. Os seus versos não estão bons. Errados na técnica e muito banaizinhos na idealização.

Quanto ao bom intuito, se o teve, é latim perdido. E' doutrina que já não pega. A propósito, deixe-me contar-lhe dois casos bem eloquentes.

Figura no primeiro caso um malandrão incorrigível que, de melena bimbalhante e "mente às musas dada", certo dia tentou recitar numa festa de beneficência o conhecido "Hino ao Trabalho":

Trabalhai, oh meus irmãos,
que o trabalho é honra,
é virtude...

...Nisto engasga-se, esquece o resto, procura por toda a parte a sequência do Hino, dá tratos negros à memória e à melena, acabando por fim com este remate:

...e é uma grande maçada!

Não teria esse diabo as suas razões?
O segundo caso deu-se com este seu



O desembarque da Companhia Adelina-Aura Abranches, que no dia 11 do corrente estreou, com grande sucesso, no Teatro República.

criado, em Portugal, ha uma boa dúzia de anos.

Era meu vizinho, na aldeia, um matulão agigantado e sádio, que amava o descanso sobre todas as coisas e a preguiça como a si mesmo. Bem que a velha se amofinava, coitadita, gritando-lhe a toda a hora:

— Vai trabalhar, vagabundo! vai trabalhar, vagabundo!

O madraço, porém, fazia ouvidos de mercador, e permanecia de barriga ao sol, dormindo ou jogando a manilha com outros filósofos da sua escola.

Um dia, entusiasmado não sei já por que leitura, rimei uma formidável cantata de exortação ao trabalho, e chamei o homem. Ele ouviu os meus versos (que em perfeição literária poderiam certamente emparelhar com os do sr. Waldomiro), olhou-me com ar de superior desdém e respondeu:

— Vá prégar a outra freguesia! Traba-

lhar é para os trouxas! Eu nasci com vocação para doutor!

Como vê, ilustre colega, posso falar de catedra. Ainda que os seus versos estivessem perfeitinhos, seriam como pérolas atiradas a porcos.

Dr. SEVERO.



FESTAS SPORTIVAS — Batismo do novo "double-scuil" trincado "Fox", oferecido ao campeão de mar Vasco da Gama, pelo sócio Sr. João Braga.



Enlace do Sr. António Gomes Marques, sócio da Impressora Limitada, de Lisboa, com a Srta. Isabel Gonzalez de Silva Reis.

Um repórter fôra incumbido de escrever a notícia do assassinato de um rico industrial. Descreveu os pormenores com minuciosidade e concluiu com esta frase: "Felizmente para o morto depositára na véspera todo o seu dinheiro no Banco, de modo que apenas perdeu a vida".

POESIA

PURA

Por FERNANDA DE CASTRO

A Poesia foi sempre, através dos séculos, a síntese das esperanças, das quiméras e das ambições dos povos. Mais ainda: foi sempre o resumo dos seus feitos, das misérias e grandezas de cada época. Sem a epopeia das Cruzadas, ficaria muito empobrecido o tesouro literário dos séculos XI, XII, XIII; sem as carnificinas dos guerreiros primitivos, que apenas tinham a ambição de alargar fronteiras ganhando, palmo a palmo, a terra dos outros, não se teriam criado os romances de Cavalaria. As canções de gesta foram a consequência lógica das façanhas de Carlos Magno e dos seus companheiros de armas. Sem as virtudes épicas de Artur, último rei dos bretões, não teria sido imaginada a lenda da Tavola Redonda.

Os romances de Amadis, de Vasco Lobeira e os outros, que tanto apaixonaram a Europa, mostram claramente, pelo número de traduções que tiveram, a que ponto sintetizavam os sentimentos de toda uma época.

A missão do verdadeiro poeta foi sempre conduzir a imaginação dos homens para além das fronteiras materiais, arrancando a Ideia à Forma — a Ideia que absolve a Ação.

O que seria, sem a ideia de Deus, a história do cristianismo? O que seria, sem a ideia da Pátria, a obstinação dos povos em volta dum palmo de terra encharcado em sangue? O que seria, sem a ideia do Infinito, a reprodução das espécies?

A Poesia, na opinião de Valéry, tem os seus dias contados porque a máquina e o cinema destruíram, em grande parte, a necessidade do alimento espiritual que teve, durante séculos, a Poesia por base.

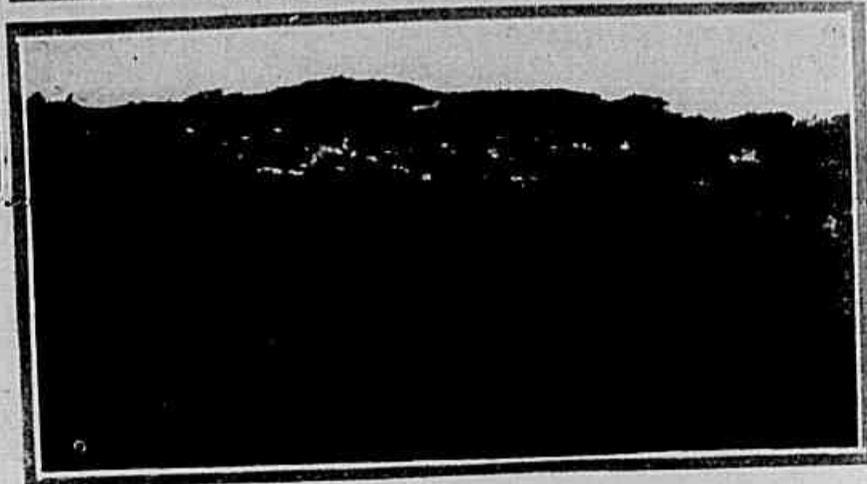
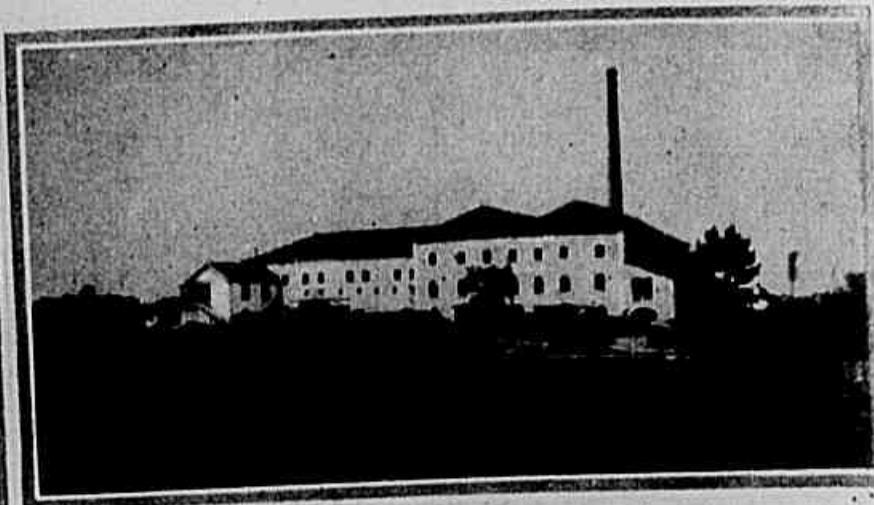
A máquina é, com efeito, a Poesia do século XX. A ideia da Pátria não deixou de existir, mas é nos ministérios, e não no campo da batalha, que exerce verdadeiramente a sua ação. Os soldados de hoje, filhos dos guerreiros de ontem, obedecem a uma ordem impressa, que nem sequer entendem, e não ao impulso irresistível que atirou D. Sebastião para os campos de Alcácer-Kibir. A ideia de Deus paira ainda sobre os homens, mas já não ha Cruzados, e o Poeta, mesmo cheio de boa vontade, não póde cantar, com o mesmo entusiasmo, a cruz vermelha de Cristo e os rosários das senhoras devotas. A ideia do infinito, essa começa a desaparecer. O que ha, neste século, de verdadeiramente impossível, de verdadeiramente inacessível? A viagem à Lua? O intercambio com Marte? Quem sabe? Ninguém quer parecer ingénuo e, se já se inventou o submarino, porque não se ha-de inventar, amanhã, a máquina que atravesse todas as atmósferas e destrúa as fronteiras entre os astros?

Diz ainda Valéry: "A nossa indiferença pela Arte cresce dia a dia. A Arte deve corresponder a uma necessidade. Dantes, a



Uma Linda Região e uma Terra que Progride

Três aspéto de Souto da Branca, pelos quais se póde avaliar o encanto e o progresso desta região. Vêem-se nestes três aspéto: uma procissão, o edifício da Fábrica de Cerâmica e uma vista da povoação.



vida era calma e permitia o sôno. Agora falta-nos o tempo e creio que, se a Poesia não tivesse sido inventada antes dos nossos dias, não o seria nunca".

Será, realmente, a falta de tempo que prejudica a Poesia, ou antes, como crêmos, a falta de assunto? A falta de tempo é antes um estímulo. A nossa condição humana tem, na base, o gôsto da contradição. Todos sabem que, se o verdadeiro artista pode nascer em todos os berços e em todas as condições morais ou sociais, a sua obra-prima é aquela que foi mais torturada, aquela que brotou da miséria, da dôr, ou da febre. A calma, a opulência, a tranquilidade moral e material são antes, normalmente, agentes destruidores de energias. Gil Vicente e Camões foram os grandes mártires das letras portuguesas.

A escassez de assunto, porém, aniquila o poeta. Cantar, sim, mas cantar o quê? Deus e a Guerra, como os primitivos? O heroísmo, como Corneille? "Os direitos do homem", de que Beaumarchais foi o precursor?

O "porquê?" e o "para quê?" de Shakespeare? O Amor, como os grandes românticos? O moralismo de Tolstoi? As teorias sociais dos russos? Darwin? Freud? Lenine?

E' frequente acusar-se o poeta de hoje, ridicularizá-lo, desvirtuar-lhe as intenções, negar-lhe sinceridade, porque, em vez de cantar a Vida e a Morte, canta a Fôrça e o Movimento. Mas se a máquina é realmente o grande fulcro do século, Marinetti, ao cantar o avião e a T. S. F., é tão sincero como Lamartine e Musset ao cantarem o amor.

O assunto é duro, difícil e arido, é certo, mas não são os poetas que formam as épocas, são as épocas que formam os poetas.

E' eloquente a reação dos modernos perante a secura dos têmes que a verdade lhes impõe. Criou-se o termo de "poesia pura" para distinguir a poesia cerebral das ideias da antiga poesia dos sentimentos.

A Poesia Pura, segundo Claudel, tem as

suas raizes nos grandes clássicos e aspira à simplicidade dos primitivos. E', porém, em face dos primitivos, demasiado erudita e abusa das citações:

"C'était Herculanium, Pompei, Jéricho..."
(Jean Cocteau).

"Soit épouse de Cygne, Europe ou Danaé,
soit l'enfant Ganymède à ses jeux dérobé."
(François Paul Alibert).

"La flute sur le lac et l'écho sur la rive,
Venise, Bénarés, Bagdad, Lesbos, Sion;"
(Emmanuel Lohac).

"Et voudraient être César partout ailleurs
qu'à Pharsale?"
(Georges Chennevière).

Pobreza de imaginação, fraqueza, indigência emotiva? Não. Um simples recurso. As evocações de deuses e de países lendários, as simples enumerações de cidades:

"Venise, Bénarés, Bagdad, Lesbos, Sion..." criam o ambiente que falta ao Poeta.

Estará realmente a Poesia condenada a desaparecer? E' possível que não. A Poesia é para o cérebro o que o desporto é para o corpo: um tónico, um estimulante. A Poesia, que é o sangue do espirito, só desaparecerá quando desaparecer a raça humana com as suas fraquezas, as suas taras e os seus ideais.

Ouçamos, porém, com simpatia, com inteligência, com uma indulgente compreensão, a queixa amarga dos "Poetas em busca da Poesia", o grito de Léon-Paul-Forguc:

"— Rendez-nous, s'il vous plait,
Nos chagrins et nos sômmes,
Et reprenez vos 1000 H. P."

FERNANDA DE CASTRO.

DIVORCIO NO URUGUAY
divorcio absoluto, conversão
desquite, novo casamento
Inform. sr. CICA
AVEN. RIO BRANCO, 77 - 3 and
Caixa Postal 1494 - PIO

Lamentação Romântica

Por BOURBON E MENEZES

*La possession dégoute.
Et pourtant je te veux toute
jusq'á la dernière goutte.*

*Car, jamais désaltéré,
sur tes lèvres je boirai
toujours de l'inesperé.*

J. RICHPIN.

Não sei se deva atribuir a Marcel Proust, de quem estive a ler algumas páginas, o encantamento com que me trespassou, e parece não querer dissipar-se, esta luz diáfana e virginal que não me canso de admirar. Neste instante nada se me afigura tão merecedor de adoração como ela. Não me diz nada, e fascina-me! De que será feito este prodígio? Se tem oiro, está tão diluído que não se verifica. Parece antes opalina. Ha momentos, como uma andorinha dêsse mostras de reparar em mim, atrevi-me a chamá-la com a ideia de lhe perguntar:

— Olha lá! Sabes dizer-me para quem tanta beleza?

Mas a dodivanas soltou um trisso, e outro, assim a modos de quem faz troça — que garotona! — abalou, e sumiu-se na claridade. A natureza é esfingica. O homem contempla-a, horas a fio, embevecido e interrogador, e se dá balanço ao resultado do seu cismar sobre a fugitiva graça das coisas, reconhece que o mistério é o sangue mesmo do seu êxtasi.

Confesso-me um cortejador platónico de núvens, de árvores e de estrélas.

Quando era môço — estou a lembrar-me bem — o tempo que me sobejava da leitura dava-o á deleitação apaixonada de observar estas sublimes banalidades do folhetim quo-



FOOTBALL em Viana do Castelo



O Club Salgueiros, do Porto e o Celta, de Vigo, realizaram um desafio no campo de jogos de Viana do Castelo, tendo o Celta vencido por 1x0. Vêm-se nestas gravuras os dois teams em confraternização e uma fase do jogo. (Fotos Jaime Ferreira, Porto).

tidiano do Universo: a melodiosa magia do horizonte quando, extenuada, a tarde lhe cola os lábios sedentos e febris: a palpitação das folhas nos jardins: o colóquio do luar com a noite... Pelo entardecer, seguindo sempre o mesmo itinerário, dava o meu passeio, que findava num banco da Avenida. Estou a ver o Fialho, com a bengala atrás das costas, fraque cinzento, á porta da Tavares Cardoso — onde hoje fica o La Gare — empertigado, quasi focinhudo, com dois olhinhos vivos, marotoços, que dir-se-iam fazer surriada á barba respeitavel do panfletário aposentado. A' tardinha, na Avenida, passam-se factos consideráveis. Entretinha-me ali tempos infinitos, enlevado na estouvância da passurada. Gostava daquilo — pa-

lavra de honra! Mas a vida não se pode viver debaixo das árvores escutando a concertina travessa dos passarinhos e aguentando no chapéu o seu desdém incorrigível. Tive de me exonerar dêsse encargo de observar núvens, pássaros e árvores. Como Deus, além da contemplação também inventou a ação, julguei que ela igualmente fosse boa. Colei, então, pelas esquinas, cartazes sediciosos, confabulei em conjuras, premeditei a agitação que pôe de pé os cabelos do burguês, ajudei mesmo a fazê-la. Quando, certa noite, no Martinho, se fez uma barricada, — nesse tempo o Martinho não era frequentado pelos herdeiros de Sdevem — estive lá. Recordo-me de que ajudou a despedaçar uma das mesas o caixeiro da mercearia de onde gastava a minha família. Que emoção heroica — irra! — quando uma companhia da Municipal fez fôgo sobre os insurrétos! Mas os anos passaram, o prestígio fatal com que a ação aparecia ao meu espirito principiou a parecer-me fraudulento, descoroçoei, fastiento e melancólico. E, de novo, voltei a olhar para as núvens, as estrélas e os pássaros — os que chilreiam, que dos outros cada vez estou mais farto.

Neste contemplativismo reincidente ha, porém, devo confessá-lo, uma dose razoável de senso práctico.

Contemplo, mas com prudência e parcimonia.

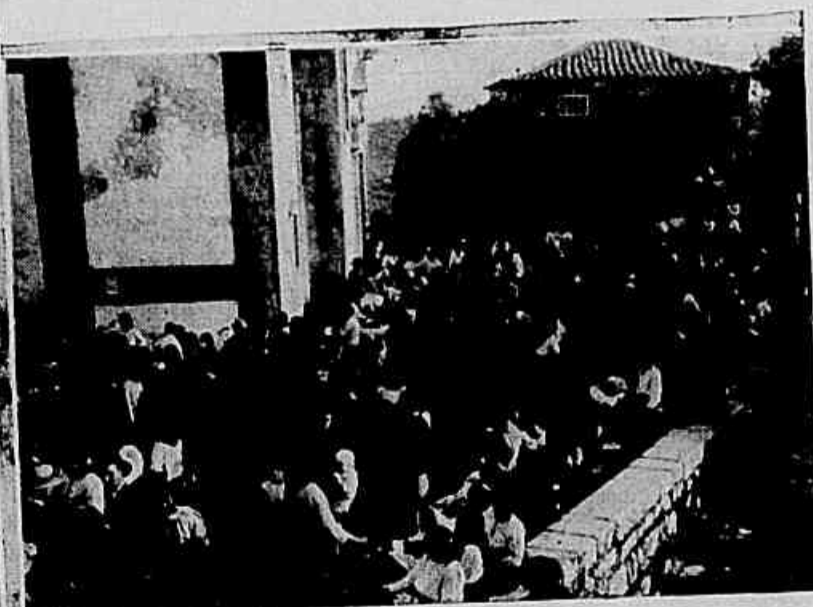
A sociedade é fortemente adversa aos contemplativos. Compreende-se. Quem diz contemplação, diz vagabundagem espiritual, certa opposição romântica ás miudas conveniências que, em nome da ordem, ha que venerar com fidelidade e pontualidade. Estar duas ou três horas, num banco de jardim, mirando as cambiantes do céu, não é atitude que se recomende. Forçoso se torna renunciar á contemplação para não perder o crédito necessário ao transitio social.

Eis aqui, caro leitor, muito pela rama, em confissão um pouquinho amarga, o drama recondito do plumitivo.

O meu drama!

BOURBON E MENEZES.

ROMARIAS



VILA MAIOR — Dois aspétos da festa de Santa Luzia, ha pouco realizada nesta localidade. (Fotos Edgar Santos).

VAI A PORTUGAL Marque, as suas passagens de regresso, na mais acreditada agencia de passagens e passaportes, PAULO, FILHO SUCESSOR, á Praça da Batalha, 82-83, Porto, cuja existência comprovam a sua honestidade. Esta casa além de vender as passagens com os mesmos abatimentos feitos pelas companhias geraes, trata sem remuneração dos vistos nos passaportes dos srs. passageiros. **E' UTIL SABER.**

MUNDANISMO

Sociedades Portuguesas

FAZEM ANOS:

HOJE — A menina Aurea Célia, filha do nosso amigo Lourenço Júlio Teixeira, que completa 4 anos de existência.
— A menina Thei Menke, filha do Sr. Frederico Menke Mendes.
— O menino Carlos Correia, filho do Sr. Correia de Faria e de D. Constança Correia de Faria.

— O Sr. Francisco José do Monte.
AMANHÃ — O Sr. conselheiro Camélo Lampreia, a quem cumprimentamos.
— Paulo Martins Ferreira, filho do Sr. Manuel Martins Ferreira.
— A Sra. D. Adelaide Cardoso Duarte, esposa do Sr. José Pinto Duarte.

DIA 18 — O menino Francisco, filho do Sr. Abel Martins Ferreira.
— O Sr. António Manuel Areias, comerciante.

DIA 19 — A menina Martazinha, filha do Sr. Francisco Ferreira Azevedo.
— Carlos Almeida, filho da Sra. D. Maria da Conceição Almeida.

— O Sr. David Correia Martins, da firma A. Martins.
— A Sra. D. Eliza Cardoso Botelho, esposa do Sr. Germano Botelho, do comércio desta cidade.

— O Sr. Januário José Fernandes, desta capital.
— O menino Tabajara Vidigal, de J. Botocabal, neto do Sr. José Vidigal.

— O comerciante Sr. José Gomes.
— O nosso amigo e compatriota Sr. António da Costa Santana.

— O Sr. José Correia Lemos, representante geral e gerente da nossa sucursal em S. Paulo, a quem saudamos sinceramente.

DIA 21 — O Sr. Eduardo Lopes de Figueiredo, desta capital.
DIA 23 — O Sr. Humberto Giongo, gerente da N. C. R. Carioca, Departamento de Registradoras "National", da Casa Pratt.

DIA 24 — O nosso prezado amigo e compatriota, Sr. Alfredo Rebelo Nunes, chefe da Casa Nunes, desta capital.
— A menina Alice, filha do Sr. Francisco de Sousa e de D. Eugénia Azevedo de Sousa.

— O Sr. João da Costa Soares, do comércio desta capital.
— O Sr. Antero Augusto Silva, comerciante.

DIA 25 — O Sr. José Duarte Lopes Correia, negociante.
— O Sr. Manuel Medeiros, guarda-livros nesta capital.

— O menino José, filho do Sr. Manuel Carneiro Dias.
DIA 27 — O Sr. António Teixeira Sampaio, chefe da Venerável Ordem 3.ª da Penitência.

— A menina Maria José, filha do Sr. Abel Martins Ferreira.
DIA 28 — O nosso amigo e compatriota Sr. Francisco Ferreira Ramos, comerciante.

— O menino Arlindo, filho do Sr. Patrício Caminha de Sousa e de D. Tomásia de Sousa.
— A menina Aurea, filha do Sr. José Dias e de D. Luz Clara Dias.

DIA 29 — A Srta. Carolina dos Santos Heléno.
— O Sr. José Pereira de Andrade, do comércio de Pernambuco.

CENTRO NUN'ALVARES PEREIRA

Assistência que ouviu a palestra do professor Sr. Tito Livio, que falou sobre a personalidade do patrão do Centro, o herói da batalha de Aljubarrota. Na primeira fila vê-se o conferencista entre os diretores da sociedade.

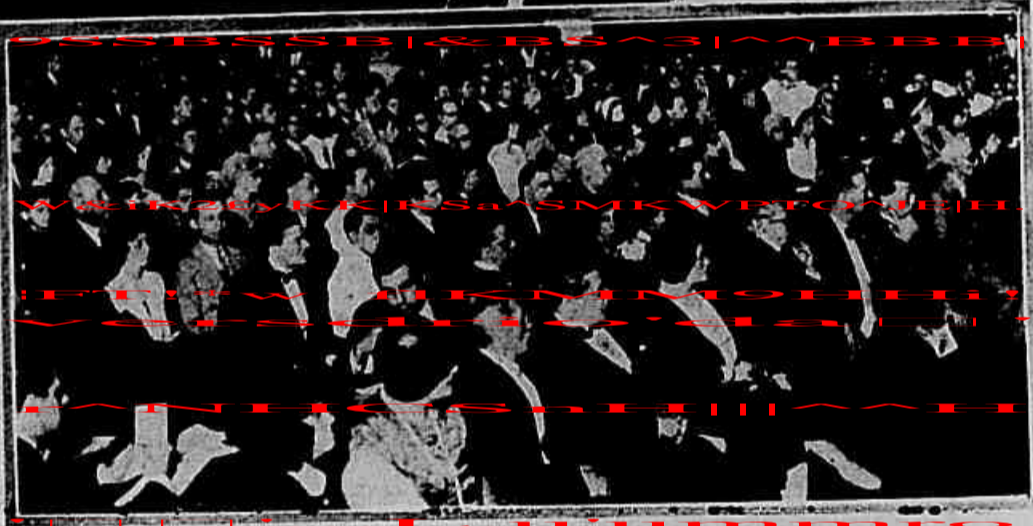


NA LIGA MONARQUICA

Um grupo de assistentes a festa promovida em homenagem à Srta. Amélia Borges Rodrigues, candidata oficial dos Grupos "Paiva Couceiro" e "Acção Realista" ao título de "Rainha" da Colónia Portuguesa.

LICEU LITERARIO PORTUGUES

Um aspecto do salão do Gabinete Português de Leitura, no dia da comemoração do 63.º aniversário da fundação do Liceu, da qual foi orador o escritor Coelho Neto e onde foram distribuídos os prêmios aos alunos mais distintos.



O melhor réclame

Numa aldeia em que o povo se dava com os condes, barões, e com todos os ilustres homens, certo barão fez o seguinte concurso: vêr qual o merceiro da terra que fazia o melhor réclame á sua casa; indo visitá-los passados três dias. Eis o que obteve o primeiro lugar: VB, VB, VB, VB, VB, VB, VB, VB, VB.

O barão perguntou ao merceiro o que queria dizer aquilo, respondendo-lhe éle: — Vitorino Barnabé, vende barato, vassouras, batatas, bananas, vegetais, bacalhau... Veja barão, visite balcão, verifique balanças.

gens, batatas, vassouras, bananas, vegetais, bacalhau... Veja barão, visite balcão, verifique balanças.

250 PALAVRAS OU MENOS Por 5.000\$000

A "SUL AMERICA" organizou um concurso sobre o thema "O QUE O SEGURO DE VIDA REPRESENTA PARA MIM". A qualquer pessoa é facultado enviar, até 31 de Outubro de 1931, uma composição sob a forma de carta, artigo, novela ou dissertação até 250 palavras, expondo o que pensa sobre o seguro. Serão distribuídas as recompensas seguintes:

- Um 1.º PREMIO de 5.000\$000
- Um 2.º PREMIO de 2.000\$000
- Um 3.º PREMIO de 1.000\$000
- E 20 PREMIOS de 100\$000

O Jury compõe-se dos Srs. Drs. James Darcy, Aloysio de Castro, Vergne de Abreu, João Ribeiro e Alvaro Pereira. Para informações mais minuciosas dirijam-se á Companhia, solicitando a remessa de um folheto explicativo.

"SUL AMERICA"
Caixa Postal 1946
RIO DE JANEIRO

CHAPÉOS PARA SENHORAS
Lindos Modelos a Preços reduzidos
SÓ NA
A Regia
175-R, 7 Setemb. - 175
Tel. 2-0822

DIA 30 — O Sr. José de Lemos Paulo, desta capital.
— A Srta. Celeste Martins Ferreira, filha do Sr. Manuel Martins Ferreira.
— D. Carolina Heléna da Luz, esposa do Sr. M. Gomes da Luz.
— A Sra. D. Maria de Jesus Almeida, esposa do nosso amigo Sr. Manuel Ferreira d'Almeida, da firma Vinha, Fernandes & Companhia.
— A menina Mariazinha, filha do nosso amigo Sr. Lourenço Júlio Teixeira, a quem felicitamos.
— A Sra. D. Estér Coutinho Almeida, esposa do Sr. Alexandre Gonçalves Almeida, da firma A. Cardoso de Gouveia & Cia.
— O Sr. José Valente de Pinho, do comércio desta capital.
— O Sr. José Pinto Duarte, proprietário e chefe dos Laboratórios Almeida Cardoso.

O SENSACIONAL CONCURSO DA RAINHA DA COLÔNIA

A Cêdofeita presta
significativa homenagem
às candidatas ao
honroso título



As candidatas com os chefes da casa.



A mesa de chá e doces oferecidos às candidatas.

Foi um verdadeiro triunfo o chá dansante que a firma B. Pereira & Cia., proprietária da acreditada e conhecida casa de calçados "A CÊDOFEITA", Avenida Passos, 17, ofereceu às candidatas que disputam o título de Rainha da Colônia, organizado por "Pátria Portuguesa" e "Lusitânia".

Os quatro espaçosos pavimentos onde está instalada "A CÊDOFEITA", transformaram-se num refúgio de sedução, repletos como estavam de tudo o que de mais fino existe na sociedade carioca. As candidatas ao título de Rainha, compareceram na sua quase totalidade, e com a sua beleza, com a sua inteligência e a sua graça, voejando através daquelas salas imensas e confortáveis, imprimiam a essa inolvidável festa, um cunho de requintado brilho social.

O serviço de *bufet*, magnificamente organizado, era abundante



Um aspecto da assistência que abrilhantou a linda festa.

e rigorosamente servido, nada faltando: champagne, chá, chopp, cerveja, guaraná e águas minerais.

Os Turunas de Botafogo, com o seu excelente Jazz-Band, davam a essa festa adorável, a nota alacre e palpitante daquela noite memorável.

Os sócios da firma B. Pereira & Cia. foram de uma amabilidade verdadeiramente cativante para com todos os seus convidados: todos saíam radiantes; e quando os últimos convidados, às 21 horas e 30 minutos, abandonavam o conhecido estabelecimento, só lamentavam que o elegante chá dansante não se tivesse prolongado até ao dia seguinte.



—O médico disse que poucos dias restavam de vida ao nosso compadre...
—Não acredito. Sempre ouvi dizer que ele tinha de morrer na cadeia!...

TEM GRAÇA E NÃO OFENDE

Velho rifão

Acossado por um cão, o Zequinha trepa a uma árvore, perante a qual o cão não cessa de ladrar:
—Podes descer — dizem-lhe — porque "cão que ladra não morde".
—Nunca fiando, que ele pode não conhecer o rifão.



—Não ha mulheres como as do nosso tempo!...
—E' verdade... mas eu gosto mais das de hoje, porque as outras estão velhas!



—Seu marido já está curado da cleptomania?
—Está quasi restabelecido... Agora só furta objetos de valor.

A má língua

De uma conversa entre duas amigas e a respeito doutra, ausente:
—A D. Alice não é má rapariga, mas parece-me um tanto misantropa.
—Se é! Imagina tu que até canta duettos sósinha...

Resposta certa

Um amigo encontra outro todo vestido de luto, e sabe então que ele enviuvára:
—Pois sinto muito o teu desgosto. E ha quanto tempo estás viuvo?
—Desde que aquela santa faleceu.

Um bom conselho

Um amigo que anda muito constipado pergunta a outro:
—Que te parece que devo eu comprar para esta constipação?
—Pelo menos uma dúzia de lenços.

Bom resultado

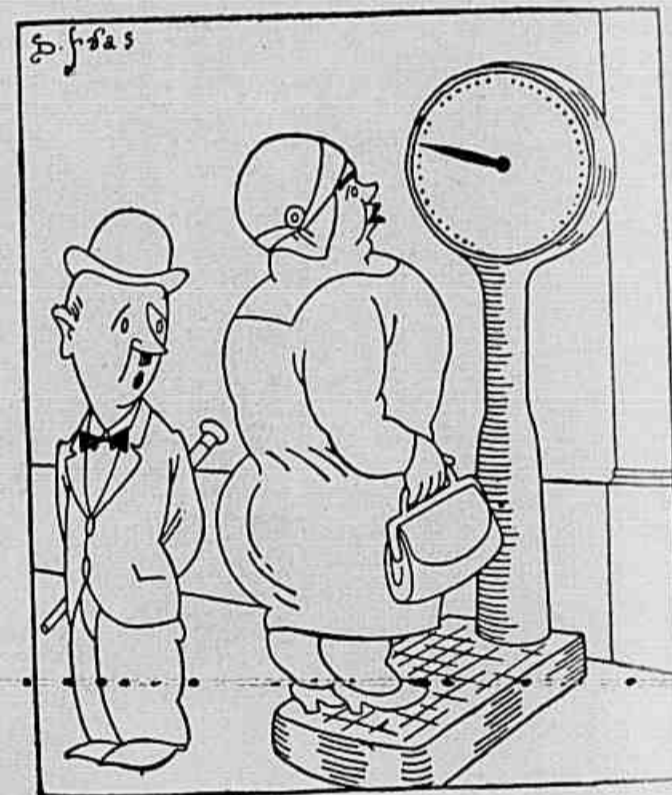
Duas amigas falam de uma terceira, que não vêem ha muito e que sabem ter sido submetida a uma operação:
—Essa operação deu bom resultado?
—Magnifico. Fez com que ela casasse com o médico.

Exemplificando

Dois mezes depois de casada, a D. Pulquéria diz para o marido:
—Tu já não tens para comigo as atenções que tinhas quando nos namoramos.
—O' menina, tu já viste alguém correr atraz dum elétrico depois de o ter alcançado?

Esperteza da roça

Um fazendeiro leva a mulher a ver um museu de escultura. Ao passarem em frente de uma reprodução da Vénus de Milo, a mulher exclama:
—Olha esta desgraçada com os braços partidos...
—Sai dai depressa, que não vão julgar que foi algum de nós que os partiu.



Ele — A balança não está boa. Não é possível de ontem para hoje pesares menos quarenta quilos.
Ela — E' que hoje trago uma cinta que me fez desaparecer a barriga.



—O senhor está despedido. Cá no escritório só serve para dar maus exemplos.
—Maus exemplos, eu? Como pôde ser isso, se quasi nunca cá venho?!



—Se eu agora morresse, tu que fazias?
—Que pergunta, mulher! Mandava-te fazer o enterro.

PATRIA PORTUGUESA



E



LUSITANIA

As melhores publicações
portuguesas que se editam
no Brasil

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

DE

C. Cruz & Cia. Ltda.

Escritórios de Redacção e Administração :

Praça Tiradentes, 73-2.º

FONE 2-0141

Officinas Gráficas Proprias:

Avenida Gomes Freire, 138--140

FONE 2-2437

Caixa Postal 980

Endereço Telegráfico: "Patriota"

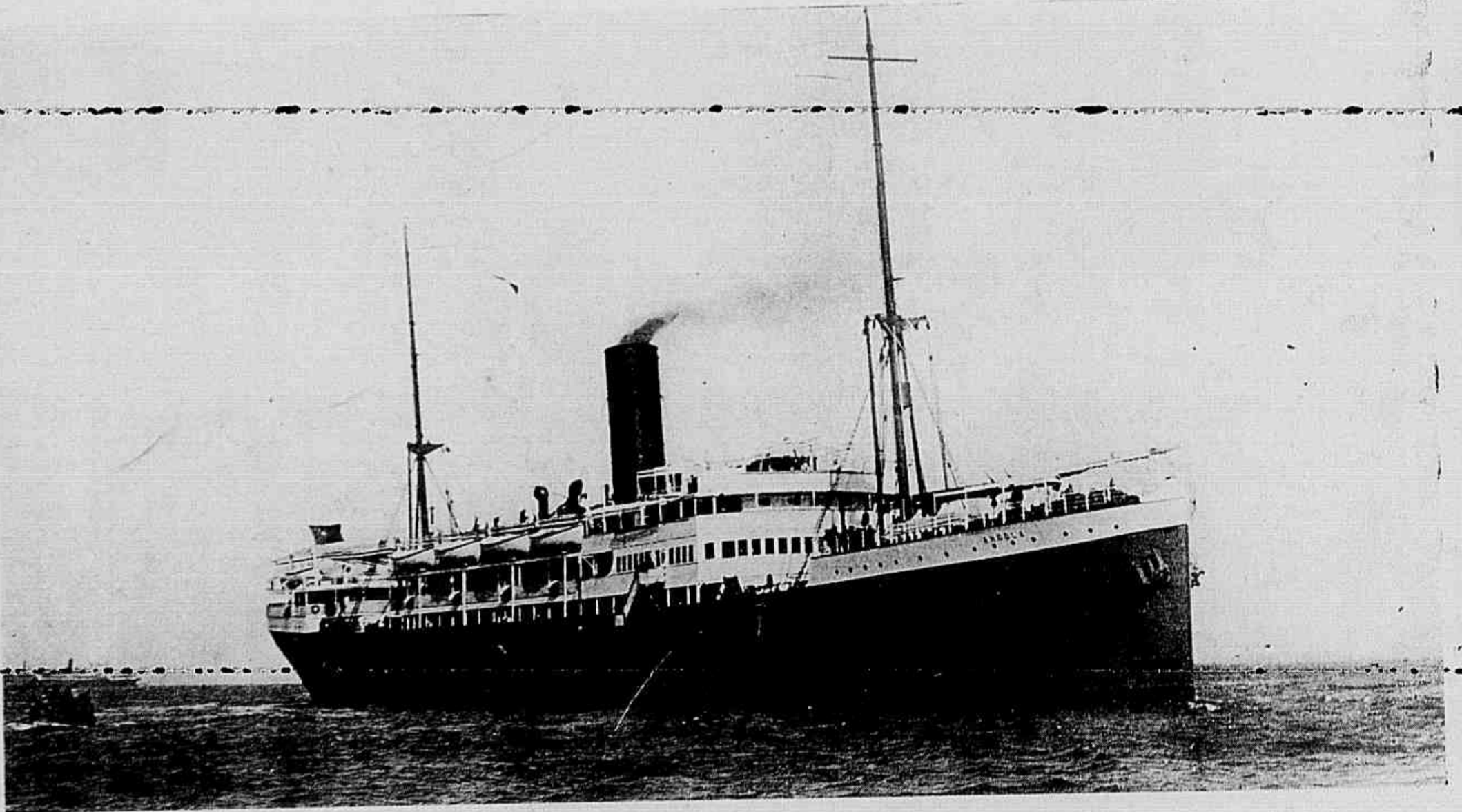


RIO DE JANEIRO

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

S. A. R. L.

Séde : LISBOA, Rua do Comércio, 85 -- Sucursal : PORTO, Rua Nova da Alfandega, 34
TELEG.: "OCIDENTAL"



O grande vapor "Angola", que este mês virá pela primeira vez ao Brasil

Superintendente nos serviços do Brasil :

JULIO DE ARAUJO

Rua Primeiro de Março, 51 - Rio
Telefone 4-1852 :: Telegramas: OCIDENTAL

AGENCIAS:

RIO DE JANEIRO	SANTOS	S. PAULO	RECIFE
Magalhães & Cia. Rua 1º de Março n. 51 Tels.: 4-2029 e 4-1852 Teleg.: "Riodouro".	Bento de Sousa & Cia. Rua General Camara, 168 Tel.: 230 — C. P. 90 — Teleg.: "Bento".	Companhia Nacional de Navegação Rua da Quitanda n. 1 Teleg.: "Ocidental".	Anibal Gouveia Av. Moraes Rêgo, 73 - 1º Telef. 9333 — C. P. 277 Teleg. "Alveia".

SERVIÇOS REGULARES ENTRE LISBOA

FUNCHAL — PROVÍNCIA DE CABO VERDE — PROVÍNCIA DA GUINE'
PROVÍNCIA DE S. TOME' E PRINCIPE — PROVÍNCIA DE ANGOLA
AFRICA DO SUL — PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE — BRA-
SIL (RIO DE JANEIRO, SANTOS E PERNAMBUCO)
— HAMBURGO — ROTTERDAM E ANVERS.